

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

MATEUS RODRIGUES DOS SANTOS

**LAZER NOTURNO LGBTQIAPN+ EM ARARAQUARA E SÃO CARLOS:
SOCIABILIDADES NÃO HEGEMÔNICAS NO INTERIOR**

São Carlos
outubro de 2024

MATEUS RODRIGUES DOS SANTOS

**LAZER NOTURNO LGBTQIAPN+ EM ARARAQUARA E SÃO CARLOS:
SOCIABILIDADES SEXUAIS NÃO HEGEMÔNICAS NO INTERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Antropologia Social do Departamento de Ciências Sociais da
Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Antropologia Social
Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

Banca examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (UFSCar) - orientador
Prof. André Rocha Rodrigues (USP) - co-orientador / membro externo
Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro (Unesp) - membro externo

Mateus Rodrigues dos, Santos

Lazer noturno LGBTQIAPN+ em Araraquara e São Carlos:
sociabilidades não hegemônicas no interior / Santos Mateus
Rodrigues dos -- 2024.
167f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus
São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Luiz Henrique de Toledo

Banca Examinadora: Luiz Henrique de Toledo, André Rocha
Rodrigues, Ana Lúcia de Castro

Bibliografia

1. Antropologia urbana. 2. Etnografia. 3. Sexualidade e gênero. I.
Mateus Rodrigues dos, Santos. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Relatório de Defesa de Dissertação

Candidato: Mateus Rodrigues dos Santos

Aos 10/10/2024, às 14:00, realizou-se na Universidade Federal de São Carlos, nas formas e termos do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, a defesa de dissertação de mestrado sob o título: LAZER NOTURNO LGBTQIAPN+ EM ARARAQUARA E SÃO CARLOS: SOCIABILIDADES NÃO HEGEMÔNICAS NO INTERIOR, apresentada pelo candidato Mateus Rodrigues dos Santos. Ao final dos trabalhos, a banca examinadora reuniu-se em sessão reservada para o julgamento, tendo os membros chegado ao seguinte resultado:

Participantes da Banca	Função	Instituição	Resultado	Resultado Final
Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo	Presidente	UFSCar	aprovado_	<u>Final</u>
Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro	Titular	UNESP	aprovado_	<u>Aprovado</u>
Prof. Dr. André Rocha Rodrigues	Titular	USP	aprovado_	

Parecer da Comissão Julgadora*:

A banca considerou o trabalho aprovado, destacando a pesquisa etnográfica e o aporte teórico metodológico da dissertação. Recomendando que o pesquisador publique artigos

Encerrada a sessão reservada, o presidente informou ao público presente o resultado. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e, para constar, eu, Luiz Henrique de Toledo, representante do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, lavrei o presente relatório, assinado por mim e pelos membros da banca examinadora.

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

Representante do PPG: Luiz Henrique de Toledo

Profa. Dra. Ana Lúcia de Castro

Prof. Dr. André Rocha Rodrigues

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Luiz Henrique de Toledo, Ana Lúcia de Castro, André Rocha Rodrigues e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

(x) Não houve alteração no título () Houve alteração no título. O novo título passa a ser:

Observações:

- Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.
- Para gozar dos direitos do título de Mestre ou Doutor em Antropologia Social, o candidato ainda precisa ter sua dissertação ou tese homologada pelo Conselho de Pós-Graduação da UFSCar.

Dedico à Terezinha.

AGRADECIMENTOS

De saída, dedico aos amigos, colegas, conterrâneos araraquarenses e os vizinhos de São Carlos que assumiram a posição de interlocutores da pesquisa, produzindo junto a mim este e os demais textos, abrindo as portas de casa e as intimidades para compartilhar suas experiências. Agradeço por terem me depositado confiança;

À CAPES pela fomentação financeira através da bolsa, permitindo, pela primeira vez desde o ensino médio, que eu pudesse dedicar um tempo da vida somente aos estudos;

À minha mãe, que além de complementar o auxílio financeiro da CAPES, auxiliou emocionalmente e teve paciência e orgulho da minha trajetória;

Ao meu orientador, Kike, por ouvir minhas demandas e apresentar propostas e conselhos que fortificassem o andar do trabalho, sempre atento aos meus propósitos, complementando com seu vasto conhecimento, o que ampliava meus horizontes sobre onde a pesquisa poderia chegar;

Ao co-orientador, André, por me guiar em escritas e fazer algumas delas comigo como nosso artigo, por oferecer tantas referências fundamentais, especialmente sobre etnografia, gênero e sexualidade, dominando com maestria os temas;

À professora Ana Lúcia, por continuar apoiando-me na pesquisa e na vida acadêmica mesmo com a transição para outra universidade, em especial, as orientações cirúrgicas e pragmáticas sobre escritas e organização das ideias e dos textos;

Aos demais professores de antropologia da UFSCar e os de ciências sociais da UNESP Araraquara. Cada aula, minicurso, bate papo, encontro, foram fundamentais para amadurecer minha trajetória;

Aos grupos de pesquisa GEPAC e LELuS e seus membros, espaços de trocas de aprendizagens, angústias e alegrias;

Aos colegas de mestrado em especial, Gabriela que rapidamente se tornou uma amiga tão próxima me acolhendo em São Carlos e desbravando a RAM e Niterói junto comigo e Marcela, um companheirismo que venceu a distância imposta pela pandemia, com as constantes trocas remotas de experiências, conselhos, risadas, angústias e escritas;

À Iara Calazans, amiga desde o primeiro ano de graduação. O tempo que passa apenas preserva e aumenta essa amizade;

Aos amigos que não são antropólogos, como Carlos Henrique Fonseca que deu apoio em alguns escritos na gramática e Marjory Santos no inglês. Eliézer dos Santos, Angelita Lima, Igor Linhares e tantos outros que trazem leveza, parceria e companheirismo para o dia a dia.

Ao Patrick Ribeiro que deu afeto e companhia e proporcionou que boa parte da escrita dessa dissertação fosse feita com vista à linda paisagem das cidades históricas de Minas Gerais.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001;

*Vivemos em cidades que você nunca verá
na TV*

Não são muito belas

*Mas com certeza sabemos como comandar
as coisas.*

(Lorde – Team, tradução minha)

RESUMO

Pesquisas sobre sociabilidades LGBTQIAPN+ podem ser comuns em contextos metropolitanos, mas tratando de municípios como Araraquara e São Carlos - SP, tidos muitas vezes como cidades médias e de interior, há uma novidade, pois desloca-se para um contexto empírico pouco explorado, chama a atenção para as diversidades de interiores e das cidades médias brasileiras, problematizando estas noções e estereótipos muitas vezes dirigidos a essas regiões. Este trabalho se inicia nesta linha, apresenta de forma entrecruzada a relação cidade, sexualidades dissidentes e sociabilidade na antropologia e avança inserindo Araraquara e São Carlos, como uma outra dimensão urbana passível destas reflexões, especialmente sob experiências, olhares e condutas não cis heterossexuais. Os bares, boates e eventos aqui etnografados, tem cada um, características atrativas e estruturais próprias que impactam a paisagem urbana de ambas as cidades ao tornarem-se pontos de referência para os moradores LGBTQIAPN+. Nas festas, os processos de sociabilidade são marcados por aproximações, elos, disputas e afastamentos, produzidos por outros marcadores sociais para além do gênero e da sexualidade, tidos como o ponto de partida que os aglutina, bem como, pela intensa performatividade da conduta e das apresentações corporais dos presentes. Além disso, elementos como o ambiente musical e o consumo de álcool, também conduzem e complexificam as relações. O resultado é a produção de fenômenos que ora geram diferenciações e semelhanças entre Araraquara e São Carlos, ora das duas em relação aos centros urbanos maiores, demonstrando a potencialidade da etnografia em reconhecer as diversidades e o manejo que as pessoas fazem de si situacionalmente, a influência do cotidiano nas identidades e sua capacidade flexiva e mutável.

Palavras-chave: Sociabilidade; LGBTQIAPN+; Cidades; Cidades Médias; Interior.

ABSTRACT

Research on LGBTQIAPN+ sociability may be common in metropolitan contexts, but dealing with municipalities such as Araraquara and São Carlos - SP, which are often seen as medium-sized cities and inland cities, is new, as it moves into a little-explored empirical context, draws attention to the diversities of Brazilian interiors and medium-sized cities, problematizing these notions and stereotypes often directed at these regions. This work begins along these lines, presenting the relationship between the city, dissident sexualities and sociability in anthropology in an intertwined way, and goes on to include Araraquara and São Carlos as another urban dimension that can be reflected on, especially from the perspective and experiences of non-heterosexual cis. The bars, nightclubs and events ethnographed have their own attractive and structural characteristics that have an impact on the urban landscape of both cities by becoming points of reference for LGBTQIAPN+ residents. At the parties, the processes of sociability are marked by rapprochement, links, disputes and distancing, produced by other social markers besides gender and sexuality, seen as the starting point that brings them together, as well as by the intense performativity of the conduct and bodily presentations of those present. In addition, elements such as the musical environment and alcohol consumption also drive and complexify relationships. The result is the production of phenomena that sometimes generate differentiations and similarities between Araraquara and São Carlos, and sometimes between the two in relation to larger urban centers, demonstrating the potential of ethnography to recognize diversity and the way people manage themselves situationally, the influence of everyday life on identities and their flexible and changeable capacity.

Keywords: Sociability; LGBTQIAPN+; Cities; Medium-Sized Cities; Inland Cities.

ÍNDICE

CONVENÇÕES DE ESCRITA.....	17
INTRODUÇÃO.....	18
Apresentação prévia ou ainda não antropológica de Araraquara e São Carlos	22
Estabelecimentos e Eventos etnografados	24
Público e interlocutores da pesquisa.....	27
Metodologia.....	29
Os desafios desta etnografia	31
CAPÍTULO 1. CIDADES E SOCIABILIDADES LGBTQIAPN+.....	36
1.1 Cidades e Antropologia	36
1.1.1 Georg Simmel e a Escola de Chicago	36
1.1.2 Antropologia nas metrópoles brasileiras	37
1.1.3 Antropologia urbana pelos interiores do Brasil.....	38
1.2 Sociabilidade: Instrumento de (sobre)vivência para as dissidências sexuais	39
1.2.1 Perspectivas de Sociabilidades em uso.....	39
1.2.2 Sociabilidade e Lazer LGBTQIAPN+ no Brasil: sexualidade, pertencimento e combate.....	41
1.2.3 Sociabilidades LGBTQIAPN+ em outros contextos urbanos	45
1.3 Araraquara e São Carlos: olhares LGBTQIAPN+	47
1.3.1 Relação ativismo e sociabilidade LGBTQIAPN+ em Araraquara.....	48
1.3.2 Diferentes relações com Araraquara.....	53
1.3.3 Experiências e as demandas LGBTQIAPN+ de São Carlos	57
1.3.4 Participação em eventos políticos LGBTQIAPN+ de São Carlos	63
CAPÍTULO 2. DE DENTRO PRA FORA: OS CAMPOS DA PESQUISA E SUAS RELAÇÕES COM A PAISAGEM URBANA	68
2.1 <i>Paradiso</i> - estabilização no lazer e no imaginário LGBTQIAPN araraquarense. 68	
2.1.1 Articulando informações do passado e atuais.....	68
2.1.2 Dinâmicas pós-pandemia e pós-reforma	69
2.1.3 Principais ocorrências nas noites da <i>Paradiso</i>	74
2.2 A <i>Ai Que Loucura (AQL)</i> - 10 anos de festa	76

2.2.1 A <i>Ai que Loucura</i> em relação à <i>Paradiso</i>	78
2.3 <i>TNC</i> - uma <i>alternativa</i> para Araraquara	80
2.3.1 Transição <i>Pirata's</i> para <i>TNC</i>	80
2.3.2 O primeiro bar/balada da cidade	82
2.3.3 Outras discrepâncias em comparação ao <i>Pirata's</i>	84
2.4 O coletivo e a festa <i>Travada</i>	85
2.4.1 <i>Travada</i> e <i>Encruzilhada Futurista</i>	86
2.4.2 Protagonismo do público e referências à cultura <i>Ballroom</i>	88
2.4.3 Outras Referências culturais da <i>Travada</i>	90
2.5 <i>Festa da IeS</i> - transcendendo a guetificação	93
2.5.1 Período pré-pandêmico	93
2.5.2 Pós-pandemia: consolidação da fase expansiva	95
2.5.3 Popularização e Expansão em São Carlos e região	97
2.5.4 Estrutura e Decoração	98
2.5.5 <i>Gigabytes</i>	99
2.5.6 <i>Halloween</i> e os preparativos para as festas	102
2.5.7 <i>Pankadão da IeS</i>	104
2.6 <i>Kush House</i> - construindo um lugar de pertencimento	105
2.6.1 Localização e espaço interno	105
2.6.2 Marcos da primeira visita	109
2.7 Equipamentos urbanos LGBTQIAPN+: o circuito araraquarense e as descontinuidades de São Carlos	111
2.7.1 Um Circuito LGBTQIAPN em Araraquara?	111
2.7.2 Região Moral e o fazer cidade LGBTQIAPN+ em São Carlos	114

CAPÍTULO 3. CONSTITUINTES E CONDUTORES DAS SOCIABILIDADES NAS FESTAS LGBTQIAPN+

3.1 Gênero, Sexualidade e outros demarcadores	117
3.1.1 Predominância gay e a participação lésbica e trans na <i>Paradiso</i> , <i>AQL</i> e <i>IeS</i>	117
3.1.2 Composição etária e racial nestes três recintos	119
3.1.3 Custos e possibilidades de consumo na <i>Paradiso</i> , <i>Travada</i> , <i>AQL</i> e <i>IeS</i>	122
3.1.4 Identidades em movimentos e transição de territórios	127

3.1.5 Corpo, moda, idade e raça na <i>Travada</i>	128
3.2 Laços, Afetividades, Desejo e Fronteiras	133
3.2.1 Dinâmicas das afetividades e dos desejos gays	133
3.2.2 Amizades e ocupação dos espaços	137
3.3 <i>TNC</i> e <i>Kush House</i> : a não exclusividade LGBTQIAPN+	138
3.3.1 Idade, gênero e a associação do <i>TNC</i> à um lugar LGBTQIAPN+	139
3.3.2 Mulheres e jovens em destaque na <i>Kush House</i>	144
3.3.3 Ser <i>friendly</i> e ser aliado	146
3.4 Música e álcool: importantes condutores da sociabilidade	150
3.4.1 O papel da música e o predomínio do <i>pop</i>	150
3.4.2 Efeito individual e coletivo do álcool	153
COMPARAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	159

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1: <i>Logo da Paradiso</i>	24
Figura 2: <i>Logo da Ai Que Loucura</i>	25
Figura 3: <i>Logo mais comum do TNC atualmente</i>	25
Figura 4: <i>Logo do coletivo Travada</i>	26
Figura 5: <i>Nova logo da IeS</i>	27
Figura 6: <i>Logo novo da Kush House</i>	27
Figura 7: Imagem de divulgação da "Semana LGBTQIAP+ de São Carlos"	64
4Figura 8: Imagem de divulgação da "2ª Caminhada LGBTQIAP+ de São Carlos"	64
Figura 9: <i>Flyer da festa “Galopa Arraiá”</i>	70
Figura 10: <i>Pôster com fotos de artistas nacionais e internacionais no mezanino da Paradiso</i>	71
Figura 11: <i>Parede decorada com letreiro iluminado e samambaias na Paradiso</i>	71
Figura 12: <i>Vista da área externa a partir do mezanino na Paradiso</i>	72
Figura 13: <i>Discotecagem na área interna da Paradiso em agosto de 2023</i>	72
Figura 14: <i>Flyer da “pré-parada” na Paradiso</i>	73
Figura 15: <i>Flyer da festa “Noitada”</i>	73
Figura 16: <i>Flyer da festa “toma no pop”</i>	74
Figura 17: <i>Flyer de divulgação da festa de 10 anos da Ai Que Loucura</i>	76
Figura 18: <i>Fachada do então Pirata’s bar, provavelmente entre os anos de 2018 e 2019</i>	81
Figura 19: <i>Fachada atual do lugar, agora TNC espetto bar</i>	81
Figura 20: <i>Parte central do TNC com a pintura da árvore em neon. Espaço que vira pista de dança</i>	85
Figura 21: <i>Capa do Facebook da Travada</i>	86
Figura 22: <i>Primeiro post no Instagram de divulgação da Travada de 24/06/2022</i>	88
Figura 23: <i>Momento da festa Travada em que o público se dividiu formando uma passarela</i>	89

Figura 24: <i>Post</i> com orientações e informes gerais para o <i>Pankadão da IeS</i>	94
Figura 25: <i>Post</i> com cerca de um mês antes do <i>Retorno da IeS</i>	95
Figura 26: Fotografia do palco principal da <i>Gigabytes</i> , passando no telão a vinheta do desenho “Três Espiãs Demais”	101
Figura 27: Primeiro <i>post</i> de divulgação da <i>Gigabytes - Greatest Hits</i>	101
Figura 28: <i>Post</i> de divulgação do <i>Halloween da IeS no mundo invertido</i> no <i>Instagram</i>	102
Figura 29: Fotografia da frente da <i>Kush House</i>	106
Figura 30: Saída da parte interna da <i>Kush House</i> que é mais escura para a segunda sala que dá acesso a parte externa	107
Figura 31: Paredes do corredor na área interna da <i>Kush House</i>	108
Figura 32: <i>Logo</i> antigo da <i>Kush House</i> , não mais utilizado no momento.....	109
Figura 33: <i>Flyer</i> da primeira festa visitada na <i>Kush House</i>	110
Figura 34: Aproximação geográfica entre <i>Paradiso</i> e <i>TNC</i>	112
Figura 35: Mapa que identifica possível mancha jovem universitária de Araraquara.....	113
Figura 36: <i>Flyer</i> da segunda festa visitada na <i>Kush House</i>	144
Figura 37: <i>Flyer</i> da terceira festa visitada na <i>Kush House</i>	144
Figura 38: <i>Flyer</i> do evento dedicado ao dia da visibilidade trans na <i>Kush House</i>	147
Figura 39: <i>Flyer</i> da festa “POC Hits”	148
Figura 40: <i>Flyer</i> da “Queerfest”	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP: Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

APOLGBT: Associação para a Paradada do Orgulho LGBT de São Carlos

AQL: Ai Que Loucura

CEAR: Centro de Eventos de Araraquara

COVID-19: *Corona vírus disease 2019*

DPLGBT: Departamento de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

GLS: Gays Lésbicas e Simpatizantes

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH: Índice de Desenvolvimento Humano

IeS: Imagem e Som

IST/HIV/Aids: Infecções Sexualmente Transmissíveis/ Vírus da Imunodeficiência Humana/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis/Transexuais

LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual + outras manifestações de gênero e sexualidade não cis e heterossexual

LGBTQIAP+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual + outras manifestações de gênero e sexualidade não cis e heterossexual

LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não binários + outras manifestações de gênero e sexualidade não cis e heterossexual

MAPPA: Mapeamento do Avanço nas Políticas Públicas de Atenção LGBTI+ de São Carlos

MPB: Música Popular Brasileira

ONG: Organização Não Governamental

PCD: Pessoa com deficiência

PT: Partido dos Trabalhadores

R&B: Rhythm and Blues

REUNI: Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

RNP+: Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids

RNP+SOL: Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids - Araraquara

SESC: Serviço Social do Comércio

SESI: Serviço Social da Indústria

TNC: (não tem uma definição clara da sigla que nomeia o bar, podendo ser “tomar no copo” como uma delas)

UFSCar: Universidade Federal de São Carlos

UNESP: Universidade Estadual Paulista

UNIARA: Universidade de Araraquara

USP: Universidade de São Paulo

CONVENÇÕES DE ESCRITA

- As falas dos interlocutores estão em itálico. Quando ultrapassam três linhas, seguem a regra de espaçamento e tamanho da fonte de citações na mesma quantidade (4 e 10, respectivamente), mas com o texto permanecendo em itálico;
- Também estão em itálico outras palavras e pequenas frases êmicas, conceitos, categorias e definições de outros autores e palavras importadas de outros idiomas;
- Utilizo LGBTQIAPN+ para referendar o público pesquisado, as outras abreviações que aparecem são reaplicações das falas, livros, documentos e outros materiais utilizados na pesquisa;
- O travessão nas conversas com os interlocutores representa a troca do falante entre o interlocutor em questão e eu, pode haver às vezes **P** para indicar a pergunta que fiz e **R**, a resposta.
- Em geral, o texto está em primeira pessoa do singular, com exceção das vezes que meu objetivo é que o leitor me acompanhe no desenvolvimento e leitura do texto, utilizando assim, a primeira pessoa do plural.

INTRODUÇÃO

Com origens que remontam à graduação, os temas que formatam o problema de pesquisa que foi desenvolvido neste mestrado, surgiram de experiências pessoais no meu cotidiano de lazer em Araraquara, percebendo que muitas delas se davam em decorrência da maneira como eu mesmo vivenciava e experimentava minhas manifestações e interesses sexuais. Fui refletindo e considerando interessante a maneira como eu e os que também se interessavam sexual e afetivamente por pessoas do mesmo sexo, mobilizavam-se e frequentavam espaços de lazer noturno nos quais era possível encontrar semelhantes, tanto para relacionamentos quanto para partilhar interesses em comum. Assim, a primeira formatação de uma ideia, girou em torno de considerar que pessoas que compartilhavam de desejos sexuais e identidades de gênero estigmatizados na nossa sociedade, desenvolviam práticas culturais e consumiam itens e espaços específicos para si. O intuito então, consolidou-se em verificar essas experiências no recorte do município de Araraquara.

Para a monografia, houve a primeira experiência etnográfica na qual demarquei espaços de entretenimento e lazer noturno consumidos por pessoas que de alguma forma se identificavam como LGBTQIAPN+¹ em Araraquara, entre os anos de 2018 e 2019. Identificá-los e descrevê-los foram dois dos objetivos, notando como tais espaços são territórios em que se operacionalizam e se produzem identidades e práticas culturais no cotidiano destas pessoas, tendo em vista as particularidades desta cidade como *lócus* da investigação. Cabe apontar, devido a sua presença mais consistente neste trabalho, que foi primeiramente neste texto que introduzi a ideia e problemática da sociabilidade como relação estabelecida entre essas pessoas.

Estritamente ao contexto de Araraquara naqueles dois anos e eu estando na posição de graduando, a sociabilidade foi incorporada rigorosamente aos moldes da conceituação clássica de Simmel: como forma lúdica com automação sobre a sociação

¹ Na verdade, usei a terminologia “LGBT” na época. Ainda na introdução, quando refletir sobre o público pesquisado, será discutido brevemente essas siglas e terminologias.

(SIMMEL, 2006, p. 64), tratando-se de um “processo de interação entre indivíduos (...) a partir de determinados impulsos da busca de certas finalidades” (SIMMEL, 2006, p.59). Estes “impulsos”, foram interpretados como os interesses e as necessidades dessa população que giram em torno do sentimento de segurança que os locais que se destinam para este público ofertam, longe do preconceito às suas atitudes e expressões de gênero, às possíveis trocas afetuosas, geralmente entre pessoas do mesmo sexo e à reprodução de artefatos culturais que acabam interessando esses grupos, como estilos musicais, artistas e performances específicos (SANTOS, 2019, p. 44).

Esta perspectiva será melhor apresentada e problematizada no primeiro capítulo desta dissertação para demonstrar como ela foi utilizada para a fase atual da pesquisa. O que se faz pertinente nesta introdução para o leitor compreender o que foi desenvolvido neste momento, é que ela auxiliou anteriormente a compreender que os lugares frequentados pelas pessoas LGBTQIAPN+, estabelecem comunicabilidade social entre os frequentadores, à luz de Mary Douglas e Baron Isherwood (2006), de modo que são atribuídos valores simbólicos aos lugares consumidos. Dessa maneira foi delimitado um quadro, sob minha lente, da vida social noturna LGBTQIAPN+ araraquarense entre o fim de 2018 e início de 2019:

Haveria em Araraquara, pontos em comum com o cotidiano da vida LGBTQIAPN+ em contextos metropolitanos, a respeito de suas vivências e práticas de sociabilidade serem atravessadas por um mercado voltado a este público, através de bares e boates que detêm referências relacionadas a suas identidades sexuais, expressas nos espaços ocupados, nas roupas, acessórios, aparência e apresentação corporal, como assim também o fez, Isadora Lins França (2012) em São Paulo.

As diferenças com contextos metropolitanos, como é o caso da pesquisa de França, estariam na menor oferta de opções para este público, evidentemente, pelo fato de Araraquara ser muito menor espacial e demograficamente, impossibilitando a oferta de mais casas noturnas e outros equipamentos de lazer direcionados ao público LGBTQIAPN+ e menos ainda a subgrupos da sigla, como pode ocorrer em São Paulo².

² Refiro-me às diferenças e particularidades que cada letra da sigla representa. Entendemos que lésbicas, pessoas trans, gays etc, possuem a partir dessas classificações, anseios e perspectivas específicas em relação a unidade proposta pela nomenclatura LGBTQIAPN+, principalmente no que diz respeito às suas existências e demandas políticas. E cada um desse grupo também tem suas divisões internas que recaem no campo da sociabilidade e interesses na questão do lazer, como ocorre entre os paulistanos, conforme

Isto me levou a crer na época que diferentes identidades e subgrupos, subjacentes a sigla LGBTQIAPN+, dividem e disputam os mesmos territórios, sendo, portanto, ambientes mais heterogêneos internamente, enquanto a divisão por estilos, no contexto etnográfico de França, seja operada a partir de estabelecimentos que se destinam a públicos ainda mais específicos.

O trabalho atual refina, complexifica e adota novas questões a serem abordadas e principalmente, tem como característica mais factual, a ampliação do contexto de pesquisa, anexando a cidade vizinha, São Carlos, à investigação, tratando as duas em suas especificidades e em relação, partindo de uma hipótese de que pessoas LGBTQIAPN+ de ambas, circulam entre si, em busca de práticas de lazer e sociabilidade ligadas à suas identidades sexuais e de gênero. Veremos que um evento em específico tem exercido essa função, ao menos, nesse período de pesquisa.

Outra alteração refere-se a algumas abordagens: “consumo de espaços” como nota-se seu uso recorrente acima, tem sido substituído por “apropriação e/ou ocupação”, privilegiando mais uma ideia de “sociabilidades” ou mesmo “lazer”, esta última, utilizada mais como estratégia de apresentar a pesquisa de forma mais compreensível para interlocutores e amigos de fora da academia.

E assim, cristaliza-se como objetivo geral, compreender quais são as práticas de sociabilidade e lazer noturno de pessoas que tendem a se reconhecer como LGBTQIAPN+, residentes ou que visitam para estes fins, as cidades de Araraquara e São Carlos, avaliando como e em que medidas, estas atividades refletem em suas subjetividades e identidades, e como em conjunto, reunidos em contextos de lazer noturno, fazem as suas produções de cidade (AGIER: 2015).

Para isso, uma etnografia foi feita para conhecer com mais propriedade os locais, mecanismos e as ocorrências que desempenham o papel de sociabilidade entre este público, mapeando lugares e práticas recorrentes, e assim, sigo nesta introdução

verificou França (2012). A autora etnografou três eventos de lazer noturno que no geral, atendem grupos de gays distintos: A boate *The Week*, em que predomina os chamados *barbies*, homens brancos de classes média e alta, cujo o principal padrão estético é o corpo atlético e depilado; a festa *Ursound*, voltada aos *ursos*, homens em sua maioria branca, que valorizam uma postura masculinizada de suas ações e pregam a aceitação e naturalidade corporal, deixando a barba crescida, os pelos no corpo e por serem gordos, segundo os padrões de beleza dominantes; e o *Boteco do Caê*, onde acontecia o *Samba GLS*, com a presença de, além de gays, de lésbicas e travestis, pessoas estas em geral, negras e de baixa renda.

apresentando os locais explorados de forma geral e refletindo sobre a metodologia utilizada para tal e suas implicações.

Logo após, inicia-se os capítulos, no qual o primeiro, traz uma discussão das três grandes temáticas que sustenta e se insere a pesquisa à luz da Antropologia (urbana): Cidade, Sociabilidade e LGBTQIAPN+, relacionando seus debates teóricos com vivências práticas num traçado histórico até chegar ao Brasil, afunilando ainda mais até o recorte empírico desta pesquisa, onde estes temas serão explicitados a partir das perspectivas LGBTQIAPN+ reunidas com a pesquisa de campo e as entrevistas.

O segundo capítulo faz descrições e caracterizações sobre as estruturas, formas de organização mais gerais e recorrências mais comuns registradas nos locais e eventos etnografados, para uma imersão do leitor acompanhada das minhas observações. Depois, saímos dos ambientes para identificar a posição que ocupam nas paisagens urbanas de Araraquara e São Carlos, onde veremos muitas diferenciações entre as duas cidades, exigindo abordagens teóricas distintas.

A partir dessa caracterização, o terceiro capítulo procura apresentar e refletir sobre os elementos suscitados nos contextos da pesquisa que erigem e conduzem os processos de sociabilidade. A leitura proposta é observar esses processos através de marcadores da diferença, desde os mais gerais como a própria sexualidade e gênero, a raça e a faixa etária por exemplo, até outros produtores de elos e fronteiras simbólicas, como os estilos musicais, de vestimenta e as formas físicas das pessoas, sendo interpretados como constituintes e condutores das sociabilidades nos eventos pesquisados. Tal leitura ocorrerá tratando todos os campos da pesquisa em conjunto para evidenciar possíveis particularidades e generalizações entre eles.

Apresentação prévia ou ainda não antropológica de Araraquara e São Carlos

Araraquara e São Carlos estão há cerca de 45 km de distância uma da outra na região central do estado de São Paulo. São cidades com índices IDH elevados, ambas com mais de 0,800, sendo os araraquarenses em torno de 242 mil habitantes e os são-carlenses, pouco mais de 254 mil³.

Comércio e serviços são as áreas que mais geram empregos nas cidades, embora seja de suma importância a presença de indústrias para a economia de ambas, como a fábrica Lupo em Araraquara e a Faber-Castell em São Carlos, além da potência no setor agrícola que esta região paulista representa, com fortes produções de cana-de-açúcar e laranja, por exemplo.

É notável a influência destes dois municípios para a região, sendo ponto de atração de visitantes e novos moradores, principalmente para realização de estudos em níveis superiores. Tanto que São Carlos é considerada a capital da tecnologia, sediando a UFSCar e ofertando cursos nas áreas das ciências exatas pela sua unidade da USP, enquanto Araraquara conta com influentes unidades da UNESP, também oferecendo graduações e pós-graduações diversas. As duas cidades ainda abrigam unidades do Instituto Federal de São Paulo e uma variedade de faculdades privadas.

Essas são algumas das características que podem nos induzir a pensá-las como *cidades médias*, sendo possível imaginar que, no campo do lazer, especificamente noturno, são cidades que possuem ofertas variadas para tal, porém, em escala mais concentrada e com menos opções se comparada a centros urbanos maiores do país, como as regiões metropolitanas. Eventos específicos para a comunidade LGBTQIAPN+, tendem a ser ainda mais restritos, fato notado com o desenvolvimento deste trabalho e comparado aos centros urbanos maiores⁴.

Além de cidades médias, Araraquara e São Carlos são consideradas cidades do interior (paulista), justamente pelas suas localizações geográficas. Mas além da noção

³ Dados do Censo 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/06/28/censo-do-ibge-infografico-permite-consultar-populacao-por-cidade-confira.ghtml>. Acesso em 29/06/2023.

⁴ Além de França já mencionada, podemos trazer outros importantes exemplos, como Perlongher (1987) também em São Paulo, Parker (2002) no Rio de Janeiro e Fortaleza, Larissa Pelúcio e Thiago Duque (2013) em Campinas, única metrópole do país que não é uma capital de estado.

espacial, cidades do interior podem carregar a ideia de que se trata de localidades pequenas e pacatas, com valores comunitários, teias de relações menores e mais intensas, sem os desafios, as dificuldades e impessoalidades que supostamente existem nas metrópoles (MARTINS, 2020, p.31). Outras noções que pairam as cidades do interior, essas carregadas de mais preconceito, relacionam-se a sua aproximação com ruralidades e etnicidades, que indicariam ambientes incivilizados de acordo com o projeto civilizatório em que se desenvolve os grandes centros urbanos, a partir do distanciamento de práticas que remetem à tradições e à natureza (DOMINGUES & GONTIJO, 2020, p. 78).

Este estereótipo de interior, todavia, não tende a ser reproduzido, ou pelo menos, não plenamente para estas cidades, devido aos próprios dados “macro” que já trouxemos. O IBGE (2015; 2017) as considera, duas das seis “concentrações urbanas” do estado de São Paulo com populações de 100 mil a 300 mil habitantes: localidades que demonstram o forte e complexo processo de urbanização presente no nosso país. Sendo assim, podem ser municípios que se desenvolvem mesclando características que se aproximam dos grandes centros urbanos, com aspectos rurais, étnicos e tradicionais característicos de contextos interioranos (DOMINGUES & GONTIJO, 2020, p. 78).

De qualquer modo, as duas noções aqui derivam desses dados mais gerais e arbitrários. Para a ideia de cidade média, por exemplo, deveriam também ser levados em conta, “o tamanho demográfico, as funções urbanas e a organização do espaço intra-urbano” para melhor tipificação (MARTINS, 2020, p. 17). Complemento dizendo que para a Araraquara e São Carlos, sob o recorte temático e de grupo proposto neste trabalho, é preciso identificá-las pelas formas com são qualificadas, produzidas, vividas e nomeadas por pessoas LGBTQIAPN+ que nelas residem.

Nas palavras de Michel Agier, trataria de identificar estas cidades pelas experiências, práticas e falas cidadinas através do trabalho de campo, configurando uma leitura antropológica das cidades, sem maior ou menor valor das perspectivas generalistas e quantitativas, mas com seu diferencial: direto e situacional (AGIER, 2015, p. 486). É o que esta pesquisa procura fazer, especialmente quando apresenta no primeiro capítulo a relação de pessoas LGBTQIAPN+ com dinâmicas do cotidiano nos dois municípios, especialmente nos temas de lazer, cultura e entretenimento voltados a esta população.

Estabelecimentos e Eventos etnografados

A escolha de lugares partiu, a princípio, de considerar que se trata de espaços que direcionam suas atividades para grupos LGBTQIAPN+ e outros dos quais, fui percebendo que, embora não diga explicitamente que é voltado para este público, notava-se a presença dessas pessoas. Os de Araraquara são, a *Paradiso*, a *Ai que Loucura* (ou *AQL*⁵), o *TNC*⁶, e a *Travada*. Em São Carlos, as festas da Imagem e Som (*IeS*) e a *Kush House*:

A *Paradiso* (figura 1), direcionada ao público LGBTQIAPN+, é uma casa noturna que esteve em reforma, voltando a funcionar em suas dependências no dia 30 de outubro de 2022. Este estabelecimento existe desde 2001 e certamente, é o maior referencial de entretenimento LGBTQIAPN+ na cidade, pois é o primeiro e às vezes único lugar que vem à cabeça de pessoas, principalmente não LGBTQIAPN+ ou as mais velhas, quando comento sobre a pesquisa. Sua marca são festas com a presença de *DJs* e performances de *drag queens* e *go go boys*.

Figura 1 - Logo da *Paradiso*



Fonte: *Facebook* do estabelecimento⁷

A *Ai que Loucura* (*AQL*) (figura 2), também se volta explicitamente a pessoas LGBTQIAPN+. Trata-se de uma festa que ocorre, em geral, de forma mensal há pouco mais de 10 anos, “na qual os organizadores alugam espaços para realizá-las, como outras casas noturnas, salões de festas, chácaras ou áreas de lazer” (SANTOS, 2022, p. 08).

⁵ Como as pessoas envolvidas e participantes das festas também a denominam.

⁶ Sobre a sigla, fica em aberto o seu significado, curiosidade proposta pelos proprietários que questionaram uma vez no *instagram* ao público o que poderia significar, havendo respostas como, “tomar no copo”.

⁷ Disponível em:

https://www.facebook.com/photo/?fbid=468906621913969&set=a.468906601913971&locale=pt_BR
(acesso em 28/11/2023)

Conta principalmente com *DJs* em suas atrações, a maioria de Araraquara e região, predominando o *pop*, o *funk* e a música eletrônica. Estilos estes também predominantes na *Paradiso*.

Figura 2 - Logo da *Ai Que Loucura*



Fonte: página do evento no *Facebook*

O *TNC* (figura 3) sucedeu o *Pirata's Bar*, antigo bar no mesmo local, investigado na monografia ao lado da *Paradiso* e da *AQL* (SANTOS, 2019, pp. 33-36), ocasionando alterações no ambiente, principalmente musical, com o *funk* ocupando e espaço do *rock* de antigamente. Fazendo observações e inferências gerais a respeito das expressões de sexualidade e de gênero, pouco parece ter modificado o perfil predominante mantendo o interesse em preservá-lo na pesquisa.

Figura 3 - Logo mais comum do *TNC* atualmente (há variações nas cores).



Fonte: página do *Facebook* do estabelecimento⁸

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=181750754370955&set=a.181750771037620> (acesso em: 25/07/2023)

A *Travada* (figura 4), é um coletivo que reúne artistas, que se identificam majoritariamente como transsexuais e não binários. Quando organizam festas, foco da pesquisa, ou eventos de exposição artística, fazem no intuito de angariar fundos para o movimento, pois constituíram nos últimos meses de 2022, um espaço multicultural que procura fomentar, elaborar e compartilhar produções artísticas de pessoas LGBTQIAPN+ periféricas, além de ofertar cursos formativos sobre arte e cultura. As festas contam com as/os artistas do movimento, que atuam como *performers*, *DJs* e intérpretes musicais.

Figura 4 - Logo do coletivo *Travada*



Fonte: página do coletivo no *Facebook*⁹

A respeito de São Carlos, o mais notório que voltou a ocorrer em 2022, com o fim das restrições ocasionadas pela pandemia de COVID-19, foi a *Festa da IeS* (figura 5), trata-se de uma festa universitária, organizada predominantemente por estudantes da UFSCar do curso de Imagem e Som, daí a sigla que nomeia o evento. Demonstra ser uma das grandes festas que marcam a vida universitária em São Carlos e o interessante é que ressaltam que se trata de um evento LGBTQIAPN+. Alugam-se grandes salões de eventos e clubes da cidade para sua realização. Ocorrem edições temáticas ao longo do ano, contando com *DJs* que tocam em geral música *pop* e *funk*. Nas edições maiores e mais populares, costumam ser contratados artistas e bandas musicais populares nacionalmente. Acompanhei as três maiores edições ocorridas no ano de 2022 e uma em 2023.

⁹ Disponível em:

https://www.facebook.com/photo/?fbid=472816421516366&set=a.472816398183035&locale=pt_BR
(acesso em 27/11/2023).

Figura 5 - Nova logo da *IeS*



Fonte: Captura de tela no *Instagram* do evento¹⁰

Através de um interlocutor são-carlense, conheci a *Kush House* (figura 6) no início de 2023. Inaugurada em novembro de 2022, demonstra valorizar a arte urbana e estilos musicais como *underground*, *hip hop*, *rap*, *funk* e *trap*. Além de visitas em maio, junho e julho, em janeiro daquele ano, ocorreu um evento dedicado ao dia da visibilidade trans, chamando atenção para a casa. Foi visto, a partir deste evento, outros realizados em parceria com a APOLGBT (Associação para Parada LGBT de São Carlos).

Figura 6 - Logo novo da *Kush House*



Fonte: *Facebook* do estabelecimento

Público e interlocutores da pesquisa

O texto do projeto de pesquisa enviado para o processo seletivo para adentrar neste mestrado, iniciava-se com uma apresentação, letra por letra, da sigla LGBTQIA+ (atualizei agora, como já tem se visto, para LGBTQIAPN+¹¹: Lésbicas, Gays, Bissexuais,

¹⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ca2ES__h5FH/ acesso em 20/10/2023

¹¹ Descrevo rapidamente as incorporadas mais recentemente: *Queer* - termo em inglês que tem sua origem de forma pejorativa. Além de ter sido ressignificado, batizando muitas vezes os estudos sobre gênero e

Transexuais, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, não binários e o “+” para agregar quaisquer outras formas de expressão de gênero e sexualidade que fuja da heterocisnormatividade¹²).

O intuito era introduzir o tema e os supostos agentes que seriam pesquisados e fariam as vezes de interlocutores, sob um olhar generalista e microscópico das categorias identitárias e políticas da qual esta sigla incorpora e nomeia, sendo essas características de suas sexualidades e gênero e os recortes de suas subjetividades, centrais para a proposta de pesquisa.

A sigla LGBTQIAPN+ pode ocupar nos dias de hoje o que Perlongher chamou outrora de “sistema global de classificação” (PERLONGHER, p. 250, 1987), porém com importantes atualizações, como a ampliação de pessoas que neste grupo podem se reconhecer, por suas práticas e identidades sexuais e de gênero também fugirem dos modelos aceitos socialmente, como as presentes nos contextos pesquisados pelo argentino¹³.

Todavia, de forma nenhuma nego a necessidade e potência do seu uso atualmente para visibilidade e reconhecimento das demandas dessa população, e se verá aqui sua recorrência no modo como me dirijo aos interlocutores e como eles também com ela se reconhecem. Mas o seu emprego tende a ser mais acionado em contextos de organização política mais formalizados e institucionais em torno dessas identidades sexuais, a fim de encorporem suas lutas e requererem seus direitos.

Logo, assim como é necessário conhecer, apresentar e falar de Araraquara e São Carlos, sob olhares *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002), também se pretende, a partir

sexualidades dissidentes (a teoria *queer*), a comunidade também o adotou para abranger as manifestações de gênero e sexualidade que vão além da heterocisnormatividade; Intersexual - pessoa que pode ter características congênitas de ambos os sexos; Assexual - quem geralmente não sente algum tipo de atração sexual, afetiva e/ou romântica; Pansexual - atração sexual, afetiva e/ou romântica por pessoas, para além de suas identidades de gênero; Não-binário: seu gênero pode estar entre ou além do modelo binário.

¹² Embora possamos definir como um sistema que toma como natural e válida, somente as expressões de gênero e orientação sexual cis e hétero, respectivamente e ambas necessariamente simultâneas (TOURINHO, et. al.,2017), cabe dizer que essa nomenclatura se refere a abordagem de Viviane Vergueiro (2016), que busca deter o pensamento cisgênero, devendo este ser desnaturalizado, de modo que todas as concepções de gênero e sexo, inclusive as que são socio e historicamente normalizadas, sejam compreendidas como performáticas e instáveis no tempo e no espaço, de modo que as identidades, principalmente trans travestis, não fiquem restritas ao polo patológico e desviante em relação ao cis, que seria a versão naturalizada e sadia do *cistema* hegemônico.

¹³ Expandido esse conjunto de pessoas, para além dos homens que fazem sexo com outros homens em contextos marginalizados e de prostituição viril, como é o caso da etnografia de Perlongher, nas ruas de São Paulo na década de 1980.

de agora, conhecer a parcela de pessoas propostas aqui para serem acompanhadas, por suas próprias versões de si mesmas.

Veremos a influência que a sigla exerce sobre tal, porém, localmente e no cotidiano, podem ocorrer deslocamentos e ressignificações: perceberemos nos comportamentos e nas suas falas, que suas expressões sexuais e identitárias, são atravessadas por suas experiências pessoais e pela própria autonomia de suas ações, manifestadas e exercidas nos e pelos modos como ocupam os estabelecimentos que estão sendo etnografados e as cidades em questão. Isto será notado, a partir dos depoimentos daqueles que foram entrevistados com mais formalidade que aparecem ao longo da dissertação, para a construção conjunta à minha escrita das diversas reflexões propostas, atentando-se as subjetividades e marcadores sociais desses interlocutores, e quando necessário, acionando referenciais bibliográficos que discutem temas como gênero e sexualidade para compreender os locais de enunciação dos colaboradores da pesquisa.

Considerando a diversidade sexual e de gênero como recorte inicial da pesquisa, dois pressupostos auxiliam, de saída, a compreender as manifestações e expressões dos interlocutores e usuários dos eventos: “o caráter performativo das identidades de gênero [e] o alcance subversivo das performances e das sexualidades fora das normas de gênero (...)” (BENTO, 2017, pp. 77-78).

Metodologia

Uma das primeiras ideias era de mobilizar e colocar em experimento, o conjunto instrumental de Magnani que busca construir um quadro de ligações entre equipamentos e espaços urbanos, nos quais grupos se reúnem para processos de vinculação e sociabilidade, os chamados *circuitos*, no caso desta pesquisa, de aglutinação e lazer LGBTQIAPN+:

(...) a noção de circuito, que une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários: circuito gay [entre outros] (...) (MAGNANI, 1996, p.45, grifo meu).

O trabalho etnográfico, no entanto, nesta pós-graduação, acabou se dando de modo mais imersivo a cada um dos bares e eventos listados, do que uma *perambulação* (LEITÃO & GOMES, 2017)¹⁴, uma *observação flutuante* (PÉTONNET, 2008)¹⁵ ou uma *caminhada sistemática* (Magnani, 1996, p. 35). Ou seja, ao invés de transitar por diferentes pontos urbanos para delimitar temas para análise como, por exemplo, fizeram Magnani e seus alunos no projeto *Os Pedacos da Cidade*¹⁶, após ter identificado a maioria dos espaços para a pesquisa ainda na graduação, meu trabalho adentra e permanece em locais e eventos específicos. Portanto, reafirmo seu caráter imersivo e descrevo na sequência o que compreendo dessa metodologia:

As pesquisas imersivas com base em algumas referências na própria antropologia, considera a importância da ocupação de possíveis interlocutores em lugares e tempo de permanência específicos, visando compartilhar e executar práticas, gostos e subjetividades em comum, até mesmo de forma mais segura. No caso desta pesquisa, tais ocupações e permanências relacionam-se principalmente aos interesses e identidades sexuais discriminadas na maioria dos outros espaços urbanos (LEITÃO & GOMES, 2017, p. 60), daí a necessidade de inserir-se e imergir-se para investigar as ocorrências possíveis nestes locais.

Além disso, a realidade distinta entre Araraquara e São Carlos que encontrei no trabalho atual, faz crer que apenas na primeira cidade o procedimento de Magnani faria uma leitura mais coerente com a realidade, por conter mais espaços e que estão a mais tempo, consolidados na paisagem urbana como pontos de encontro e aglutinação LGBTQIAPN+, enquanto em São Carlos não foi localizado muitos lugares que fossem estáveis e conectados, que se dediquem aos interesses de lazer destes grupos.

¹⁴ Deborah Leitão e Laura Gomes (2017) relacionam perambulação ao trabalho etnográfico feito a partir de um “movimento transitório, fugidio, efêmero, típico das metamorfoses do tecido urbano que só podem ser apreendidas através da flutuação (...) Uma sensibilidade etnográfica transeunte, de idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens” (p. 46).

¹⁵ “tratando da pesquisa em ambientes urbanos: um deixar-se conduzir pelo inesperado, pelos encontros fortuitos, sem hora marcada, frequentando lugares de passagem sem um destino particular, enfatizar, enfim, os trajetos percorridos, mais do que os encontros (...)” (LEITÃO & GOMES, 2017, p. 50)

¹⁶ O projeto *Os Pedacos da Cidade* que Magnani e seus alunos desenvolveram em 1989 e 1990 em São Paulo, previa a *Caminhada Sistemática* por trechos da cidade a fim de delimitar pontos para reflexão antropológica. Desse modo havia a transição por diferentes lugares e acompanhamento de agentes e fluxos (MAGNANI, 1996, p. 35 -38).

Mesmo assim, no capítulo 2, após apresentar os lugares etnografados a partir das imersões realizadas, proponho um *circuito* LGBTQIAPN+ araraquarense, com base no tráfego feito no passado.

A respeito de São Carlos, apontarei limites ao uso da ideia de *circuito* e das outras categorias analíticas de Magnani, mas prosseguindo com o método imersivo, indicar leituras mais consonantes com as dinâmicas da sociabilidade LGBTQIAPN+ são-carlense, considerando suas descontinuidades e instabilidades nos cenários LGBTQIAPN+, revelando as movimentações das pessoas para constituir essas relações sem tanta dependência de espaços fixos e dados previamente, ocupando lugares heteronormativos. Auxilia nesta abordagem, Michel Agier na ótica do fazer cidade pelos cidadãos (2011; 2015) que significa, na prática, alcançar o direito à cidade (2015, p. 491). Veremos como a comunidade LGBTQIAPN+ se mobiliza para tal no contexto são-carlense, mas que certamente, também serve de interpretação para casos em Araraquara e em outros contextos

O objetivo destes mergulhos, era de reconhecer propriamente as pulsões que os agentes dão a esses lugares e tentar apreender as múltiplas ocorrências testemunhadas e vivenciadas como efetivamente, a produção de sociabilidades LGBTQIAPN+.

Os desafios desta etnografia

Basicamente, a etnografia se deu em contextos festivos e por isso, tentei me envolver da forma que se espera que uma pessoa se comporte em festas: acompanhando as atrações, conversando com amigos e colegas, mantendo postura descontraída, dançando muitas vezes e consumindo bebida alcoólica¹⁷. Além de descrições do andamento das festas, tudo o que me chamava atenção de ocorrências, falas e até mesmo minha postura e relação com outrem, eu registrava no celular, que fiz como caderno de campo.

Abordei algumas pessoas em muitos dos eventos para falar informalmente sobre a pesquisa, mas foram contatos rápidos devido à caracterização das festas: geralmente

¹⁷ Mas em pouca quantidade, de modo que o álcool não alterasse minha atenção e que eu não perdesse de vista os fatos.

música alta, iluminação escura e as pessoas estão sempre em movimento pelo espaço, circulam, dançam e eu ia perdendo-as de vista ao decorrer das noites. Logo, também foram cruciais as entrevistas mais formalizadas, marcadas em ambientes mais calmos. Elaborei um roteiro para direcioná-las, mas sem uma quantidade de perguntas exatas, procurando manter um momento de conversa descontraído.

O fato das etnografias terem sido realizadas em contextos festivos, dos quais muitos eu conhecia previamente e outros eu ter me aproximado mais por causa da pesquisa, fez com que questões ético-metodológicas fossem levantadas, sendo necessário fazer uma devida reflexão sobre tal, como segue a seguir uma síntese, tendo em vista que me detive de forma mais alongada, ao lado do meu co-orientador, André Rocha Rodrigues, em artigo publicado na Revista de Antropologia da UFSCar (SANTOS & RODRIGUES, 2023)¹⁸.

Neste artigo, discuto minha relação com cada evento festivo que configurou o campo da pesquisa, pois em alguns deles, havia certa *familiaridade*, mobilizando primeiramente Gilberto Velho (2004) para refletir esta questão. Em outros locais, o envolvimento com as pessoas e as atrações das festas, foram lidas na chave de uma *afetação* (FAVRET-SAADA, 2005), como até mesmo é previsto por Leitão e Gomes em contextos de pesquisas imersivas (2017, p. 61).

No geral, a respeito dos lugares considerados mais familiarizados como a boate *Paradiso* e a festa *Ai que Loucura*, nas primeiras visitas, eu ia com amigos ou esbarrava com eles e assim, estava integrado à grupos, interagindo de forma descontraída e sem mencionar a pesquisa. Oposto ao que planejava, que era ficar atento aos comportamentos, falas e ações que fossem pertinentes à pesquisa, anotando tudo que fosse possível no celular. No entanto, pouca dessa postura formal e um incessante tomar notas aconteceu no início, situação que busquei equilibrar com o tempo, pois considerava necessário fazer registros, mas também crucial para um trabalho etnográfico, vivenciar as festas como os demais presentes.

Estar acompanhado ou não de amigos e colegas teve grande influência na minha postura pesquisadora, afinal, na *Travada*, por exemplo, onde fui sozinho, diferente dos

¹⁸ Este artigo vai tratar até de um contexto excluído para o final dessa pesquisa, que foi a organização de um churrasco ou *encontro* (como eles mesmo denominam) presencial, de homens majoritariamente gays de Araraquara, que estabelecem vínculos virtuais através de um grupo de *whatsapp*.

outros dois lugares araraquarenses, “fez com que a observação fosse mais passiva e impessoal do que experimentando aquelas relações, acompanhado de algum grupo de pessoas. Isso possibilitou, por outro lado, que mais notas fossem tomadas *in loco* (...)” (SANTOS & RODRIGUES, 2023, p. 65-66)

O que considerei, por fim, como *afetação*, foi, principalmente, as vivências nas Festas da *IeS* de São Carlos:

Afetar-se neste novo campo não era esperado *a priori*, pelo contrário. Havia a sensação de que seria confrontado com mais um caso de familiaridade, pois, mesmo sendo o evento menos conhecido, acreditei que seria uma festividade similar a outras que eu já conhecia e, na verdade, instigou-me tanto, a ponto de incorrer em ações que, num primeiro momento, foram lidas como equivocadas ou mesmo antiéticas perante a pesquisa. Houve certo entusiasmo pessoal, possivelmente por ter sido durante quase todo o ano de 2022, o único evento de São Carlos do qual tínhamos conhecimento. Isto parece justificar tal interesse pessoal, além dos atrativos da festa e seus estilos como: a estrutura e o tamanho dos ambientes em que ocorrem; o número de frequentadores expressivamente maior que nos demais eventos visitados; ser o único evento *open bar*, facilitando o consumo de bebidas, sejam alcoólicas ou não; o estilo marcado por uma cultura *pop*: as playlists dos *DJs* e muitos dos cantores que se apresentam, representando estilos musicais como o *pop* nacional e internacional, de encontro com boa parte dos meus gostos pessoais [...] (SANTOS & RODRIGUES, 2023, p. 66, 67),

As ações pessoais e ocorrências presenciadas em campo que suscitaram fazer esta discussão, são de caráter procedimental:

[...] anotando menos ou em alguns casos, nada; a dúvida se apresentamos explicitamente a pesquisa para os contatos ou não; o fato de vivenciar muitas das experiências e relações proporcionadas sem estabelecer uma relação criteriosa quanto a elas ou sem acionar a pesquisa diretamente a cada fração de tempo durante a presença em campo (SANTOS & RODRIGUES, 2023, p. 67).

E assim, previa-se que tal relação com o campo repercutisse nos resultados da pesquisa e por isso, foi acionado o “estranhamento do familiar” como estratégia metodológica primeira, a fim de garantir a viabilidade da pesquisa:

Isso não mostra a feliz coincidência ou a mágica de encontro entre pesquisador e objeto com que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão da subjetividade envolvidos nesse tipo de trabalho. A realidade (familiar ou exótica) sempre é filtrada por determinado ponto de vista do observador (...) mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa (VELHO, 2004, p.129).

Avançando na busca de aportes teóricos, foi identificado que a discussão também poderia ser enriquecida com a crítica à neutralidade científica como proposta por Donna

Haraway (1995), defendendo a presença da subjetividade na produção científica e o reconhecimento de que ela é feita sob influência do local e dos agentes ao seu entorno e que se trata de um campo de disputa e poder (p. 11). Donna Haraway discute os desafios de erigir novas práticas de produção de conhecimento que valorize saberes locais e diversos sem recair à relativismos que não cabe aqui se alongar, mas foi emendado sua discussão ao texto de Merry Berry et. al. (2017) que avalia contextos em que o (a) pesquisador (a) sobre um local pertence ao mesmo, identificando que nestes casos, a pesquisa pode ser enriquecida com valores subjetivos e políticos originais, possibilitando novos resultados e meios de engajamento em oposição ao modo tradicional e objetivista:

[...] não estamos apenas realizando pesquisas, mas estamos conectados aos lugares onde trabalhamos por meio de laços familiares, relações diaspóricas e investimentos em lutas políticas, que nos responsabilizam mesmo após nossa partida. Nossa relação com nossa pesquisa subverte, assim, o pressuposto de que o campo habita um/Outro tempo-espaço [...]. De certa forma, o campo viaja com e dentro de nossos corpos (BERRY *et al.* 2017: 540, tradução minha¹⁹).

Sendo assim, a intencionalidade de pesquisar sociabilidade LGBTQIAPN+ também me reconhecendo como tal e morando na região da pesquisa, privilegia um modo de conhecimento que se quer fazer por meio da ciência, à luz de parâmetros como os defendido por Haraway e Berry et. al., possibilitando posteriormente, refletir sobre o conhecimento que será produzido, sabendo que foi elaborado por um sujeito que constitui o objeto, não sendo, portanto, um olhar neutro e distanciado.

A respeito dos episódios que li meu envolvimento como *afetação*, fiz um balaço dos meus procedimentos neste campo, articulando-os aos quatro *dispositivos metodológicos* acionados por Favret-Saada (2004, p. 155) como se segue:

1) Constatar que a “comunicação verbal, voluntária e intencional” é insuficiente para reter os “involuntários da experiência humana” (Favret-Saada, 2005, p. 160). Procurei captar o comportamento das pessoas com relação a sucessão dos eventos que ocorrem nessas reuniões, dentre os quais:

A recepção dos mecanismos de atração da festa como o ambiente musical e de que maneira suas modificações ao longo da noite podem alterar os interesses e ações das pessoas, além do consumo de álcool, por exemplo, que também pode atravessar suas experiências e gerar

¹⁹ “(...) we are not merely conducting research but are connected to the places where we work through familial ties, diasporic relationships, and investments in political struggles, all of which hold us accountable even after our departure. Our relationship to our research thus subverts the assumption that the field inhabits an/Other time-space (...). In a sense, the field travels with and within our bodies.”

outros sentimentos e sensações (SANTOS & RODRIGUES, 2023, p. 73).

2) Fazer da experiência que provoca a afetação, um objeto científico (FAVRET-SAADA, 2005, p.160): este dispositivo, encarrega-se de explicitar o que foi que causou a afetação e como ela pode ser refletida.²⁰

3) Analisar posteriormente o que causa a afetação no campo, não sendo possível quando ela acontece: algo que percebi nas pesquisas, pois muitas vezes, devido aos estímulos do campo e minha integração com as vivências nas festas, no ato da afetação, muitas vezes não houve um registro e análise da situação, ocorrendo as reflexões necessárias após os eventos. (SANTOS & RODRIGUES, 2023, p. 74).

4) Considerar que os materiais coletados em situações de afetação possuem uma densidade própria e defrontam com os conhecimentos científicos pré-estabelecidos (FAVRET-SAADA, 2005, p.160): “Sobre este último tópico, é possível pensar que a afetação provocou certa distração e despreendimento de anotações e observações formais. O que possibilitou, por outro lado, maior aproximação com interlocutores e imersão nas relações que ocorriam” (SANTOS & RODRIGUES, 2023, p. 74).

Esse fenômeno também pode ser lido na chave da *Etnografia Acidental*: “momentos em que o pesquisador não está envolvido em métodos de pesquisa mais formais, [...] mas em tarefas não especificadas no projeto de pesquisa” (FUJII 2015 apud KRAUSE, 2021, p.330, tradução minha²¹).

O conteúdo e resultado da etnografia feita sob estas condições, procedimentos e instrumentos, veremos no final do capítulo 1 e nos capítulos 2 e 3, enquanto o começo do primeiro, recuperamos as discussões sobre a relação entre Sociabilidade, Cidade e comunidades LGBTQIAPN+ para fertilizar o terreno em que se insere a pesquisa.

²⁰ Descritas nas páginas 66 e 67 do artigo, comentado aqui acima.

²¹ “moments when the researcher is not engaged in more formal research methods, (...), but in mundane tasks not specified in the research design.”

CAPÍTULO 1. CIDADES E SOCIABILIDADES LGBTQIAPN+

1.1 Cidades e Antropologia

1.1.1 Georg Simmel e a Escola de Chicago

A Sociabilidade que ganha nesta pesquisa papel central para refletir sobre as interações sociais entre pessoas LGBTQIAPN+ em Araraquara e São Carlos, tem em Georg Simmel um dos precursores do seu conceito, inserida na definição de cidade do autor. Logo, cabe refletir primeiramente sobre as noções de cidade que, para Simmel, seja uma tradicional ou as que começaram a se desenvolver como metrópoles no início do século XX, constitui “categoria alegórica da sociedade” (FRÚGOLI, 2007, p.14).

A cidade moderna de Simmel, é caracterizada por relações mediadas pelo dinheiro e pela racionalidade capitalista. Crescendo vertiginosamente, amplia as redes sociais e altera os estilos de vida, de modo que passa a imperar o objetivismo nas relações e o anonimato entre as pessoas, instituindo o individualismo frente às multidões, características da personalidade *blasé*, ideia presente na teoria simmeliana (FRÚGOLI, 2007, p.14, 15).

O pensamento de Simmel terá forte influência na Escola de Chicago que começa a realizar trabalhos de cunho etnográfico em contextos urbanos, tomando a cidade como um verdadeiro *laboratório social* (FRÚGOLI, 2007, p.17) e marca da vida urbana, constituída por partes e funções, das quais as pesquisas eram voltadas para estes segmentos. Além disso, a Escola de Chicago passou a demarcar categoricamente as diferenças do campo e da cidade, promovendo estudos sobre suas diferenças, atentando-se também ao tema do êxodo rural.

Pensando estritamente o papel da Antropologia, Redfield (1947) acabou estabelecendo um método que media as diferenças nos estilos de vidas no campo e na cidade em escalas gradativas, tendo vista o crescimento da urbanização em detrimento das organizações comunitárias características da vida no campo.

Tal leitura logo foi criticada devido a essa rigorosa separação entre urbano e rural e o teor evolucionário de um modo de vida para o outro. Michel Agier (2011) foi um desses críticos, defendendo a fluidez do trabalho do etnógrafo urbano e uma leitura não linear entre o campo e a cidade:

[...] É em contraste com esse modelo que se pode compreender a base teórica desses estudos urbanos que opuseram à cidade à tradição, colocaram a tônica nos problemas de contato e de comunicação e, finalmente, descobriram o individualismo urbano à luz da etnologia rural e comunitária. Nesse sentido, o ponto de partida das pesquisas urbanas foi uma concepção idealizada do mundo rural (amplamente criticada desde então), réplica holista da cidade; constituiu, a maior parte do tempo, por defeito, a problemática “do modo de vida urbano” (AGIER, 2011, p. 63,64).

1.1.2 Antropologia nas metrópoles brasileiras

Muito da Antropologia Urbana no Brasil a partir dos anos de 1970, levaram em consideração a crítica acima explicitada. Por exemplo, Velho e Machado (1976), defendem a não essencialização dos fenômenos urbanos e nem uma enrijecida dicotomização entre campo e cidade.

Outros elementos que destacam Gilberto Velho na cena da Antropologia Urbana brasileira, são seus aspectos metodológicos, como o movimento de “estranhar o familiar” (2004) que influencia todo campo até hoje, utilizado também nesta pesquisa como inspiração para observar uma realidade da qual também estou inserido. Ao surgir, este exercício contestou as ideias de que somente distante é que se encontraria o diferente e que nas proximidades tudo já era conhecido, respondendo assim, aqueles que criticavam os que queriam dirigir a Antropologia aos estudos dos fenômenos urbanos diante da sua tradição no Brasil voltada a etnologia, as relações interétnicas e aos camponeses, por exemplo (BEMERGUY, 2019; VELHO, 2004). Esse movimento propiciou os estudos de locais próximos, principalmente nas cidades natais dos pesquisadores.

Este último fator leva a Antropologia Urbana a se dedicar inicialmente pelas grandes regiões metropolitanas, pois são as cidades em que os cursos vinham sendo instituídos no Brasil, de início, Rio de Janeiro e São Paulo (MARTINS, 2020, p. 38), estabelecendo a associação inicial entre Antropologia urbana e metrópole no Brasil (BEMERGUY: 2019, p. 09).

1.1.3 Antropologia urbana pelos interiores do Brasil

Para Telma Bermeguy (2019), somente a partir da distribuição de cursos de Antropologia e Ciências Sociais no Brasil, especialmente pelo interior e nas regiões norte e nordeste²², que era possível conceber outras dimensões de cidade e assim, ampliar o campo de possibilidades que interessaria a então, Antropologia Urbana (BEMERGUY, 2019, p.11).

Esta ampliação favorece trabalhos sobre outras concentrações urbanas, como regiões de média e pequena escala e os *interiores do Brasil* (NOLETO et. al., 2019, p. 02). Os estudos nesses novos recortes, permite novas abordagens sobre as relações entre campo e cidade, territórios e populações, as movimentações entre sujeitos pelas cidades, práticas cotidianas e elementos que atravessam as identidades de pessoas que vivem nestes contextos.

Mesmo que já tenha se inclinado os olhos para outras dimensões urbanas além das metrópoles nos últimos anos, Domingues e Gontijo (2021) apontam ainda existir lacunas em estudos que considerem o *viver-fazer urbano* em contextos não metropolitanos, ou cidades pequenas e médias pelos interiores do Brasil (p. 62-63). Reconhecer esses outros contextos e dimensões, faz-se necessário para demarcar a não singularidade dos processos de urbanização, além de desconstruir pré-noções sobre estes conceitos baseadas no ponto de vista da metrópole para com eles (p. 63). Um exemplo disso é a própria noção de interior que recai em São Carlos e Araraquara: assim são denominadas em contraste com o que se colocou como o centro em relação a elas, a metrópole paulistana, localidade de maior referência para o estado de São Paulo.

Portanto, estes contextos não centrais exigem que as subculturas que compõe seus cotidianos tenham a devida atenção para análises e assim, chamo atenção para aquelas em torno das questões de gênero e sexualidade em Araraquara e São Carlos, que por serem cidades médias e de interior em relação à São Paulo, certamente, possuem costumes e estilos de vida peculiares e com significativas diferenças.

²² Processo ocorrido expressivamente via programas como o REUNI (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, durante o governo Lula nos anos 2000 (BEMERGUY: 2019, p. 11; NOLETO et. al: 2019, p. 03)

1.2 Sociabilidade: Instrumento de (sobre)vivência para as dissidências sexuais

1.2.1 Perspectivas de Sociabilidades em uso

Como dito na Introdução, na origem das ideias para essa pesquisa que teve como resultado o texto de monografia, a sociabilidade foi abordada praticamente, somente pela perspectiva clássica de Georg Simmel, relacionada às considerações sobre cidade deste autor como apresentado no tópico anterior.

Para a pesquisa atual, a sociabilidade é utilizada de forma mais contemporânea e ampla, a partir de dimensões antropológicas do conceito: “sociabilidade aponta para dinâmicas de alteridade e enfrentamentos de demandas que complexificam, digamos, parte da sua imagem conceitual” (TOLEDO & SOUZA JR, 2020, p. 56).

Luiz Henrique Toledo (2021) traça um caminho feito pela categoria sociabilidade: desde sua propriedade sociológica abstrata em Simmel, seu deslocamento para práticas da Sociologia e Antropologia Urbana, até a penetração em contextos etnográficos, nos quais seus significados são plurais sob o ponto de vista de interlocutores.

Este percurso da sociabilidade amplia seu repertório e possibilidades de uso, não se tratando de uma experiência social autônoma das outras, circunscritas a grupos sociais privilegiados, que atua de maneira coesiva²³ conforme Simmel concebeu (TOLEDO, 2021, p. 28, 35, 37). O foco contemporâneo da sociabilidade, está voltado a práticas corporais, visíveis em grupos sociais diversos, em relações assimétricas, envolvendo “encontros e desencontros performados” mobilizados pela agência dos indivíduos (TOLEDO, 2021, p.32).

Embora a diversidade sexual nesta pesquisa seja o fator de aproximação e trocas entre as pessoas, não se limita o entendimento de suas sociabilidades como práticas harmoniosas e desconectadas da realidade como mencionado acima. Estão, na verdade, imbricadas a todo o conjunto da vida, atravessadas por experiências diversas e

²³ Grosso modo, maneira como Marilyn Straheirn (1999) criticou o termo, arraigado do entendimento euroocidental de sociedade e suas derivações, postulando o termo *socialidade* como alternativa mais expansiva.

contraditórias, graças às diferenças entre os envolvidos que são interpelados por outros marcadores sociais e suas capacidades individuais de agência e intervenção, que inclusive, são os outros fatores, além da sexualidade e do gênero, que constituem e conduzem as sociabilidades nos contextos etnográficos como serão apresentados no terceiro capítulo.

A ideia de sociabilidade defendida aqui, ainda engloba outras duas importantes noções mobilizadas na trajetória desta pesquisa, o consumo e o lazer:

Ao consumo, anteriormente, foi dado potência a sua intervenção nas relações sociais, estabelecendo comunicação social, vínculos, elos de pertença e fronteiras simbólicas, especialmente à luz de Douglas & Isherwood (2006) e Ana Lúcia de Castro (2016). Isto não será negado a partir de agora, no entanto, o papel do consumo neste momento, têm se restringido como prática complementar e subsidiária à sociabilidade, ou seja, consumir espaços e bens, que envolve gastos econômicos, ocorre em função do interesse em sociabilizar com outrem. Não se trata de um domínio desta relação que envolve dinheiro sobre os interesses humanos, mas um canal necessário para que sejam efetivadas as práticas de sociabilidade em contextos submersos à ordem capitalista. Por isso, no decorrer do texto, os frequentadores das festas apenas serão tratados como consumidores quando o assunto estiver diretamente relacionado aos atos de compra dos ingressos para os eventos e dos itens de consumo em suas instalações.

O lazer, por sua vez, utilizo muitas vezes, como uma ideia mais coloquial e didática, quase sinônima à sociabilidade, para divulgar a pesquisa e explicitar aos interlocutores meus interesses quando os procurava. Contudo, ao investigar mais sobre os estudos relacionados a este conceito, ele acabou sendo uma importante chave de compreensão de alguns fenômenos suscitados na pesquisa, tendo em vista, por exemplo, as duas dimensões de lazer trazidas por Christiane Gomes (2014): a primeira ancorada na tradição eurocêntrica que compreende o lazer como conjunto de práticas que ocorrem no chamado “tempo livre”, este em oposição ao tempo dedicado ao trabalho (p. 05); e a segunda, o concebe como *necessidade humana e dimensão da cultura*, ou seja, o lazer indica desfrute e fruição da cultura de modo fluído no tempo e no espaço, e não como recorte estático, residual e em oposição ao trabalho (p.14).

Confrontando essas duas leituras com o campo, a princípio, ele indicaria que as sociabilidades vivenciadas estariam, de fato, ocorrendo em momentos definidos

estritamente para práticas de lazer em oposição aos dias e horários de cumprimento das “obrigações”: noites de sexta e sábado. No entanto, os deslocamentos para as festas aqui envolvem planejamento antecipado, interferindo na rotina das pessoas interessadas. É o caso principalmente da ida de moradores, especialmente de Araraquara para São Carlos, na Festa da *IeS*, que envolve organização financeira, de transporte e de escolhas de vestuário como veremos.

1.2.2 Sociabilidade e Lazer LGBTQIAPN+ no Brasil: sexualidade, pertencimento e combate

Aqui procuro defender a capacidade das práticas de sociabilidade em fortalecer laços entre pessoas LGBTQIAPN+ e como ela acaba sendo fundamental para a luta, resistência e reconhecimento dessas pessoas frente a crônica discriminação que esta população enfrenta. Esta tese já foi defendida, por exemplo, por Diego Almeida (2020):

(...) a importância de enxergar o lazer e as ocupações em seus significados sociopolíticos, contestatórios e subversivos, tarefa essa que extrapolam seu uso funcional; segundo, o imperativo da superação de matrizes teórico-metodológicas de base moralista, etnocêntrica, classista, heteronormativas, pois elas tendem a negligenciar uma gama de atividades culturais não-hegemônicas (ALMEIDA, 2020, p. 1252).

Para argumentar a favor dessa ideia, o debate também precisa começar com a contribuição da Escola de Chicago como um dos primeiros grupos de estudo sobre a sexualidade para além de um fenômeno psicológico, mas também, como uma questão de ordem social:

Não se pode negar que no seu início, os temas em torno das manifestações sexuais sofreram com juízos de valores da época, sendo de interesse da chamada, “Sociologia do Desvio”. Porém, as pesquisas etnográficas nessa época permitiram demarcar, por exemplo, a existências de mundos homossexuais, organização de subculturas, comunidades e locais de encontro, estabelecendo padrões de vida e atualizando referências e significados. Estas redes se tornam importantes principalmente para o compartilhamento de interesses em comum, bem como pelo sentimento de pertença e proteção diante das estigmatizações e violências que atingiam essas populações (RUBIN, 2018, pp. 251-255).

Segundo Gayle Rubin, intelectuais contemporâneos à revolta de Stonewall, desempenharam papel importante no rompimento dos estudos sobre sexualidades

dissidentes como práticas desviantes, pois passaram a desenvolver interpretações socio-construcionistas (2018, p. 263-271). A abordagem antropológica surge para potencializar este olhar sócio-histórico em oposição a naturalização sobre o tema, observando que, ao menos no ocidente, a homossexualidade²⁴ “se manifesta em tipos especiais de grupos e de artefatos culturais distintos” (p. 272), compartilhando e criando formas de falar, de se vestir e de se comportar.

Em contextos urbanos, há certa tendência histórica que submete grupos com condições e manifestações sexuais e de gênero que não são normativas e hegemônicas, a espaços marginalizados nas cidades. Nesses locais subalternizados, os sujeitos que compartilham destas identidades produzem uma rede de relacionamento com códigos de convivência, valores, regras e símbolos próprios:

A homossexualidade tem existido em toda parte, mas é apenas em algumas culturas que ela se tornou estruturada como uma subcultura. Uma subcultura não surge no vácuo. É preciso que haja tanto uma percepção da necessidade de uma solução coletiva para um problema (acesso do grupo à sexualidade nesse caso) quanto a possibilidade de sua satisfação. E é o crescimento de cidades com grandes agrupamentos de pessoas e com relativo anonimato que proporciona a possibilidade para que ambas as questões floresçam. Em meados do século XIX, a subcultura já está muito mais complexa e variada (RUBIN, 2018, p. 266 apud WEEKS, 1967, p. 35-37).

Este fluxo é notável no Brasil do século XX: embora esteja mais visível e estruturado como guetos²⁵ gays a partir dos anos 1960 nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Richard Parker (2002) data a formação de uma “subcultura sexual complexa (...) organizada em torno de desejos e práticas masculinas de mesmo sexo (p. 72)” nos primeiros anos do século, crescendo rapidamente nas últimas décadas, devido a rápida modernização e industrialização do país:

esta subcultura urbana (...), decompondo-se em várias subculturas diversas (embora sobrepostas), cada uma com suas próprias particularidades e especificidades – mundos sociais múltiplos que devem ser encarados como subculturas diferentes do desejo, organizadas em torno de formas variadas de práticas do mesmo sexo e, ao mesmo tempo, como culturas de resistência, que proporcionam pelo menos uma proteção parcial contra violência, o estigma e a opressão encontrados no mundo exterior (PARKER: 2002, p.72).

²⁴ As relações homoafetivas, especialmente entre homens, acabam sendo os temas mais analisados. Essa influência é notável em demais estudos, inclusive no Brasil, predominando também nas principais referências que tenho encontrado, como é o caso dos que vão ser apresentados na sequência.

²⁵ Apropriação de Perlongher (1987).

A Ditadura Militar entre as décadas de 1960 e 1980 no Brasil reforçavam o estigma e marginalização dos indivíduos e locais ocupados por pessoas que hoje poderíamos chamar de LGBTQIAPN+. Mesmo que alguns estabelecimentos para este público estivessem em regiões centrais das metrópoles, medidas como a intensa fiscalização desses locais para evitar trocas afetivas entre pessoas do mesmo sexo ou a ambientação escura das ruas ocupadas por essas pessoas (FRANÇA, 2012), demonstravam certa intencionalidade da sociedade e do poder público em obscurecer esses grupos.

Entretanto, é justamente esta atmosfera que impulsiona as primeiras mobilizações do então movimento gay. O regime militar fomentou a resistência de vários grupos sociais e vem a ser um forte “responsável pelo perfil antiautoritário que marcou a primeira onda do movimento homossexual brasileiro” (NASCIMENTO & SOUSA NETO, 2012, p. 05). Em 1978, ativistas gays e feministas se aproximaram num forte embate político contra o sexismo e o machismo, desafiando paradigmas como o patriarcado, a rigidez dos papéis de gênero e o tradicionalismo acerca dos costumes sexuais (GREEN, 2000, p. 394).

Nesta efervescência política, principalmente na passagem para os anos 1980, surgem e ganham muita relevância para o público gay, os bares no Largo do Arouche e boates em bairros abastados, como nos Jardins, trazendo movimentação à cena gay²⁶ paulistana. Para Parker (2002), o desenvolvimento de uma (homo)sociabilidade nas capitais brasileiras tem como ponto de partida a movimentação dos indivíduos gays em busca de parceiros para práticas sexuais dentro da sociedade ainda tradicionalista e heteronormativa brasileira. Parker realiza uma espécie de

topografia do desejo homoerótico através de uma gama relativamente ampla de centros urbanos contemporâneos no Brasil – nos modos de interações de mesmo sexo se formam no espaço público, e na subversão temporária das normas heterossexuais dominantes e quase sempre bastante opressivas que ocorre nessas interações. (...) [isso permitiu conceber] a construção da atividade sexual masculina e das formas como as subculturas sexuais organizadas em torno da prostituição masculina e de travestis desempenham um papel fundamental na delimitação do espaço gay e da imaginação homoerótica nos cenários urbanos contemporâneos (PARKER: 2002, p.87,88).

²⁶ Refiro-me neste ponto dessa forma, respeitando as nomenclaturas e conhecimento sobre as diversidades sexuais disponíveis na época, mas que certamente abarcavam mais categorias sexuais como as que conhecemos hoje.

Além da prostituição de homens e travestis, os gays conseguiam em locais do cotidiano da cidade, realizarem práticas sexuais rápidas e impessoais, nas próprias ruas, nas praças e praias, nos banheiros e transportes públicos etc.

Pode-se interpretar esse processo social/sexual de várias maneiras. Ele pode ser interpretado como uma reprodução da opressão e da dominação da vida sexual tradicional. Neste sistema, a discriminação constante da homossexualidade e do desvio sexual de modo geral, proíbe qualquer possibilidade de um espaço socialmente legítimo para entretenimento, festividade, socialização, participação e assim por diante, entre homens que fazem sexo com homens (Parker, 2002, pp. 100, 101).

Os estabelecimentos gays (saunas, bares e boates) surgem para atender a demanda sexual desse público e alcançaram por fim um objetivo mais amplo: cristalizaram-se como espaços para a homossocialização, ao aglutinar interesses culturais e subjetivos desse público e por fornecer liberdade para a expressão das identidades homossexuais e para as relações homoafetivas de maneira segura e distante da violência do mundo externo. Inclusive, o fator da segurança foi de extrema importância, principalmente com a epidemia do HIV na década de 1980 que reforçou a discriminação e o discurso de ódio contra a então comunidade gay.

Parker (2002) também destaca que a vida dos homossexuais em geral no Brasil, sofre influências externas que são absorvidas e resignificadas no seio das manifestações culturais e formas de organização da vida dos brasileiros. A partir dos anos 1990, ocorre um crescimento explosivo do mercado de bens de consumo voltados para o público gay (FRANÇA, 2007). Vivenciou-se “um processo de formação maior sobre o movimento LGBT e das comunidades gays, no qual está ligada a uma economia global e um fenômeno globalizante” (NASCIMENTO & SOUSA NETO, 2012, p. 12).

É possível afirmar que na virada do século aos dias atuais, a comunidade LGBTQIAPN+ brasileira se estabelece na sociedade e ocupa espaço de maneira um tanto quanto ambivalente:

A violência e a discriminação ainda são crônicas, dados recentes nos mostram que o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo, outra recorrência é a dificuldade de inserção da população trans no mercado de trabalho e no Ensino Superior²⁷, dados estes que demonstram a marginalização dessa população. Muitas práticas sexuais e condições de gênero ainda são estigmatizadas e oprimidas pela

²⁷ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/01/15/transexuais-encontram-dificuldades-para-o-acesso-a-educacao-e-trabalho/>

hegemonia heterocisnormativa, fazendo com que se mantenha este grupo ainda sob o véu de uma “subcultura homossexual urbana” (RUBIN, 2018).

Em contrapartida, há vitórias no campo dos direitos civis e avanços jurídicos de proteção à comunidade: a conversão da união estável homoafetiva à casamento civil em 2013 e a criminalização da lgbtfobia em junho de 2019, por exemplo²⁸. Além disso, hoje há o reconhecimento da cultura LGBTQIAPN+ como um estilo de vida expressivo, na qual seus integrantes mais privilegiados economicamente se tornam importantes agentes de consumo e a comunidade como um todo passa a ser vista como um grande nicho de mercado (QUINALIA, 2018, p.23).

A discussão trazida aqui demonstra como as práticas de sociabilidade e formas de aglutinação LGBTQIAPN+, subsidia ao longo das últimas décadas, a luta e organização política desta população, para enfrentar os problemas que permanecem e preservar os direitos já conquistados. Além disso, este conteúdo deixa evidente que foram nas metrópoles que se formaram e consolidaram primeiramente, os locais de sociabilidades de sexualidades dissidentes, embebidas dos ideais liberais de liberdade sexual, mesmo que inicialmente, de forma guetizada e clandestina (MACRAE, 2005; PERLONGHER, 1987). Como consequência, também são nesses grandes centros urbanos que se edificam as primeiras movimentações de resistência e luta política desses grupos (FEITOSA et. al., 2020, p. 311), trazendo como demanda emergencial, atentar-se para essas manifestações em outras concentrações como se segue, os casos de Araraquara e São Carlos.

1.2.3 Sociabilidades LGBTQIAPN+ em outros contextos urbanos

O fato dos estudos sobre as formas de sociabilidades de sexualidades dissidentes terem privilegiado por muito mais tempo os centros urbanos maiores, mostra-se como resultado da concentração dos cursos de ciências sociais e antropologia nas metrópoles apresentadas no início deste capítulo, com o fato de terem sido estas regiões, o palco de formação das primeiras sociabilidades hoje ditas LGBTQIAPN+ e também de suas mobilizações de cunho mais ativista como acabamos de ver, demonstrando o caráter “urbanocêntrico” do movimento (FEITOSA et. al.: 2020, p. 314).

²⁸ Respectivamente, informações disponíveis em:

<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/regra-que-obriga-cartorios-fazer-casamento-gay-vale-partir-do-dia-16.html> ; <https://www.cartacapital.com.br/justica/por-8-a-3-stf-aprova-a-criminalizacao-da-lgbtfobia/>

Anseia-se, portanto, por mais pesquisas que tratem das vivências, formas e práticas de sociabilidade de pessoas que se entendem como LGBTQIAPN+ nos diversos interiores do Brasil, ponderando sobre as múltiplas realidades existentes em diferentes contextos do país e o papel que essas diversidades desempenham nas suas experiências, especialmente no que concerne a garantia do exercício da cidadania (FEITOSA et. al.: 2020, p. 314, 315).

Eis alguns exemplos de empreendimentos voltados a esse objetivo:

- Shelton Ygor Joaquim de Cicco ao lado de Larissa Pelúcio (2018) tomando como campo, Bauru²⁹, atentaram-se aos fluxos de desejo de pessoas do mesmo sexo, cujo eventos de lazer voltados ao público LGBTQIA+ de Bauru e aplicativos de namoro, efetuam forte movimentação das pessoas da cidade e de seus entornos para estes fins;

- Guilherme Passamani (2010), atentando-se a práticas homossexuais masculinas em Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, com 271 mil habitantes;

- Embora não seja na Antropologia, mas por se tratar de um recorte não muito distante de Araraquara, vale citar o artigo de Aline Freitas e Luciane Ghiraldello (2014) sobre lazer LGBT em Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, com pouco mais de 160 mil habitantes;

- Também é necessário dar o devido espaço para localidades que vão além do centro-sul brasileiro e que transcendem os perímetros urbanos, como coletivos ribeirinhos, indígenas, amazônicos e rurais, regiões que Gontijo & Erik (2015) assinalaram a relevância e peculiaridades das sexualidades nestes contextos. É o caso de uma etnografia na região do Alto Solimões sob autoria de Thiago de Lima Oliveira (2022) que registra narrativas e experiências de pessoas LGBTQIAPN+ sobre a urbanização do Alto Solimões, tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, evidenciando a invisibilidade que gênero e sexualidade ocupam no discurso oficial sobre a colonização da Amazônia, destacando também os dissensos resultantes dela

²⁹ Cidade com 381.706 habitantes, a 127 quilômetros de Araraquara, mais à oeste de São Paulo.

1.3 Araraquara e São Carlos: olhares LGBTQIAPN+

Seguimos, portanto, inserindo Araraquara e São Carlos nas análises, verificando suas diferenciações com as demais localidades, mas também entre si, traçando suas características em relação ao movimento LGBTQIAPN+, contrapondo as visões estereotipadas de interior e cidade pequena e média (DOMINGUES & GONTIJO: 2021). Questionei interlocutores araraquarenses e são-carlenses sobre as suas concepções e experiências próprias em relação a como tecem suas relações em suas cidades que carregam esses estereótipos. Assim, além de tratar de visões destes contextos a partir de sujeitos que fazem parte deles, outra camada que caracteriza essas enunciações, é o fato dessas pessoas, de alguma maneira, também se reconhecerem como pertencentes ao espectro LGBTQIAPN+.

Utilizando da mesma estratégia de vincular sociabilidade com ativismo político entre pessoas LGBTQIAPN+ feito na primeira parte deste capítulo, para um melhor conhecimento dos pontos de vista LGBTQIAPN+, inicio expondo as informações coletadas sobre a mobilização política desta comunidade em Araraquara, onde tive o prestígio de conversar com interlocutores chaves envolvidos diretamente com a causa há muitos anos como é o caso de Albert³⁰, que hoje trabalha oficialmente como gestor de projetos voltados a questão IST/HIV em Araraquara e Filipa Brunelli³¹, primeira vereadora trans eleita no município. Em seguida, detenho-me as falas e experiências dos frequentadores das festas e espaços visitados que não estão na carreira política, principalmente aqueles que deram entrevistas com profundidade, levantando assim experiências de sociabilidades LGBTQIAPN+ nos contextos de lazer deste município.

A respeito de São Carlos, entrevistas com figuras semelhantes a Albert e Brunelli não foram feitas devido a dificuldade de encaixe na agenda das pessoas procuradas. Então, esta discussão se inicia com interlocutores que frequentam as festas LGBTQIAPN+ e avança com minhas incursões e análises a partir delas, em mobilizações políticas, a “Semana da Cidadania LGBTQIAP+ de São Carlos” e a “2ª Caminhada LGBTQIAP+ de São Carlos”.

³⁰ Negro, gay de 58 anos.

³¹ Mulher travesti heterossexual, branca de 31 anos.

1.3.1 Relação ativismo e sociabilidade LGBTQIAPN+ em Araraquara

A trajetória política e militante de Albert data do fim dos anos 90 em defesa do que hoje chamamos de comunidade LGBTQIAPN+, da prevenção à HIV/Aids e outras IST's, bem como da ampliação de tratamentos e políticas de saúde voltadas às pessoas soropositivas. De 1999 a 2004, sua luta foi mais em caráter ativista e reivindicador nas ruas de Araraquara, período no qual ele pontua ter sido ainda mais difícil tratar dessas questões marcado pelo conservadorismo da época e da cidade.

A partir de 2004 ao lado de mais pessoas, Albert instituiu a ONG RNP+Sol, vinculada a RNP+ (“Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids”), sendo a primeira, a representante de Araraquara identificada com o nome “Sol”, já que a cidade é conhecida como “Morada do Sol”. Dentre outros feitos, a ONG fomentou e convocou o setor público da cidade para auxiliar a desenvolver o “I Seminário de Diversidade Sexual de Araraquara e Região” em 2006 e a Primeira Parada do Orgulho no mesmo ano. Esses movimentos foram fundamentais para o desenvolvimento de mais políticas públicas voltadas às questões LGBTQIAPN+ que fazem hoje com que Araraquara tenha um destaque nessas políticas, principalmente se lembrarmos que ainda se trata de uma cidade média do interior:

Com tudo isso veio a pedra fundamental para a construção do centro de Referência LGBTQIAPN+ que existe hoje e com a conquista de uma emenda parlamentar de 100 mil reais que fosse voltado pra isso e as coisas foram se consolidando e aí a gente acabou sem querer, sem intenção, virando referência e representatividade, tendo respeito do poder público (...) e depois o poder público abraçou as demandas, por conta disso Araraquara hoje consegue discutir, não com muita tranquilidade, mas com alguma tranquilidade, as questões LGBTQIA+ ... isso é um avanço! Agora vem a casa de acolhimento o ambulatório trans, isso é uma construção que começou lá trás com a gente.

Buscando justamente tratar da relação sociabilidade e lazer LGBTQIAPN+ com sua mobilização política nesta cidade, questiono à Albert sobre a relação de seu trabalho com as casas noturnas da cidade nesse tempo. Como sua luta sempre esteve relacionada também ao das pessoas que vivem com HIV e de combater as transmissões de IST's, a relação entre a ONG RNP+Sol com os estabelecimentos de lazer noturno ocorreu muitas vezes de forma colaborativa:

As parcerias são fundamentais, nós nunca tivemos problemas com as casas, fizemos muita parceria com a Paradiso e na zona do meretrício, trabalho voltado para as meninas profissionais do sexo, muitas delas LGBTQIAPN+. O trabalho de rua é fundamental para levantarmos as

demandas, vemos o que as pessoas precisam e as necessidades que o poder público não supre.

Até o ponto aqui trazido com Albert, destaca-se principalmente as mobilizações ativistas em torno de reivindicações LGBTQIAPN+ de Araraquara, das quais, ele é um dos representantes dos primeiros militantes pela causa na cidade, iniciadas no final dos anos 1990, como declarou. Se recuperarmos que as mobilizações desse movimento se iniciam em capitais brasileiras a partir dos anos 1970 (GREEN: 2000; SOUZA & NASCIMENTO: 2012), Araraquara é um exemplo de cidade com menores proporções, de que este movimento as alcança tempos mais tardes em relação às metrópoles, ocasionado um prolongamento do conservadorismo e de preconceitos sobre o que não é cisheteronormativo em contextos de interior (FEITOSA et. al., 2020).

Outro fato importante de assinalar, é o impacto que a epidemia de HIV/Aids teve nos movimentos em prol da diversidade sexual, dando-lhes outros rumos e demandas a partir dos anos 1980, geralmente anexando estas pautas, como se vê que funciona até hoje as atividades de Albert.

Com este interlocutor, foi possível delimitar uma versão de início das mobilizações LGBTQIAPN+ em Araraquara e ainda com ele, levantar as primeiras impressões e experiências desse público com as formas e locais de lazer e sociabilidade da cidade, principalmente em anos anteriores, e as ânsias que pessoas com suas faixas etárias ainda podem ter a respeito dessa questão. Isso, graças ao depoimento de Albert que na época, ainda defendeu a criação de um centro cultural e de convivência LGBTQIAPN+ a partir do Orçamento Participativo voltado à esta população, promovido pela prefeitura, que semanas depois desta entrevista, venceu a votação para a sua construção:

Acho que a vida noturna e de lazer ainda é um problema pra nós, principalmente os mais velhos, por isso defendo a criação do espaço cultural para todas as idades, com teatro, cinema, aulas de balé, dança de rua, hip hop, contemporâneo, que tenha exposições de artistas LGBT ou não, um local onde as pessoas possam se encontrar, que seja um ponto de encontro [...]. O centro de referencia atual é político, precisamos de um espaço cultural que possa ter a nossa cara, que possamos ir lá ouvir músicas de todas as épocas, estreitar os laços com outras pessoas. Que seja um espaço permanente porque não temos isso na nossa cidade, bares noturnos não temos praticamente, se quisermos temos que nos misturar com os outros, claro que é bárbaro temos que quebrar os preconceitos [...] nós temos só a Paradiso e deve ter mais um bar ou outro, então a noite para o público LGBTQIA+...olha não temos [...]. A noite LGBTQIA+ precisa de mais opções, quero ir num karaokê, quero ir dançar, quero me alimentar [...] tem determinados

lugares que dependendo da sua vestimenta você não é bem vindo, as pessoas ficam apontando, ficam cochichando, eu quero ir a lugares que eu seja comum, e a noite não temos isso, então esse espaço cultural vem pra agitar a cidade, é uma proposta minha, vou apresentar na plenária LGBTQIA+.

Considero como um grande influenciador das queixas de Albert a respeito da ausência de espaços LGBTQIAPN+, seja a idade, haja vista que os lugares tendem a ser dominados por jovens adultos. No entanto, também é comum que os mais novos também acusem Araraquara de ter poucos espaços de lazer voltados para a comunidade.

Em um momento da entrevista, Albert ao se referir a si e aos companheiros de sua empreitada desde 1999, diz: *até somos uma referência LGBTQIA+ em Araraquara, até porque tudo que está consolidado em Araraquara começou com a gente, mas não só com a gente e hoje novas pessoas tomam conta embora ainda atuemos nas questões (...).* Dentre figuras que podem representar essas novas pessoas e assim, uma nova geração diretamente ativista à causa LGBTQIAPN+, podemos considerar a relevância de Filipa Brunelli. Sua atuação mostra-se efetiva e representativa nos últimos anos, ao ser eleita vereadora em 2020, primeira travesti ao assumir o cargo na história de Araraquara e do *centro leste do estado* segundo ela. Filipa ainda ressaltou outros marcadores que atravessam sua fala quando foi concedida esta entrevista, como pessoa oriunda de um bairro periférico da cidade, gorda e que também trabalhou na prostituição.

O ativismo de Brunelli não se iniciou com o movimento LGBTQIAPN+ como eu presumia e sim, no movimento estudantil por volta de 2007, ao se tornar presidenta do grêmio, buscando melhorias para sua escola e toda a rede estadual de ensino. O sucateamento da educação foi o que lhe causava mais revolta e fez com que ela se aproximasse de movimentos sociais naquela época, embora já notasse também que ao menos sua sexualidade não era como a maioria dos colegas de escola, e com relação a essas pautas, aproximou-se de um núcleo LGBT do PT já bem atuante na cidade, segundo ela, ainda sob o nome GLS na época. Ao frequentar as reuniões desse grupo, Filipa logo começa a notar que *a diversidade que meu corpo representava ainda não era bem vista naquele espaço, assim como o de mais pessoas travestis, afeminadas e gordas, então me afastei* e juntamente com outras pessoas que também sentiam essa segregação, foi criado o coletivo *Papo das Bee*, marcado principalmente por rodas de conversas para a troca de vivências de pessoas com os marcadores mencionados acima pela vereadora:

Era um coletivo interseccional que reunia pessoas pretas LGBTQs, pessoas gordas LGBTQs, pessoas com deficiência LGBTQs, periféricas

LGBTs [etc.], para debater esses recortes que a militância da época ainda não havia reconhecido. Hoje vemos o movimento LGBTQIA+ já meio que obrigado a trazer essas pautas e fazer estes confrontos, mas na época a gente fez para fazer essa movimentação.

De 2013 a 2016, não houve Paradas no Orgulho, o que foi associado tanto por Filipa quanto por Albert, à gestão de “centro-direita” na cidade na época, provocando certa “dissipação” do movimento LGBTQIAPN+ segundo Brunelli, que destacou nesses anos, a continuidade dos encontros do Papo das Bee e dois atos de ocupação das ruas da cidade encabeçado pelo coletivo: em 2015 contra a lgbtfobia após o assassinato de uma adolescente trans³² e em 2016 no Dia da Visibilidade Lésbica.

Evitada por muito tempo por se considerar na época muito *radical*, é justamente em 2016 que o ativismo de Filipa se cruza com uma atuação mais institucional ao se filiar ao PT e trabalhar na campanha à prefeitura de Edinho Silva e de Thainara Faria à câmara municipal, representando aliados do movimento. Com o tempo, a *radicalidade* que Brunelli sentia foi melhor avaliada e a mesma percebeu a importância para a comunidade LGBTQIAPN+ que viria representar a sua atuação como agente pública, e assim tem ocorrido: de 2017 a 2020 como gestora de políticas LGBTQIA+, à frente do Centro de Referência criado para essa parcela da população e de 2021 a 2024, seu primeiro mandato como vereadora:

[...] eu ainda me via como muito radical para estar em partido, mas porque ainda não entendia que os espaços para nós não são dados, que precisamos conquistá-los [...]. Eu vi no dia a dia que isso foi fundamental para conseguirmos avançar, [...] aí é claro que a gente precisa se moldar pra acessar espaços, pra conseguir elaborar políticas públicas, mas eu tinha o compromisso e eu entendia que antes de ser gestora, antes de ser petista, eu era mulher travesti, uma pessoa LGBT comprometida com o avanço das pautas LGTBs e isso foi fundamental pra avançar como avançamos.

Tais avanços são: a retomada das Paradas do Orgulho, a criação do então “Centro de Referência LGBTQIA+”, o estabelecimento do Orçamento Participativo com a temática LGBTQIAPN+, em que as pessoas votaram na criação da “Casa de Acolhimento LGBTQIA+” que já funciona na cidade e o ambulatório trans, atualmente em construção. Isto fez com que Araraquara tornasse referência para demais cidades do interior e até mesmo para capitais, defende Brunelli:

³² Repercussão deste caso: https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=390 (acesso em 13/05/2024)

Nós, as caipiras, como dizem o pessoal da capital, estamos construindo muito, conquistando coisas que são novas para o interior mas que até as capitais conseguimos impressionar, isso é muito significativo.

Numa cidade considerada de interior e todas as pré-noções que a circundam, considero um avanço já nos anos 2000, Araraquara ter desenvolvido suas próprias Paradas do Orgulho e o Seminário de Diversidade Sexual como trouxe Albert, marcando um primeiro período de grande aproximação e reconhecimento do poder público ao movimento. Após o cessamento da realização das Paradas no começo dos anos 2010, seu retorno em 2017 marca uma segunda fase de maior evidência, e desta vez, com mais avanços na política pública, graças as outras conquistas citadas acima.

Para finalizar esse subtópico, destaco também as considerações de Filipa sobre a questão do lazer e da cultura para a comunidade LGBTQIAPN+ local. Na visão dela, são formas, além da política institucional e militância, que fortalecem o movimento e neste sentido, Brunelli destacou o papel das responsáveis pela *Travada*, como a Vita Pereira e da *AQL*, a Raíssa Assunção, como figuras que lutam pelo avanço da comunidade demonstrando a diferenciação de Araraquara em torno do imaginário sobre o interior para pessoas LGBTQIAPN+. Neste ponto, novamente, é visto o papel do lazer e sociabilidade como complementar ao ativismo, linha apresentada neste capítulo.

Por outro lado, houve falas da vereadora a respeito da participação de pessoas LGBTQIAPN+ em eventos que despertou novos questionamentos, mas que só poderão ser tratados numa outra oportunidade: trata-se de um certo esvaziamento desses lugares por parte das pessoas nos últimos tempos, por fatores como a dificuldade financeira, impacto da tecnologia diminuindo os encontros físicos, maior participação dessas pessoas em espaços convencionais devido a uma maior aceitabilidade dos cisheterossexuais, ou seja, um menor uso dos *guetos*, fruto, segundo ela, justamente das lutas por democratização e igualdade. Estes pontos, são hipóteses que construímos na nossa conversa, que exige uma reflexão mais apurada futuramente.

1.3.2 Diferentes relações com Araraquara

Trago experiências mais cotidianas de Araraquara, principalmente de três interlocutores que muito auxiliaram na trajetória desta pesquisa. Embora se reconheçam como gays, entre eles há diferenciações socioeconômicas³³ e cada um tem uma relação específica com a cidade: Ricardo³⁴, nasceu e até então vive na cidade, Daniel³⁵ por sua vez é da cidade de São Paulo e mudou-se para o município em 2019, já Lourenzo³⁶, na verdade, mora mesmo na pequena Boa Esperança do Sul há 34 km de Araraquara, mas estuda em Araraquara e nela construiu mais uma série de relações estando quase todos os dias na cidade. Essas diferentes origens de relação com Araraquara, produzem impressões distintas da cidade.

Ricardo que é araraquarense e certamente conhece mais partes de Araraquara e por maior tempo, a qualifica como uma cidade tranquila, de fácil mobilização que aos poucos vem perdendo esta característica por estar *crescendo muito*, como disse. No plano cultural, consegue consumir os principais shows e espetáculos teatrais que entidades como o SESI e o SESC trazem, mas ainda considera insuficiente tendo em vista o seu próprio gosto e a frequência com que procura consumir esses tipos de performances e eventos artísticos, por isso, sempre que possível, desloca-se para São Paulo, onde gosta de consumir musicais que não se apresentam no interior e também frequentar grandes festas temáticas LGBTQIAPN+ como as da *Rebobinights*³⁷ e outras que trazem apresentações de *drag queen* brasileiras e internacionais³⁸. De todo modo, ressalta que este é o lado positivo de São Paulo, mas que não moraria na capital, justamente pela vida mais *tranquila, segura, de fácil locomoção e mais barata* do interior.

Neste último ponto, certamente Daniel concorda com Ricardo, pois o paulistano veio à trabalho uma vez em Araraquara e pouco tempo depois prestou concurso e acabou ficando na cidade por ter gostado de uma maior calma e por ter um custo de vida mais barato. Daniel salientou que era o que estava buscando na fase de vida em que se encontra,

³³ Observe as diferenças nas descrições nas três próximas notas de rodapé.

³⁴ Pseudônimo a pedido do interlocutor, tem 32 anos, é gay, negro e funcionário público, com uma renda mensal de quase dois salários-mínimos, vive com os pais.

³⁵ Interlocutor e amigo que autorizou utilizar seu nome real, tem 45 anos, é branco, gay e assistente social com um salário em torno de três salários-mínimos além de residir com a mãe

³⁶ Nome fictício a pedido do interlocutor. Lourenzo tem 25 anos, é branco e servidor municipal, recebendo um pouco mais de um salário-mínimo mensal, mora com os pais.

³⁷ Festas LGBTQIAPN+ em São Paulo que privilegia a música *pop, dance e disco*.

³⁸ Principalmente eventos e casas noturnas paulistanos que trazem atrações como as *drag queens* que competem nas franquias do *reality show, RuPaul's Drag Race*.

além das diferenças nos custos de uma série de itens de consumo, ele destaca o menor preço de bares e casas noturnas de Araraquara em relação à São Paulo:

mas eu acho que eu vim para cá no momento certo, porque quando eu tava mais novo, tinha mais pique, eu ficava muito no meio que a gente fala que é o meio ursino³⁹, então todo circuito voltado para os ursos eu frequentava, era Ursound, o bar era o Sodapop⁴⁰, aí os grupos de ursos faziam eventos em chácaras, “pool parties⁴¹”, mas eu tava mais novo, era mais fácil de se locomover não usava carro, então eu acho que vim pra cá no momento certo...uma aposentadoria (risos) [...] agora eu quero ficar sentado conversando [...] aqui é mais tranquilo, mais acessível financeiramente.

No caso de Lourenzo, Araraquara, (ele cita também outras cidades de mesmo porte ou maior que frequenta na região, como São Carlos e Ribeirão Preto) é um lugar com múltiplas ofertas e variabilidade a respeito das dinâmicas da vida cotidiana e na oferta de lazer, ao ressaltar a dimensão menor do município em que vive, que acaba praticamente não proporcionando afazeres de lazer para recortes que ele pertence, relacionados a sua idade, gostos e orientação sexual:

Lá, só tem três tipos de lugares, bar véio, igreja evangélica e lugar que as pessoas se acham grã-finas, mas é uma porcaria, sempre tem as mesmas pessoas, uns héteros que se acham, não tem nada o que fazer, só conversar.

Outro ponto que para Daniel é muito interessante, é o fato dos encontros com os amigos e conhecidos nos bares de Araraquara ocorrerem de forma casual muitas vezes, justamente por uma menor oferta desses lugares e maior concentração comparado à cidades maiores:

[...] a parte melhor de todas, que você não precisa combinar nada com ninguém, é só você colocar uma mesinha e uma garrafa e em questão de minutos você já tem uma dúzia de pessoas a sua volta porque/ as mesmas pessoas frequentam os mesmos lugares, pra algumas pessoas isso deve ser chato, pra mim é excelente [...].

Enquanto Daniel busca atualmente lugares mais calmos, a queixa de Lourenzo demonstra a busca por atividades que sejam opostas a isso. Considero que isso seja resultado da diferença de idade entre os dois e de experiências vividas em contextos tão distintos antes do contato de ambos com Araraquara, revelando diferentes motivações ao explorar os circuitos de lazer nesta cidade, já que Daniel tem procurado cada vez mais os menos agitados e Lourenzo os *mais animados e para jovens*. Araraquara acaba os unindo, já que ambos são amigos e frequentam muitos lugares semelhantes como os bares do

³⁹ Destinada aos chamados “ursos”, como descrito na introdução.

⁴⁰ Bar dedicados aos Ursos em São Paulo.

⁴¹ Festas feitas em lugares com piscina, geralmente durante o dia.

Zinho, o *TNC* e a *Paradiso* e curiosamente, para um deles, esses lugares são mais tranquilos e para o outro, são mais agitados.

Solicitei nas entrevistas dos três, que conversássemos especificamente sobre os lugares LGBTQIAPN+ etnografados nesta pesquisa, não só de Araraquara, mas também de São Carlos. Muitas delas ainda vão aparecer ao longo dos próximos capítulos, então apresento outras considerações relevantes:

Lourenzo afirma ainda que é recente suas saídas para festas LGBTQIAPN+ de Araraquara e São Carlos e a constituição de amizade com pessoas que compartilham das mesmas vivências sexuais, inicia-se após a pandemia, quando se acentuou sua circulação em Araraquara, conhecendo essas pessoas e por eles, esses novos lugares e eventos. Embora frequente às vezes a *Paradiso*, o *TNC* e a festa *Travada*, ele prefere a *IeS* de São Carlos e destaca toda uma logística do seu deslocando para ela, tendo em vista que mora numa outra cidade:

P⁴²: - *Eu fico imaginando que demanda uma baita organização sua para ir para a IeS né?*

R: - *É porque Boa Esperança só tem um ônibus de manhã [de sábado com destino a Araraquara] aí ou eu vou pra casa de alguém ou fico na rua até a hora de me trocar, ou me troco na sogra da minha irmã que mora no centro, ou na casa de um amigo ou na casa da minha prima, daí depois a hora que chega [volta da festa], a gente chega [em Araraquara] às sete da manhã e eu tenho que esperar o ônibus pra BES⁴³ até as 11 da manhã (...) muito raramente meu pai vem me buscar.*

Ricardo nos últimos tempos também é assíduo na *IeS*, afirmando que a festa trouxe maior agitação para o interior devido sua grande estrutura e com grandes atrações nacionais como aqui ainda vamos ver. Suas experiências, porém, começa na *Paradiso* e nas primeiras edições da *Ai Que Loucura* em 2011:

Primeira vez na Paradiso foi em agosto de 2011, eu me joguei mesmo, dancei até de manhã e nesse dia veio Silvetty Montilla⁴⁴ em Araraquara e foi um marco porque sempre ouvi falar dela, mas eu nunca tinha ido a uma balada LGBT [...].

Ricardo diz que mais ou menos a partir de 2017 começou achar tanto os eventos da *Paradiso* quanto da *AQL*, repetitivos, fazendo com que ele fosse tomando coragem e organizando-se financeiramente para conhecer festas e eventos de São Paulo e desde então mantém esta prática. Sempre quando pode, poupa dinheiro para essas viagens e em

⁴² P: pergunta, R: resposta.

⁴³ Como o interlocutor e outros moradores identificam a cidade de Boa Esperança do Sul.

⁴⁴ *Drag queen* de grande referência LGBTQIAPN+ no país, considerada uma das precursoras do estilo *stand up comedy* no Brasil, até mesmo para além da comunidade.

relação a lugares LGBTQIAPN+ na região, tem ido somente às festas da *IeS*, que ocorrem, mais ou menos, a cada quatro meses.

Daniel deu uma contribuição fundamental para uma identificação consistente sobre o *TNC* e será apresentado no próximo capítulo. A *Travada* e a *IeS* até o momento da entrevista, ele não havia conhecido. Sobre a *Paradiso*, ele a considera uma *válvula de escape* para pessoas LGBTQIAPN+ da cidade, pois atua como um espaço para a congregação destas pessoas e para se sentirem parte de algo em comum no dia a dia, o que não impede os seus frequentadores, de excepcionalmente, explorar casas noturnas de outras cidades, deslumbrados por espaços e atrações maiores. A respeito da *AQL*, ele chamou atenção pelo reconhecimento e parceria que seus frequentadores demonstram para com a idealizadora e executora da festa, porém ressalta que deve haver renovações conceituais, organizacionais e estéticas para preservar o interesse do público.

Mais uma vez, as diferentes relações dadas ou construídas dos três interlocutores com Araraquara, criaram relações específicas com os estabelecimentos LGBTQIAPN+: Lourenzo e Daniel demonstram uma postura mais desbravadora dos lugares da cidade, cada um com base nos seus propósitos particulares. O primeiro buscando maior adrenalina em relação à cidade em que vive e o segundo, mais relaxamento após anos de euforia em São Paulo, como vimos; já Ricardo, aparenta ter explorado o suficiente os lugares de sua cidade natal, demonstrando pouco interesse em frequentá-los atualmente, poupando recursos e energia para cidades maiores.

Destaco por fim, que nas conversas com os três, eles tomaram como parte habitual da cena do lazer noturno araraquarense, haver um segmento especificamente LGBTQIAPN+, bem como, as políticas públicas voltadas a esta população, estarem bem consolidadas na cidade como vimos no subtópico anterior. Embora eles tomem como um cenário comum, compreendem que não foram dados sem mobilização da comunidade e principalmente Ricardo e Daniel, sempre se engajam nas questões políticas locais, participando de eventos como a Parada do Orgulho e o Orçamento Participativo temático.

Observo que na leitura deles, trata-se de conquistas em sintonia com o tempo atual e parte de um município com as proporções de Araraquara. Este ponto tem grande diferenciação à vizinha São Carlos como veremos na sequência, demonstrando também como os são-carlenses enxergam a situação em que se encontra hoje, as pautas LGBTQIAPN+ onde vivem.

1.3.3 Experiências e as demandas LGBTQIAPN+ de São Carlos

Na primeira festa etnografada em São Carlos, a *Retorno da IeS* em 22/04/2022, apostei em abordagens aleatórias ao longo da festa especialmente quando notava o maior efeito do álcool nas pessoas, o que poderia facilitar as conversas. Houve o recolhimento de falas interessantíssimas para compreender as relações de pessoas LGBTQIAPN+ com a cidade de São Carlos e seus lugares de lazer como as *festas da IeS*. Ouvi e anotei no celular frases como: *A IeS é maravilhosa, ainda bem que voltou, é o único rolê LGBT da cidade* (rapaz de fora, negro ou pardo, que está em São Carlos morando para cursar a graduação);

Outra fala me chamou a atenção, pois um outro rapaz que abordei (branco, também não mais estudante e trabalhador), pensou de primeira que eu trabalhava com políticas públicas LGBTQIAPN+ ou algo do tipo⁴⁵, e então, foi me listando alguns problemas que vivenciava em São Carlos. Tentei registrá-los da forma mais fidedigna possível: *Ó, aqui na cidade falta um monte de coisa pra comunidade, falta bares, espaços culturais, lugares que dê segurança, falta também representatividade na política e oportunidades pra nossa população.*

As duas falas revelam certa angústia de são-carlenses LGBTQIAPN+ a respeito de uma suposta ausência de espaços de lazer, de representatividade e até mesmo de políticas públicas voltados a seus interesses e demandas na cidade, queixas que depois, ouvi de outros interlocutores. Como é o caso de Pedro⁴⁶ que trouxe suas experiências de lazer na cidade em relação à sua sexualidade, a partir dos 19 anos quando começou a sair, citando também a experiência relacionada com um estabelecimento que existiu, mais ou menos, entre os anos de 2014 e 2017, o bar e/ou a balada *GIG*:

Eu não saía para ambientes gays porque não tinha, não existia isso, era tudo hetero, “heterozera”, inclusive não tinha lugares pras gays se pegarem. Eu lembro que das primeiras vezes que eu fiquei com caras era no meio da rua, não tinha um bar pra você fazer um “date” descente, o que mudou em 2014 mais ou menos com o Gig, mas antes não se tinha um local, ou ia na casa do boy ou num bar hétero onde as pessoas iam ficar olhando pra você. O Gig foi um divisor de águas na minha visão, porque as pessoas podiam ficar à vontade [...] por isso a gente sentiu tanto quando acabou e não tem [novos lugares parecidos], só bares gays friendlys, e isso faz falta numa cidade de interior. Não tem uma Paradiso [como em Araraquara] por exemplo, um lugar onde você sai pra flertar e ter um ambiente próprio [...]. A gente precisa de

⁴⁵ As comunicações nesta e em vários momentos em campo eram cheias de ruídos e mal-entendidos, pela música alta e alguns casos pela própria embriaguez das pessoas.

⁴⁶ Pseudônimo, 33 anos, gay, branco e professor de ensino médio da rede estadual

espaços pra falar “aqui é o nosso lugar”, é importante. Pra mim é pouco ser gay friendly, tem que ter um lugar de viado, um lugar feito pra eles, não é querendo segregar, mas precisamos de espaço (...), isso é importante pra visibilidade. Tipo, eu fui adolescente nos anos 2000, é muito doloroso: onde vamos pra encontrar pessoas como nós? Essa é a importância, de você se reconhecer no outro, num lugar gay friendly não necessariamente você vai encontrar [semelhantes].

Concluirei sobre o GIG mais a frente, conforme citado por Pedro, pois outro interlocutor também o recordou, mas ainda é necessário destacar outras experiências deste primeiro, fundamentais para compreender as formas de ocupação LGBTQIAPN+ em São Carlos, principalmente em contextos de lazer e sociabilidade:

Segundo ele, os lugares públicos da cidade como ruas e praças, também não recepcionam bem a apropriação LGBTQIAPN+, havendo maior tolerância somente em eventos políticos como a Parada do Orgulho. Retornando às casas noturnas privadas, Pedro atribui sua ausência ao forte papel das festas universitárias na cidade que concorrem acirradamente com bares e danceterias da cidade em geral, atraindo não somente os estudantes. Logo, estritamente em relação a um segmento LGBTQIAPN+, é justamente algumas festas universitárias que atraem e suprem as necessidades deste grupo, destacando-se a atuação das *Festas da IeS* nos últimos anos.

A influência das festas universitárias é tanta, que Pedro nunca foi aluno das universidades públicas de São Carlos e se mostra um grande assíduo nas suas festividades. É o mesmo caso de Felipe⁴⁷, que acentua essa perspectiva, ao definir São Carlos como uma cidade universitária em que os *rolês*⁴⁸ predominantes também o são. Embora haja bares e casas noturnas independentes das universidades, Felipe diz se identificar mais com os universitários. Argumenta que nestas festas e eventos as pessoas são mais *alternativas* e a partir de sua fala, solicitei que dissesse o que isso significaria:

É porque tem todas as tribos, vai tudo misturado. Diferente de um Banana Brasil⁴⁹, por exemplo, que vai pessoas que você não se identifica: homens héteros, que vão por causa das mulheres, se for uma pessoa diferente deles, ela não vai se sentir bem (...) aí toca só sertanejo, esse tipo de rolê eu não gosto.

Para Felipe, nas festas universitárias não há julgamentos dos presentes ao comportamento de outros, proporcionando-o mais conforto em estar nestes ambientes.

⁴⁷ Pseudônimo. É são-carlense, psicólogo, branco de 25 anos e bissexual.

⁴⁸ Palavra dele, com essa pronuncia, que é a mais comum nesta região e designa sair, dar um passeio.

⁴⁹ Casa noturna da cidade que deixou de funcionar em 2024. Veremos que muitas das festas da *IeS* foram feitas neste espaço, mas predominantemente era uma balada sertaneja, e assim, considerada um lugar hétero.

Em períodos de férias, as festas costumam diminuir muito segundo Felipe, fazendo com que o mesmo se desloque para festas em cidades como Araraquara. Porém, nestes momentos, ainda permanece, mesmo que de forma menor, o impacto que a vida universitária causa no lazer, sociabilidade e até mesmo no comércio de São Carlos:

Quando não tem aula, aí praticamente não tem lugar pra ir, os barzinhos ficam mais vazios, já foi até feita uma pesquisa que quando os estudantes estão por aqui a economia melhora, tipo com o Tusca (...) aí quando não tem, o que resta são barzinhos mais alternativos e estes são lá perto da USP e das repúblicas.

Refiro como modo de permanência do impacto dos estudantes universitários no lazer e até mesmo na paisagem urbana de São Carlos, o fato dos ditos “bares alternativos” segundo Felipe, já serem instalados próximo aos campus universitários e em regiões da cidade onde há mais moradias de estudantes, demonstrando como parte dos comerciantes que atuam neste segmento, assentam-se próximo de onde, certamente, vivem e viverão a maioria dos seus clientes. A respeito da pesquisa citada por Felipe, na verdade, há uma série de reportagens e estudos que evidenciam os impactos econômicos das universidades em São Carlos⁵⁰. Estes dados ajudam a reforçar, de fato, como é indissociável a vida universitária na composição e manutenção de vários aspectos da vida urbana da cidade, dentre os que nos interessa, o lazer e a sociabilidade e a movimentação econômica e comercial a eles relacionados.

Afunilando a questão do lazer e sociabilidade LGBTQIAPN+ nesta cidade, nota-se também sua canalização principalmente pelos meios universitários e diante disso, uma avaliação de Felipe, ao ser questionado sobre o que acharia se atualmente houvesse casas fixas voltadas a este público, com funcionamento semanal, já que a *Festa da IeS* ocorre esporadicamente:

Acho que se abrisse, ninguém ia, acho que o próprio pessoal aqui da cidade vai pensar “se eu for vão ver que eu faço isso, que eu faço aquilo” e aqui nem é uma cidade tão pequena [...] acho que se a IeS fosse toda semana, acho que não iria pra frente, acho que o público daqui prefere algo assim uma vez por mês mais ou menos.

Na primeira parte da fala de Felipe, percebo que na visão dele, por se tratar de uma cidade interiorana, embora não tão pequena, os moradores que desejassem frequentar

⁵⁰ Reportagem a respeito disso mais recente encontrada: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/03/10/estudantes-da-usp-e-da-ufscar-movimentam-r-20-milhoes-por-mes-em-sao-carlos-diz-acisc.ghtml> (acesso em 25/05/2024).

um espaço declaradamente LGBTQIAPN+, sofreriam com a constante vigilância de seus conterrâneos, praticadas por julgamentos morais, fofocas e comentários, ou seja, por tipos de violência simbólica, algo tido como ainda corriqueiro em pequenas concentrações urbanas e povoados (FRANCO & SALVADOR, 2020). E ao final da fala, ao imaginar uma frequência semanal da *Festa da IeS*, Felipe acredita que o evento cairia na rotina fazendo com que os frequentadores fossem perdendo o interesse por ele.

O fato da questão dimensional da cidade de São Carlos provocar desafios e inseguranças à comunidade LGBTQIAPN+ também é observado por Gabriela⁵¹:

Eu acho que São Carlos é uma ótima cidade para se desenvolver enquanto universitário mas em relação a comunidade LGBT o que eu tenho de experiência não é tão massa. É uma cidade ainda conservadora, os espaços para este tipo de público é muito homem cis gênero, são festas com temáticas LGBT mas só vai homens, a IeS era assim quando eu comecei a ir, só ia homem branco saradão, padrão, mas isso tem mudando recentemente [...].

Tal mudança relacionada a *IeS* ainda será discutida mais nos próximos capítulos quando nos determos aos lugares etnografados. Neste ponto, adianto e relaciono a fala de Gabriela à de Renata, que se apresentou como *transexual, travesti*⁵². Ambas, são vozes de grupos que embora LGBTQIAPN+, são quase que minoria frente ao predomínio gay cis em festas dedicadas à comunidade, logo, representam corpos sujeitos a outras experiências (e possivelmente outros desafios e violências) em eventos e na cidade de São Carlos como um todo:

Eu acho uma cidade conservadora, mas ao mesmo tempo tem com um potencial gigantesco. Por ser uma cidade média que as pessoas tem um padrão de vida mais alto, tem pessoas pobres, é claro, mas é uma cidade majoritariamente assim, como Araraquara também, em que a qualidade de vida é maior, por esse lado é bom [...] é bom e ruim ao mesmo tempo. Ao mesmo tempo que é conservadora e tem um potencial gigante, por exemplo nas políticas LGBT, que tem uma população grande mas ainda não conseguimos avançar, com o racismo cotidiano e a transfobia institucional, tem um movimento trans na UFSCar e a grande briga é que nosso nome seja respeitado na chamada, que a gente possa ir ao banheiro sem ser agredida, então são coisas que são pequenas [...] eu já fui muito de ir nas festas, no começo da graduação, hoje sou bruxona fico em casa dou rolê mais de boas e evito certos espaços da cidade mesmo que sejam LGBTs porque elas também são violentas aqui, principalmente homens gays cisgêneros e mulheres

⁵¹ Colega de turma de mestrado, apresentou-se na entrevista formal que realizamos como *uma pessoa queer em relação ao gênero, mas socialmente me defino como uma mulher cis, não me vejo como trans e sou uma mulher lésbica por conta disso*. Branca de 28 anos.

⁵² Esta foi a forma como se apresentou. Renata é pseudônimo, conforme solicitação. Ela tem 27 anos, é negra, moradora de São Carlos e cursa um dos programas de pós-graduação da UFSCar.

lésbicas cisgêneros também e vai se agravando, se for branco se for de classe média alta [...]. (Renata).

Renata conta que até mesmo nas festas da *IeS* podem ocorrer discriminações e desconfortos, justamente por ela não ter/ser um corpo como o predominante e desejável pela maioria dos frequentadores. Neste sentido, a fala de Renata demonstra a posição intermediária entre cidade pequena e cidade grande que ocupa São Carlos, na qual uma qualidade de vida satisfatória a maior parte da população convive com práticas que ainda geram desigualdades e restrições, como o racismo e a lgbtfobia (em específico, a transfobia).

Além desses interlocutores são-carlenses, que em diferente graus, são consumidores das festas da *IeS*, também conversei com Caio ou Caiuxa⁵³ que atua na organização das festas da *IeS*. Na sua visão, São Carlos é uma cidade calma, porém rotativa, *tem sempre muitas pessoas novas pra cá, todo ano tem gente que chega e que vai embora. Comparando com São Paulo, acho parcialmente segura, não sei se tão acolhedora, mas comparada a cidades grandes, é.*

A rotatividade de moradores na cidade (jovens e universitários) expressos na primeira parte desta fala de Caiuxa, também torna-se uma característica interessante de São Carlos e esse fluxo pode influenciar às dinâmicas de bares e boates LGBTQIAPN+ da cidade, que se mostram instáveis no tempo e no espaço urbano são-carlense como já se percebe até aqui, algo que será melhor refletido no final do capítulo 2.

O comparativo feito por Caiuxa na segunda parte deste depoimento, relaciona com um próprio exercício meu proposto para o desenvolvimento desta pesquisa, que era de comparar as duas cidades aqui pesquisadas, com metrópoles ou maiores concentrações urbanas. Renata e Gabriela também fizeram tal comparativos. Renata, assim como Caiuxa, também é natural da capital paulista e relaciona-a com São Carlos e Araraquara, mas demarcando as diferenças proporcionais:

A gente não pode olhar pra São Carlos e Araraquara com o olhar de São Paulo porque são contextos diferentes, as formas de ocupar espaços são outras. Aqui em São Carlos e Araraquara por terem

⁵³ Caiuxa é nome artístico e aceita ser tratado com os dois nomes. É paulistano e mora em São Carlos há 8 anos, preto de 28 anos, dentre as demais atividades remuneradas que desenvolve, além de estar envolvido com a organização da *IeS* e ser *DJ* principalmente nas suas festas, faz conteúdos para o *Instagram*, sendo também designer gráfico. Demonstrou uma vivência de gênero e sexualidade não estanque, mas que tem interesses homoafetivos, também se identificando às vezes como *queer sempre brincando entre o feminino e o masculino*” mas sem se considerar uma mulher, explicou.

grandes universidades, nada mais natural que o movimento começar por elas, porque é o espaço do conhecimento, de questionar o que é tido como natural, questionar inclusive o poder público, então as grandes ativistas estão vindo da universidade, a própria Vita⁵⁴, a Sol⁵⁵ agora também nas ciências sociais, a Erika Hilton⁵⁶, eu [etc] [...] que conseguimos movimentar a política dentro das regras do jogo normativo e das instituições. Não sei se estou sendo muito liberal ou democrática, (risos) mas acontece dessa forma. Em São Paulo temos mais diversidades e mais vozes, lá as universidades não protagonizam mais, mas fazem parte como agente transformador, penso assim pelo fato de ser de São Paulo e estar morando agora em São Carlos.

Desse modo, além das universidades exercerem forte interferência na paisagem urbana, na economia da cidade e protagonizar os eventos LGBTQIAPN+, a influência acadêmica ainda se mostra fundamental na produção de conhecimento sobre as diversidades sexuais e de gênero e no armamento da comunidade para a ação ativista e política. Neste caso, principalmente no contexto são-carlense, já que vimos um pouco da história dessas mobilizações em Araraquara, na qual o meu percurso investigativo e as pessoas ouvidas na pesquisa, pouco demonstraram uma relação tão próxima do movimento LGBTQIAPN+ Araraquarense à Unesp como o de São Carlos demonstra ser com a UFSCar.

Outra comparação que enriqueceu esta pesquisa foi a de Gabriela, ao relacionar São Carlos e Araraquara a sua cidade natal, Campinas, considerada única metrópole do país que não é uma capital de estado. Por esse *status* de metrópole e suas dimensões populacionais e territoriais, também possui diferenciações aos outros dois municípios paulistas:

Campinas é da hora de se pensar, na minha época pelo menos. Tem uma praça gigantesca no centro da cidade e em volta dessa praça tem várias praças, praça do sucão⁵⁷ e por ali tinha um point das travestis e eu novinha via de todos os jeitos possíveis: as mais montadas, as mais desmontadas, bichas novas e velhas, sapatonas também. Acontecia de tudo: briga, gente se pegando [...] eu fui me familiarizando com aquele nicho. Mas tem também um clube de homens gays extremamente elitizado hoje em dia. Pra mim hoje os bares de Campinas estão bem iguais, tem uma questão normativa, um estilo street wear, urban⁵⁸, tem aquele rolê, as larissinhas⁵⁹ e se diz

⁵⁴ Uma das responsáveis pela festa e demais atividades do coletivo *Travada* que foi aluna da Unesp Araraquara, além de compor a dupla musical "Irmãs de Pau" fazendo muito sucesso atualmente na região e na comunidade LGBTQIAPN+ como um todo do país.

⁵⁵ Artista, DJ e que se destaca entre Araraquara e São Carlos pelo seu engajamento nas causas trans.

⁵⁶ A atual deputada federal, foi aluna da UFSCar morando na cidade.

⁵⁷ Parte dessa dinâmica também foi identificada por Larissa Pelúcio e Thiago Duque (2013) neste local.

⁵⁸ Ambos os estilos mencionados por Gabriela, podem, grosso modo, tratar de roupas confortáveis, esportivas, sem muitas marcações de gênero, com referência a várias subculturas.

⁵⁹ Já ouvi esse termo como forma de designar o órgão sexual feminino, mas Gabriela utilizou de modo a remeter às lésbicas com padrão feminino no comportamento e nas roupas.

muito acessível, mas é sempre aquela sapatão de cabelo liso, de tênis “vans” que diz não ter nenhum preconceito mas reproduz estereótipos, não convive com ninguém diferente, falam mal de outras pessoas. Eu tentei muito ser absorvida por esses rolês quando estava lá. Já Aqui eu não vejo essas panelas como lá.

Veremos que tais “panelas”⁶⁰, por estilos, formas corporais, gênero entre outros, costumam disputar os mesmos espaços nas cidades de São Carlos e Araraquara, ao invés destas divisões já serem reforçadas e promovidas pelos estabelecimentos comerciais, como ocorre em metrópoles, por exemplo, em São Paulo⁶¹, segundo a pesquisa de França (2012) e em Campinas com o depoimento de Gabriela.

Finalizo este tópico com mais experiências destes interlocutores com bares e casas noturnas especificamente LGBTQIAPN+ que funcionam hoje em dia e as que pararam: Gabriela cita o bar chamado *Múltiplo* como um possível *bar de sapatonas*, porém *caro* em que Gabriela gastou em torno de *90 conto* e assim, para ela, há uma forte segregação econômica, dificultando um pleno acesso de lésbicas de classes mais desfavorecidas. Já o *GIG*, não mais existente, segundo Caiuxa, *só quem viveu sabe*, pois era um espaço abertamente acolhedor à comunidade LGBTQIAPN+. Com exceção de Felipe que ainda não havia conhecido a *Kush House*, os demais, tem apostado neste novo ambiente como um potencial espaço para realizar esse acolhimento atualmente, embora não se coloque como voltado a esse público exatamente, ele tem se apropriado e devido a isso também se tornou campo desta pesquisa.

1.3.4 Participação em eventos políticos LGBTQIAPN+ de São Carlos

As incursões em eventos de tom mais politizado e ativista da comunidade LGBTQIAPN+ nesta cidade, para conhecer as dinâmicas desta questão, foram cruciais, principalmente após não ter conseguido conversar com as figuras mais engajadas nestas questões, apesar das tentativas. Em junho de 2022 teve a “Semana LGBTQIAP+ de São Carlos” (figura 7) e um ano depois, no domingo, dia 25, a “2ª Caminhada LGBTQIAP+ de São Carlos” (figura 8).

⁶⁰ Gíria utilizada para denominar grupos de pessoas fechadas entre si e não se abrem para outras.

⁶¹ A de França (2012), por exemplo, que foi minha principal referência.

Figura 7 – Imagem de divulgação da “Semana LGBTQIAP+ de São Carlos”



Fonte: *Facebook*⁶²

Figura 8 – Imagem de divulgação da “2ª Caminhada LGBTQIAP+ de São Carlos”



Fonte: *Facebook*⁶³

⁶²Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=132132289454508&set=pcb.132132462787824> (acesso em 13/06/2024)

⁶³Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=132132289454508&set=pcb.132132462787824> (acesso em 14/06/2024).

No primeiro evento, no dia 22, teve uma roda de conversa sobre políticas públicas LGBTQIAPN+ realizadas pelas instâncias federais, estaduais e municipais, contando com as exposições do professor Flavio Adriano Borges do departamento de Enfermagem da UFSCar, Andrógine Zago, do “Movimento por Avanços nas Políticas Públicas de Atenção LGBTQIAP+” e de Alex Kreibich, artista e ativista, representando na mesa, a sociedade civil.

As falas do professor Flavio iniciaram trazendo um panorama das políticas públicas nacionais e estaduais, que, resumidamente, vale a pena serem mencionadas aqui: o professor citou a criação do programa “Brasil sem Homofobia” de 2004 e a “Política Nacional de Saúde Integral LGBT” lançada em 2011 que representaram grandes marcas, mas que ao passar do tempo, estes primeiros programas criados, começaram a apresentar defasagens devido a ampliação e modificação da sigla, necessitando de mais estudos e serviços voltados a esta população. Esta fala ainda ocorreu no último ano do governo de Jair Bolsonaro, período em que houve retrocessos para este grupo, como a extinção do “Departamento de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais” (DPLGBT) e a subtração da sigla em documentos de projetos que visam combater formas de discriminação⁶⁴. A nível estadual, o professor afirmou que São Paulo se destaca no desenvolvimento de políticas públicas LGBTQIAPN+, mas é o estado com o maior índice de assassinato desta população em 2021, sendo a maioria de gays negros, segundo o Grupo Gay da Bahia (OLIVEIRA & MOTT: 2022).

Em relação ao poder público municipal de São Carlos, Flavio Borges aponta uma limitação na execução de serviços voltados a esta população, especialmente os de saúde, enquanto coletivos civis ativistas, muitos encabeçados ou que contam com estudantes universitários na composição, lutam para a garantia de direitos. A mesa apontou que a Conferência voltada a esta população na cidade em 2019, aprovou várias pautas que não ganharam continuidade pelo serviço público, por exemplo: a capacitação de profissionais para atendimento da comunidade, como fazer com que as pessoas que alteraram suas identidades pelo nome social, assim sejam reconhecidas; tratamentos de saúde como a hormonioterapia e criação de um ambulatório trans.

⁶⁴ Além destes citados pelo professor, há outros retrocessos, consultar em: <https://adiadorim.org/reportagens/2022/10/retrocesso-e-sucateamento-a-politica-lgbti-do-governo-bolsonaro/>).

Andrógine Zago é um dos responsáveis pelo MAPPA: “Mapeamento do Avanço nas Políticas Públicas de Atenção” (GALBIERI et. al., 2021), um questionário que visou fazer um levantamento estatístico e demográfico da população LGBTQIAPN+ de São Carlos e ao ser elaborado e respondido por mais de 400 pessoas, foi enviado as Secretarias Municipais para análise do poder público e tomada de providências, mas que aparentemente, os gestores públicos pouco se debruçaram nele e nem propuseram políticas públicas à comunidade baseadas em seus dados.

Por último, a fala de Alex como representante da sociedade civil, fez jus a população, ao salientar problemas crônicos sofridos pela comunidade LGBTQIAPN+, fruto de um conjunto de falhas de ordem federal, estadual e municipal, como: o desconhecimento por parte dos agentes do Estado, da complexidade, dos significados e da característica mutável da sigla; o cruzamento das questões de gênero e sexualidade com a pobreza e falta de oportunidades, que expõe, principalmente travestis e mulheres trans, à prostituição como uma das únicas formas de sobrevivência e trabalho; a invisibilidade de pessoas LGBTQIAPN+ que são PCDs; as questões de ordem de saúde mental etc. A partir da fala de Alex, houve intervenção dos presentes, como de uma mulher trans (chamarei de Clara), que clamou por maior participação da sociedade civil nas ruas e na cobrança aos agentes públicos.

Lembrei da convocação de Clara à comunidade local para ocupar as ruas, quando então ocorreu a Caminhada LGBTQIAPN+ citada, um ano depois. Ao chegar neste evento, considerei um número pequeno de presentes, principalmente, comparando com eventos públicos LGBTQIAPN+ de Araraquara, como a Parada, o carnaval e o orçamento participativo, que contam com uma presença muito expressiva. A partir do início da caminhada, que saiu debaixo de um pontilhão próximo a rodoviária e foi até o Kartódromo⁶⁵, onde finalizou o evento com shows e atrações culturais, seguiu essa minha impressão, embora os presentes estivessem ativos com palavras de ordem e entusiasmo.

O que ficou de conclusão com estes eventos, é de fato, a constatação de uma participação civil em eventos públicos de São Carlos menor que em Araraquara, ao passo que considero isso como reflexo da consistência que ambos os municípios se encontram em referência a uma série de questões coletivas LGBTQIAPN+, como a representação na

⁶⁵ Parque da cidade para atividades esportivas e de caminhada para a população, também acaba recebendo eventos públicos como este.

política institucional, os serviços públicos ofertados em cada um e os equipamentos de lazer oferecidos, onde Araraquara está mais sedimentado e em São Carlos, fluído. Desse modo, como apontou Renata no tópico anterior, principalmente em São Carlos, a universidade tem ainda papel fundamental na solidificação das mobilizações políticas LGBTQIAPN+, pois o Professor Flavio, os responsáveis por produzir o MAPPa e outros coletivos ativistas, pertencem, originaram-se ou contam, com alguma colaboração da UFSCar.

Creio que embora uma localidade que tenha grandes referências LGBTQIAPN+ na política, nos serviços públicos em geral e nos privados na área do lazer e da sociabilidade, faça com que esta camada da população tenha maior visibilidade, como atualmente é observável em Araraquara, é justamente essa mobilização que se mostra como necessária para a efetivação destes mesmos ganhos em locais ainda incipientes, como minhas análises demonstraram ocorrer em São Carlos. Logo, é preciso ressaltar a constante participação e cobrança popular como tanto foi defendido por Clara.

CAPÍTULO 2. DE DENTRO PRA FORA: OS CAMPOS DA PESQUISA E SUAS RELAÇÕES COM A PAISAGEM URBANA

2.1 *Paradiso* - estabilização no lazer e no imaginário LGBTQIAPN araraquarense

2.1.1 Articulando informações do passado e atuais

Para reconhecer a *Paradiso* e suas dinâmicas mais comuns, foi fundamental recuperar e atualizar dados adquiridos em entrevistas para a monografia em 2018: a *Paradiso* iniciou suas atividades há 22 anos, segundo um dos sócios do estabelecimento (na época estava gerindo a casa sozinho). Atualizando os dados para os dias de hoje, a casa permanece como a boate LGBTQIAPN+ mais antiga ainda em atividade na cidade. Gay e branco de 57 anos e nascido em Araraquara, este sócio (ao que tudo indica, majoritário e responsável pelo estabelecimento desde sua origem) conta que depois de encerrada a graduação fora, retornou à cidade natal, já com a pretensão de abrir um bar para o então “público GLS” (usou justamente essa sigla para remeter-se a época de inauguração do local, ano de 2001):

Começamos aqui como um simples bar mesmo (tive um sócio por mais ou menos um ano e meio, depois segui sozinho), não teve de início a intenção em ser uma boate propriamente dita, depois de um tempo que consegui alugar esse espaço do lado [indicando o outro ambiente da boate ao qual estávamos] e ampliamos nosso espaço, aí por própria demanda do público fomos tendo esse direcionamento para uma balada, com apresentações, música ao vivo, discotecagem, mas antes era só um bar tranquilo mesmo para o público gay. Daí pra frente, durante muitos anos, a organização dos eventos era basicamente, música ao vivo às sextas e mais balada aos sábados (...) o público sempre foi diversificado, mas em geral, nessa época, às sextas o público era 70% feminino (de lésbicas né) e aos sábados, masculino - entrevista cedida em 2018 (SANTOS, 2019, pp. 38-39).

De fato, não havia e segue não havendo, uma divisão rigorosa do público entre gêneros, embora numericamente costuma haver mais homens que mulheres, mas as atrações durante os anos sempre procuraram ser diversificadas numa mesma noite, ocorrendo apresentação de música ao vivo no ambiente aberto, geralmente com uma banda de mulheres que tocava MPB e apresentação de *drag queens*, *go go boys* e *Djs* no

fechado, inferindo que a música ao vivo, principalmente deste estilo, era de maior interesse das lésbicas e as outras atrações mais direcionadas aos gays.

Diante dessas caracterizações ao longo do tempo e da forma como vinha acontecendo os eventos na *Paradiso* em meados de 2018 e 2019, segui perguntando ao proprietário na época:

P: - Como você percebe ao decorrer do tempo a dinâmica e diversidade do público frequente? (com relação a idade, ao sexo, e a própria orientação sexual deles).

R: - Sempre houve a dominância do público LGBT mesmo, principalmente gays e lésbicas, há uma rotatividade grande do público, principalmente em relação a idade, muito devido ao fluxo das universidades daqui eu acho, mas podemos marcar a faixa etária geral nesse tempo entre 18 e 40, ultimamente acho que não passa dos 30 anos (SANTOS, 2019, p. 39).

2.1.2 Dinâmicas pós-pandemia e pós-reforma

O primeiro trabalho de campo nesta fase ocorreu na noite de 11 para 12 de junho de 2022, sob o nome de “Galopa Arraiá” (figura 9) na *LED*⁶⁶, pois emendada à pandemia, a *Paradiso* passou por uma reforma e neste período realizou algumas festas como esta em outros ambientes. Esta, como se vê pelo nome, aproveitou-se do período junino para desenvolver seu conceito, e a casa e os trajes dos trabalhadores da festa seguiam o tema. Era o caso de moças trans que pareciam atuar como anfitriãs, distribuindo doces típicos como paçoca e pé de moleque e doses de alguma bebida alcoólica.

⁶⁶ Outrora, uma casa noturna tradicional, nos dias de hoje ocorrem eventos conforme o espaço é alugado para tal por diferentes organizadores

Figura 9 - Flyer da festa “Galopa Arraiá”



Fonte: página no *Facebook* do estabelecimento⁶⁷

Acabei não tendo conhecimento de nenhuma outra festa após essa que aconteceu em outras dependências, ocorrendo o retorno à casa após a dita reforma em 30 de outubro daquele ano. Destaco como principais alterações da reforma: a construção de um mezanino na área exterior da boate, que contém uma arte que mescla fotografias de artistas musicais do *pop* nacional e internacional (figura 10), dois estofados e bancos daqueles altos, característicos de bares e boates e outros quadros e lustres. Em parte desta área, há uma parede coberta com samambaias e as palavras “*imagine*” “*inove*” e “*inspire*” iluminadas (figura 11), local este que parece perfeito para os frequentadores tirarem fotos. O mezanino como um todo, justamente pelos bancos e sofás e estar numa área superior, onde o som propaga com menos força e a luz dessa área ser mais amarelada, parece ser o ambiente propício para certo desaceleramento de atividades mais agitadas como dançar na parte de baixo e no interior do prédio, tendo ainda uma reprodução de *videoclipes* através de algum projetor na parede oposta ao mezanino. Abaixo, uma parte é coberta pelo piso superior do mezanino e outra, não.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/paradisouloungeclub/photos/pb.100063839058070.-2207520000/4894350660675166/?type=3>(acesso em 09/10/2023)

Figura 10 - Pôster com fotos de artistas nacionais e internacionais no mezanino da *Paradiso*.



Fonte: registro pessoal em 16/04/2023

Figura 11 - Parede decorada com letreiro iluminado e samambaias



Fonte: registro pessoal em 16/04/2023

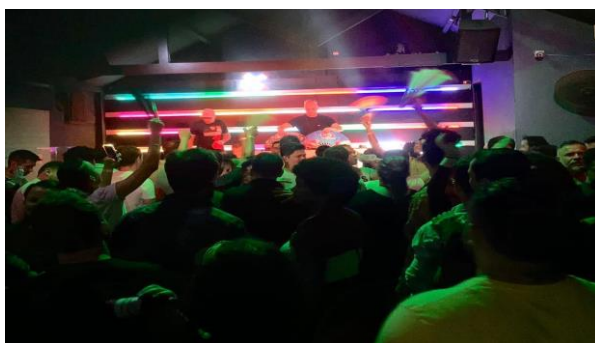
Figura 12 - Vista da área externa a partir do mezanino



Fonte: registro pessoal em 16/04/2023

Outras alterações importantes referem-se ao remanejamento de algumas instalações: havia na passagem da parte externa para a interna, um pequeno banheiro somente com mictórios, este foi desativado, mantendo apenas o da área externa e inaugurado outro nos fundos da parte interna. Quando se adentrava ao interior, do lado esquerdo ficava o bar e a sua esquerda, o palco. Agora este bar foi realocado para onde ficava o palco anteriormente e este para a frente, havendo mais espaço na parte central e na área logo após a porta que dá acesso a área interna. Às vezes os *DJs* também fazem a discotecagem na lateral direita, em referência a nova posição do palco.

Figura 13 - Discotecagem na área interna da *Paradiso* em agosto de 2023



Fonte: página do *Facebook* do estabelecimento⁶⁸

⁶⁸ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=730078479130114&set=pb.100063839058070.-2207520000&type=3> (acesso em 09/10/2023).

Todas essas modificações no prédio foram percebidas a partir das festas visitadas que voltaram a acontecer nele, após sua reforma, como as das noites de 26 de novembro de 2022 (noite anterior a parada LGBTQIAPN+ na cidade, sendo chamada então de “pré-parada”), 15 (“Noitada”) e 20 (“Toma no pop”) de abril de 2023 (veja os *flyers* nas figuras na sequência), além da festa de *réveillon* que fui, mas procurei ficar mais descontraído do que propriamente pesquisar.

Figura 14 - Flyer da “pré-parada”



Fonte: página do Facebook do estabelecimento⁶⁹

Figura 15 - Flyer da festa “Noitada”



Fonte: página no Facebook do estabelecimento⁷⁰

⁶⁹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=547024284102202&set=pb.100063839058070.-2207520000&type=3> (acesso em 11/07/2023).

⁷⁰ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=649831963821433&set=pb.100063839058070.-2207520000&type=3> (acesso em 11/07/2023).

Figura 16 - Flyer da festa “toma no pop”



Fonte: página no *Facebook* do estabelecimento⁷¹

Assim sendo, a partir da festa de novembro que foi possível perceber as mudanças ocorridas pela reforma. O ganho de espaço se deu em decorrência da construção do mezanino, ganhando-o na posição vertical. No térreo, o espaço físico era o mesmo, mas considerei e outras pessoas também disseram, que acharam que o lugar ficou mais espaçoso. A respeito da decoração, do que consigo atualmente buscar na memória, os espaços parecem contar com mais acessórios que os enfeitam. Além daqueles no mezanino, há alguns quadros pela casa, além da iluminação típica de boates. O espaço externo acaba sendo mais claro e o interno mais escuro, com *flashes* de luzes psicodélicas que podem variar de acordo com o evento ou mesmo numa única noite, de acordo com as apresentações e performances dos artistas.

2.1.3 Principais ocorrências nas noites da *Paradiso*

As percepções sobre ocorrências na festa, avaliação das posturas e do comportamento do público a partir de rápidas abordagens, variam em cada noite por uma série de fatores relacionados às festas em si. Um olhar mais genérico e rápido pode levar a crer que as noites são muito parecidas, mas quase sempre ocorrem diferenciações interessantes.

⁷¹ Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=652837013520928&set=pb.100063839058070.-2207520000&type=3> (acesso 11/07/2023).

A primeira que eu fui, foi a que considerei um comportamento mais introvertido dos frequentadores em geral: um acanhamento das pessoas, elas estavam mais presas às conversas e trocas com seus respectivos grupos, curtindo a discotecagem da noite de forma mais tranquila, porém com apreciação aos *DJs* e *performers* que se apresentavam e com isso, minha própria observação e registro de informações no celular, acabou se atentando as mudanças espaciais como descrevi acima. Na festa da *LED*, meses antes, houve mais entusiasmo do público em geral: danças, interações e trocas de beijos, por exemplo, foram vistos com mais frequência e intensidade.

A festa de 15 de abril foi a com o menor público visível, no entanto, surpreendentemente, foi uma das mais animadas. Animação esta incitada pelos *DJs*, mas certamente, por ter se notado uma agitação própria dos frequentadores. Influenciado por este comportamento, arrisquei mais abordagens que consistiram em perguntar o que as pessoas estavam achando da noite e da casa em si, modo como fiz as principais abordagens de interlocutores nos outros espaços e eventos também. Dois dos rapazes que conversei por bons minutos no início desta festa, acentuaram em suas falas que a *Paradiso* se coloca como única opção em Araraquara e entendem que se não forem nela numa noite de sábado, geralmente não se tem outro programa que os interessa, especialmente por sentirem-se mais à vontade enquanto gays, como se identificaram, para encontrar pessoas parecidas para relações de amizade ou possível envolvimento afetivo mais íntimo.

Aliás, nomeio dessa maneira as relações por entender que nas festa em si, ou ao menos nestas que fui da *Paradiso*, dificilmente acontece entre aqueles que se envolvem, atos sexuais para além de beijos, carícias e alguns toques mais explícitos. Dependendo da intensidade proporcionada pelas ocasiões, é possível ver beijos no pescoço, passada de mão nas nádegas e nas genitálias, muito rapidamente, mas em ambos, por cima da roupa. Por baixo delas, é mais comum carícias nos peitos e na barriga, de forma, contudo, que não chame tanta a atenção dos demais presentes.

A casa também promove o estabelecimento de redes de contatos para as pessoas encontrarem companheiros para sair em outros lugares, inclusive fora da cidade. Foi o que aconteceu ao conversar com estes dois colegas. Eles me contaram que por considerarem a pouca oferta em Araraquara e sempre verem as mesmas pessoas, vão às vezes ao *bar da Ana* na cidade de Jaú (75 km de distância), convidando-me, inclusive, para ir junto deles alguma vez.

Como mencionei, nesta noite considerei que o público não era grande, mas muito animado. Houve apresentação de uma artista que faz cover da Pabllo Vittar, fazendo dublagem das músicas originais da cantora, aparada com roupas e cabelos idênticos aos dela, contando com grupo de dançarinos copiando as performances da *drag*. Devido à alta popularidade e conhecimento das músicas da Pabllo entre o público presente, a apresentação foi um sucesso e eles seguiram animados com a discotecagem dos dois *DJs* que tocaram após o show.

2.2 A *Ai Que Loucura (AQL)* - 10 anos de festa

Em 2022, as festas da *Ai Que Loucura* (ou simplesmente *AQL*), completaram 10 anos de ocorrências praticamente com edições mensais, com exceção da pandemia que no momento mais crítico, obviamente, não aconteceu. A primeira festa que fui nesta fase para fazer trabalho de campo, no dia 02 de julho, comemorou justamente essa década (figura 17), acontecendo no *Bazuah Eventos*, local muito conhecido e influente na cidade para a realização de grandes eventos festivos. No entanto, eu já conheço a festa desde 2013 ou 2014 e assim como o antigo *Pirata's* (hoje no mesmo espaço, *TNC*) e a boate *Paradiso*, foi campo de pesquisa na graduação entre 2018 e 2019 e também aproveitei para articular informações daquele trabalho com as atualizações constatadas atualmente e com especial comparação à *Paradiso*, por ambos serem explicitamente locais de lazer noturno que se direcionam à comunidade LGBTQIAPN+.

Figura 17 - Flyer de divulgação da festa de 10 anos da *Ai Que Loucura*



Fonte: captura de tela no *Instagram*⁷²

⁷² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CfW_5KMOJI9/ (acesso em 31/10/2023).

Sendo assim, na pesquisa anterior, já havia feito o registro com especial ajuda de um dos *DJs*, buscando informações do surgimento, do desenvolvimento, da expansão e popularização da *Ai Que Loucura* na cidade. Quem ajuda a reciclar as informações hoje é Ricardo (que apareceu no primeiro capítulo) que foi com frequência principalmente no ano da primeira edição, feita para comemorar o aniversário daquela que viria a ser a idealizadora e executora da expansão da festa para além dos seus amigos mais íntimos⁷³. Ricardo conta que nas edições em que foi neste início, pagava algo em torno de R\$8,00 para entrar e cada um levava a sua bebida. Com o tempo foi ganhando novas proporções e seu relato trata dos momentos que precede a amplificação da festa trazido anteriormente:

[...] o sucesso da festa, com amigos da aniversariante trazendo outros colegas foi tão grande, que estimulou a realização de outras, cobrando entrada e vendendo bebidas, fazendo divulgação entre amigos, conhecidos e nas redes sociais. As festas foram se encorpando a cada edição, com dois anos de realização, os locais das festas passaram da então residência da jovem ou de áreas de lazer alugadas, para grandes casas de eventos de Araraquara, como o antigo bar *Krakatoa*, o camarote do estádio da Ferroviária, até mesmo nas dependências da *Paradiso* e do antigo bar *Anexo* [...] [que] por cerca de três anos (2014-2016) foi um forte movimentador da vida noturna LGBT em Araraquara (SANTOS, 2019, p. 42).

Do ano de 2016 até o tempo que entreguei a monografia, as festas vinham sendo *open bar* em lugares como os citados acima, além de um estabelecimento para eventos próximo a Cutrale⁷⁴ onde ocorreu a maioria das edições de 2022, mas desta vez, não mais *open bar*. Nesta etapa, além desta de comemoração aos 10 anos, fui em 30 de julho, 10 e 17 de setembro e 16 de outubro de 2022 e teve outras até junho de 2023, não ocorrendo mais desde então até a finalização desta dissertação.

Não sei dizer com exatidão porque pararam, sendo que é a primeira vez que se tem um jejum maior do que de um mês, com exceção do cessamento por praticamente dois anos impostos pela pandemia. Algumas vivências da pesquisa em si podem indicar alguns motivos: primeiramente, segundo interlocutores que conversei principalmente na última edição em que fui, apontaram uma certa repetição das atrações da festa, como os *DJs* que se apresentam e os estilos musicais, além de um preço não agradável ou acessível para o consumo de bebidas. Esse descontentamento foi apontado por pessoas que frequentaram as últimas festas da *AQL* antes da pandemia em que elas foram praticamente todas *open bar*. Eles me disseram que ouviram em seus cotidianos que as festas nesse

⁷³ Infelizmente, ela não deu continuidade nos contatos que fiz para entrevistá-la.

⁷⁴ Uma das maiores empresas de produção e importação de laranja e de seus subprodutos no mundo e esta unidade de Araraquara é a sua matriz.

formato estavam causando prejuízo financeiro à organizadora e seria este o motivo de não ter mais às executado dessa forma. Ao longo das festas que fui em 2022, fui percebendo um declínio na presença do público e o comportamento dele difere muito dos tempos de *open bar*, estando menos eufóricos que antigamente, questão que será tratada com mais atenção quando for focado a influência do álcool no comportamento e nos processos de sociabilidades nessas festas.

2.2.1 A *Ai que Loucura* em relação à *Paradiso*

Além da *Paradiso* já apresentada inicialmente, considero que a *AQL* ao seu lado, são os nomes mais consolidados num possível *circuito*⁷⁵ LGBTQIAPN+ da cidade que seguem em funcionamento, mesmo com essa parada um pouco maior que temos hoje da *AQL*, porém sua responsável segue em atividade como *DJ* em outros eventos públicos e privados da cidade, sejam eles LGBTQIAPN+ como a parada do orgulho, mas também para além deles.

Outrora havia denotado diferenças entre *Paradiso* e *AQL* no âmbito das atrações e ambiente sonoro e em relação ao público, seu comportamento e a faixa etária, coisas que só vieram a ser percebidas com a preocupação em fazer desses locais que eu já frequentava, campo etnográfico. A partir de um olhar mais criterioso, pois é muito comum que os frequentadores considerem ambos os ambientes semelhantes como muito eu mesmo já fiz, foi possível constatar disparidades, desde as mais claras como as atrações que orientam as noites, a outras sutis como a diferença de público. Neste momento, destaco os primeiros: observe a seguir as distinções entre as atrações artísticas e as estratégias de garantir a presença e animação do público entre 2018 e 2019.

A Paradiso oferece em quase todos eventos além de discotecagem com música eletrônica, *pop* e *funk*, apresentações de *drag queens*, *gogo boys*, artistas do ramo LGBT em geral, que dominam grandes eventos em São Paulo e demais cidades, além de oferecer espaço para artistas da cidade [e região]. A *AQL* por sua vez, sempre apostou desde o início em *DJs* [também da cidade e região], com música *pop* e *funk*, predominando as então *divas* nacionais e internacionais desses cenários musicais (Lady Gaga, Madonna, Beyoncé, Rupaul, Anitta, Pablio Vittar etc.) sempre antenado ao que está fazendo sucesso no momento. O *open bar* e esta *playlist* acalorada sempre agradou e segurou muito bem o público (...) (SANTOS, 2019, p. 43).

⁷⁵ Considerando a definição de Magnani que será experimentada mais a frente.

A partir desses estímulos, foi possível traçar uma cadeia de acontecimentos nas noites da *AQL* naquela época:

[...] a festa começa com música *pop* num tom de som moderado, enquanto as pessoas estão chegando e começando a beber. A tendência é sempre das músicas ficarem mais animadas até chegar ao *funk* que é o ápice de efervescência na noite e o público já neste momento e notoriamente com ajuda do consumo de bebidas alcoólicas, também estão mais empolgados, “soltos” e entrosados. Neste momento, nota-se que a interação entre as pessoas do público ocorre com maior facilidade [...] (SANTOS, 2019, p.43).

Quero dizer com isso que as pessoas que até então não se conheciam, abriam-se entre elas, rompendo a timidez, operando interações, dançando juntas e estabelecendo coleguismos ou flertes e beijos. Ainda havia afirmado que estes envolvimento eram mais calorosos e recorrentes nas festas *AQL* do que na *Paradiso*, sendo a primeira sempre *open bar* naquela época, enquanto que a *Paradiso* fazia/faz festas nesta modalidade ocasionalmente.

Para os dias de hoje, há pontos que precisam ser diferenciados em relação a este passado: a respeito das atrações, na *Paradiso* permanece predominando a performance desses artistas e de *DJs* que tocam música eletrônica e *pop*. Em algumas edições das recentes, a *AQL* por sua vez, procurou inovar trazendo além de *DJs*, performances de danças e música ao vivo: destaque para uma cantora de *pop rock*, MPB e sertanejo universitário que também é LGBTQIAPN+ e que num passado mais remoto, tocava sempre na *Paradiso* e era associada a atração voltada para as *sapatonas*⁷⁶ que iam à boate (citada no texto da *Paradiso*). O que é interessante destacar de hoje em dia, é a maior valorização nas duas da música nacional. O *pop* internacional vem cada vez mais dividindo espaço com o nacional e ampliando o espaço do *funk*, estilo que já era de grande valorização na *AQL* e mais notado na *Paradiso* a partir de agora. Ambas estão sempre antenadas ao que está fazendo sucesso nacional nesses gêneros de artistas que se vê um grande consumo por parte de pessoas LGBTQIAPN+. Sendo assim, ao longo de 2022, nas duas, ouvi muito os sons de Gloria Groove, Luísa Sonza e Pedro Sampaio, artistas em alta no período da pesquisa de campo.

Tratando novamente a *AQL* com exclusividade, em todas suas festas visitadas, havia somente um ambiente com música no qual as atrações alternavam-se ao decorrer

⁷⁶ Foi assim que ouvi pessoas na festa do dia 31 de julho, recordar a atuação desta artista na *Paradiso* em anos anteriores.

das noites. No *PI6*, local onde ocorreram três das cinco festas visitadas, o espaço que deve corresponder a uma área externa, as pessoas usavam principalmente como fumódromo e também conversavam com mais calma já que o som chegava com menos volume e também poderia acontecer beijos com pouco mais de tempo e envolvimento.

A presença da música brasileira atual nas *AQLs* tende a ser o auge da euforia dos participantes, algo que eu não esperava e contava ainda com maior domínio do som internacional como ocorria anteriormente. Desta vez, a agitação do público é ainda maior quando quem começa a tocar é a *DJ* organizadora da festa, já que sua *playlist* toca principalmente este e outros ritmos populares brasileiros que estejam fazendo sucesso entre a comunidade LGBTQIAPN+, superando a preferência pelas divas do exterior. Diferente da *Paradiso* e da *Festa da IeS*, em que a relação entre música nacional e internacional parece mais equiparada.

2.3 *TNC* - uma alternativa para Araraquara

2.3.1 Transição *Pirata's* para *TNC*

O *TNC*, como relatado na introdução, sucedeu o bar *Pirata's* no mesmo local e esta transição parece ter ocorrido no período de fechamento de estabelecimentos considerados não essenciais em decorrência da pandemia de COVID-19. Tanto que entre os anos de 2020 e 2021, das vezes que passei em frente ao estabelecimento, via-o sempre fechado e sem o letreiro e *logo* de antigamente, o que fez acreditar que o fechamento do então *Pirata's* havia se dado definitivamente, não somente durante a pandemia.

Figura 18 - Fachada do então *Pirata's bar*, provavelmente entre os anos de 2018 e 2019⁷⁷.



Fonte: *tripadvisor*⁷⁸

Foi apenas em setembro de 2021, principalmente nas redes sociais, que se deram os primeiros sinais de abertura de um novo bar naquele ambiente. As primeiras publicações da página no *Instagram*, indicam as primeiras sinalizações de abertura do novo empreendimento e segundo as mesmas postagens, a inauguração aconteceu no dia 10/12/2021 e ocorreu algumas poucas aberturas da casa naquele fim de ano, com uma noite especial no dia 23 de dezembro.

Figura 19 - Fachada atual do lugar, agora *TNC espetto bar*



Fonte: *restaurant guru*⁷⁹

⁷⁷ Pois antes desse período, o letreiro e *logo* era uma bandeira de pirata, mas não encontrei imagem.

⁷⁸ Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g800380-d4507444-Reviews-Pirata_Snooker_Bar-Araraquara_State_of_Sao_Paulo.html (acesso em 08/10/2023)

⁷⁹ Disponível em: <https://restaurantguru.com.br/TNC-espetto-bar-Araraquara#gallery> (acesso em 25/07/2023).

A partir daí, houve o retorno em janeiro de 2022 e eu fui em um sábado deste mês por volta das 23h. No caminho até lá, muito recordei como eram as noites do *Pirata's* e chegando, o choque foi grande, tamanha diferença principalmente em relação ao ambiente musical. Chamou tanta atenção que outras mudanças foram percebidas um tempo depois e observando o ambiente em outras noites.

Vale detalhar, para fazer perceber esse choque que mencionei, a estrutura física do espaço. Ele fica num piso superior, em cima de uma lanchonete, entre a rua Carlos Gomes (rua 6) e Avenida Brasil, sendo por esta via que se dá o acesso através de uma escada que, ao finalizar a subida, vira-se à esquerda para entrar ao bar. Desde lá de baixo e subindo as escadas, era possível notar a diferença mais significativa do *TNC*: a música.

Nesta noite, eu chegava num horário em que já havia uma alta agitação do público e eles estavam dançando *funk*, ritmo impensável para o então *Pirata's* que era considerado um bar de *rock*. Na verdade, até começou a tocar *funk* neste antigo bar em 2018 e 2019, mas era algo recente, tanto que descrevi naquela época que, se chegássemos por volta das 21h, era possível ouvir

o som de *Engenheiros do Haváí*, *Charlie Brown Jr* ou ainda alguma banda de rock internacional. Porém, por volta da meia noite, muda[va]-se completamente o ambiente musical para o *funk*, algo que poucos anos atrás⁸⁰ era inimaginável para o público deste bar, junto com as exibições de alguns clipes do gênero em algumas TV's enquanto outras continuam apresentando as lutas de UFC⁸¹ (SANTOS, 2019 p. 36).

2.3.2 O primeiro bar/balada da cidade

De mais diferente - inclusive da época em que ainda como *Pirata's*, o *funk* tinha sido aderido à *playlist* daquele bar - alterou-se também a disposição dos objetos no espaço e o comportamento das pessoas: praticamente não havia mais mesas na área de convivência do público e todos estavam dançando *funk*, de modo que cheguei a crer que aquela era totalmente a nova dinâmica que o *TNC* deu ao espaço. Porém, na verdade, o local varia de acordo com o decorrer da noite e no *Instagram*, eles se reconhecem como “o primeiro bar/balada da cidade”. Daniel, a partir de suas vivências nos faz entender como isto funciona:

⁸⁰ Por experiência própria, entre os anos de 2013 e 2015.

⁸¹ “Ultimate Fighting Championship”: organização de artes marciais mistas.

eu adoro por causa da versatilidade, eu acho incrível o lugar que começa te servindo um espetinho com cerveja e depois de um tempo tirava-se os espetinhos e enfiava os drinks, depois de um tempo tirava as mesas e virava uma boate, em São Paulo não tem isso, balada é balada, bar é bar e restaurante é restaurante (...) a proposta do proprietário para o lugar foi muito feliz, quem só quer comer um espetinho e tomar uma cerveja chega às 19h, quem quer só uma cerveja um pouco mais tarde chega às 21h, quem quer balada, uma hora da manhã, e quem tem pique, vive tudo.

Acompanhando mais precisamente por mais quatro noites (12/03/2022, 05/05/2023 e 09/09/2023), foi possível descrever a seguinte movimentação do público e assim da própria organização da casa:

De fato, a dinâmica como descrita por Daniel é evidente: o processo do bar virar balada começa por volta da meia noite, no qual as mesas que estão distribuídas no espaço central do ambiente são recolhidas ou postas no canto, pois muitas das pessoas já se levantaram para prestigiar em pé, muitas vezes dançando a discotecagem do/da *DJ* que começa tocar, geralmente entre as 22h30 e 23h, substituindo o som que tocava automaticamente até então.

A respeito do momento anterior, o som que ainda serve mais de ambiente de fundo (pois a dinâmica ainda é de bar e as pessoas estão conversando em suas mesas), tem se mostrado democrático, toca-se todos os estilos de forma aleatória, como *pop*, *rock*, sertanejo, *rap* e *trap*, principalmente. Ao mesmo tempo que esta *playlist* diversa está em execução, há um telão que exibe videoclipes sem sons e geralmente no momento em que a discotecagem é comandada pelo *DJ* de cada noite, os *clips* são substituídos por vídeos com jogos de luzes que remetem a danceterias em geral. Quando o som é assumido por *DJs*, até começam por um *pop*, mas noite adentro, a democratização percebida no momento “mais bar” da casa, é sucedida pelo monopólio do *funk* e visivelmente, é o som mais apreciado pelos presentes, com as danças e o envolvimento se intensificarem perto da 01h, até as pessoas começarem a ir embora, a maioria, a partir das 03h. Ainda vale citar que há duas mesas de sinuca no ambiente, numa parte lateral, com o espaço central sendo privilegiado às mesas para consumo e em seguida para a dança dos presentes quando o bar se converte em balada.

Ao se afirmar como “bar/balada”, o *TNC* atua em função disso a partir dos esforços de sua equipe de funcionários, reorganizando suas atividades e o espaço, organizando a cozinha que funciona mais no momento em que o ambiente está mais bar do que balada, ajustando som, aumentando seu volume a partir do momento em que a

maioria dos presentes se levantaram das mesas e estão mais dispostos a dançar do que conversar, a entrada do/da *DJ* que ocorre mais tarde como trazido e o recolhimento das mesas e cadeiras centrais.

Porém, muito dessa transição ocorre também a partir das respostas que os frequentadores dão aos estímulos oferecidos pela casa e esta varia entre os grupos de amigos presentes, da especificidade de cada noite e pela quantidade de clientes, pois foi verificado que quanto mais cheia estiver a casa, maior é a euforia e o interesse das pessoas em dançar. O público não altera suas posturas num momento exato nem de maneira uniforme, as mesas e cadeiras só são retiradas daqueles que já se levantaram e muitos ainda vão acompanhar a discotecagem do/da *DJ*, sentados.

2.3.3 Outras discrepâncias em comparação ao *Pirata's*

A respeito da decoração do *Pirata's*, vale destacar suas alterações em dois períodos, 2013 a 2015 e 2018 a 2019 e compará-los com a decoração atual adotada pelo *TNC*:

2013 - 2015: “O *Pirata's* tinha mesas e cadeiras pretas de tons escuros, a iluminação seguia nessa mesma tendência, a decoração contava com pôsteres e quadros de bandas de rock famosas e de outras figuras que remetem a este movimento cultural” (Santos, 2019, p. 36), além de colantes com *logos* de motoclubes e repúblicas universitárias em volta da parede da área do caixa principalmente;

2018-2019:

As mesas agora são novas, têm colorações mais claras, um tom bege, bem parecidas com bares tradicionais, as paredes receberam novas pinturas também em tons mais claros do que antigamente e vemos espalhado por elas *slogans* [e *logos*] de marcas de cervejas populares, principalmente da “Skol”, substituindo pôsteres das bandas. (SANTOS, 2019, p. 36).

A roupagem do *TNC* para os dias de hoje se difere das anteriores: volta um tom escurecido das mesas e cadeiras, só que revitalizado, e as paredes na sua maioria são roxas, cor que acompanha o *logo* da casa (figura 3) e uma delas tem um papel de parede rosa com vários *logos* com o nome do bar espalhados por ela em amarelo e roxo, local provavelmente pensado para os frequentadores tirarem fotos. Ao centro, a partir de um pilar, há o desenho de uma árvore em laranja e verde neon (figura 20). Por fim, vale

lembrar que antigamente, o local contava com quatro mesas de sinuca e era muito procurado para esta prática, hoje são duas como já citado, fazendo com que menos pessoas façam o seu uso.

Figura 20 - Parte central do *TNC* com a pintura da árvore em neon. Espaço que vira pista de dança.



Fonte: registro pessoal em 12/03/2022

2. 4 O coletivo e a festa *Travada*

“Espaço Multicultural de Aquilombamento Marginal”, é dessa maneira que o coletivo *Travada* se descreve na *bio*⁸² do *Instagram*, o que acaba indicando suas formas de intervenções, das quais pessoas transexuais e não binárias são a linha de frente, onde muitos são ou já foram estudantes da Unesp Araraquara. Um dos objetivos das festas e eventos de exposição artística organizados pelo coletivo, é angariar fundos para o movimento, pois constituíram nos últimos meses de 2022, um espaço multicultural que procura fomentar, elaborar e compartilhar produções artísticas de pessoas LGBTQIAPN+ periféricas e ofertar cursos formativos em arte e cultura a quem se interessar. As festas, que são o foco desta pesquisa, contam com as/os artistas do movimento, que atuam como *performers*, *DJs* e intérpretes musicais.

⁸² Seção no *Instagram* em que o usuário se descreve e se apresenta.

Figura 21 - Capa do Facebook da “Travada”



Fonte: página do Facebook⁸³

O coletivo tem como um dos nomes mais notórios, Vita Pereira, que entre outras atividades produzidas no cenário artístico-cultural de Araraquara, forma as Irmãs de Pau, ao lado de Isma Almeida. Elas se apresentaram, por exemplo, no *Pankadão da IeS* no dia 1º de abril de 2023. A sonoridade de suas músicas tem uma marca do *funk* brasileiro contemporâneo, as letras ressaltam vivências cotidianas e sexuais da vida de travestis e orgulho de seus corpos, que produzem uma performatividade feminina peculiar: ao possuir em sua anatomia o pênis, este órgão não é rechaçado por elas, pelo contrário, é contemplado, denotando uma composição corpórea específica, que, se por um lado, contém esta genitália convencionalmente relacionada ao sexo masculino, também é composto de características que tradicionalmente ligamos ao corpo feminino, como seios e cabelos longos, além das indumentárias e adereços que nossa cultura adorna os corpos com essa marca de gênero, peças de roupas como minissaias, vestidos e meia calças, maquiagens, unhas pintadas, salto alto etc.

2.4.1 Travada e Encruzilhada Futurista

As duas edições etnografadas da festa *Travada*, ocorreram na sequência do desfile “Encruzilhada Futurista”. Trata-se de um desfile de moda organizado pelo coletivo *Travada* que procura *entrecruzar* artistas independentes da cidade produzindo encontros entre *moda, arte, performance, cultura do funk, afrofuturismo e cultura Ballroom*,

⁸³ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=472816424849699&set=a.472816401516368> (acesso em 25/07/2023)

conforme falas captadas durante o acompanhamento dos eventos e em um e-mail de divulgação da edição de 24 de junho de 2022, que foi antecipado com um debate a respeito do evento na UNESP, na segunda-feira daquela semana⁸⁴.

Os temas dos desfiles em geral procuram ressaltar *estéticas periféricas*: a partir de uma apropriação da alta costura, confecciona-se peças que fazem parte do uso das pessoas que vivem em bairros afastados, carregadas de mensagens políticas. Muitas dessas produções têxteis misturam tecidos, formatos e cortes, que tradicionalmente a moda divide entre masculino e feminino.

O evento tem ainda o interesse de impulsionar e divulgar a produção de moda na periferia, sendo que o trabalho de desenho, corte e costura, maquiagem e desfile, são elaborados por artistas que preferencialmente moram nos bairros periféricos da cidade e que, geralmente, não conseguem viver apenas da arte que produzem.

Este movimento teve início dentro da UNESP, onde estudantes que viviam na periferia e muitas vezes se reconheceram em recortes como, cor da pele preta e expressões sexuais e de gênero não normativas, uniram-se para tal, buscando em seus bairros pessoas que já faziam produções similares.

Nos últimos tempos, os desfiles performáticos e outras atividades a eles relacionados, encabeçados pelo coletivo *Travada*, têm ocorrido em espaços culturais de Araraquara e cidades vizinhas, como nas unidades do SESC desta cidade e na de São Carlos. Em junho de 2022, o desfile ocorreu no saguão do CEAR (Centro de Eventos de Araraquara) e em maio de 2023, no Ginásio *Gigantão* da cidade.

Embora eu tenha assinalado que a festa *Travada* tenha em uma das suas motivações, angariar fundos para mais performances artísticas do coletivo e preservação e manutenção do espaço físico para suas atividades, sem dúvida, também é um evento artístico-cultural do coletivo assim como a *encruzilhada futurista*, pois manifesta suas expressões artísticas e políticas, haja visto, os próprios elementos atrativos que compõem a festa e que serão descritos a partir das edições dos dias 24/06/2022 e 19/05/2023.

⁸⁴ Debate este encabeçado pela Vita Pereira e a descrição deste tópico bebe muito da sua fala neste debate e as frases e palavras em itálico são categorias êmicas.

2.4.2 Protagonismo do público e referências à cultura *Ballroom*

A festa *Travada* de 24/06/2022 ocorreu no espaço da *LED*, especialmente devido às obras da *Paradiso*, sendo que as edições futuras, até maio de 2023, ocorreram nas dependências desta boate.

Figura 22 - Primeiro post no *Instagram* de divulgação desta edição da *Travada*



Fonte: Captura de tela⁸⁵

Nas duas edições eu fui sozinho, o que fez com que a observação fosse mais analítica da ocorrência de fatos e dos elementos e estrutura do ambiente. Começando assim, a venda de bebidas, por exemplo, não era de responsabilidade da *Travada* em si, mas de quem forneceu o espaço físico para o evento.

Numa primeira vista, considerei que o ritmo que predominava na pista de dança era um *funk* nacional contemporâneo e nesta edição, também notei uma relação interessante entre o público e a estrutura do evento em duas passagens:

Na primeira, em um momento da festa, parte do público que quisesse pôde subir ao palco onde ocorria as apresentações de *DJs*, cantores e demais artistas. Nesse momento, palco e plateia se misturaram, rompendo com esta divisão tradicionalmente posta nesses ambientes de baladas e boates. Evidentemente que esta divisão, na qual geralmente o palco está à frente do público, de um modo elevado, assim é estruturado para melhor emissão do som e visualização do público, mas acredito que essa divisão

⁸⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ce1_Dy-uQvC/ (acesso em 09/10/2023).

também distancia essas partes. A impressão que se deu quando o público foi ao palco, é que o evento se demonstrou mais integrativo, afinal, palco e pista de dança se tornaram um ambiente único e público e artistas performaram juntos e compartilharam daquele momento sem delimitação de espaços que um ou outro deveria ocupar.

A segunda movimentação trata do momento em que, na pista de dança, ocorreu uma performance de desfile. O público se dividiu no espaço, deixando um vão ao meio que se torna uma passarela e as pessoas passam, desfilando e dançando, reproduzindo assim, o que ocorre em festas marcadas pela chamada, cultura *Ballroom*⁸⁶ (figura 23). Assim, as próprias pessoas que integravam o público, desfilavam e dançavam especialmente através do estilo vogue (ou voggin)⁸⁷. Com referência ao que se trata originalmente a cultura *Ballroom* e suas práticas, também tenho considerado que é uma movimentação que democratiza o ambiente, pois permite que quem participa saia de uma posição de expectador e performe juntamente com aqueles que estariam ali fazendo isso de maneira mais profissional, assim pessoas com diferentes propósitos, público e artistas, reforcem ainda mais os laços e relações.

Figura 23 - Momento da festa em que o público se dividiu formando uma passarela



Fonte: registro pessoal em 25/06/2022

A respeito das referências à cultura *Ballroom* e do *vogue*, elas ocorrem de forma abrazeirada, pois há predomínio de um repertório nacional nos palcos principais da *Travada* e nesta edição que continha somente um espaço com música, foi este o estilo

⁸⁶ Movimento cultural que continha concursos de *drag queens* e transexuais oriundos da periferia de Nova York e assim destacava-se a presença e o protagonismo negro e latino, sua forma ficou mais consolidada a partir dos anos 1970 (ESTEVAM & GERALDES, 2021; REIS, 2021)

⁸⁷ Uma das categorias das competições do Ballroom que contém subdivisões (ESTEVAM & GERALDES, 2021 e REIS, 2021), mas grosso modo, “estilo de dança baseado em emular poses de modelos em revistas de moda” (ESTEVAM & GERALDES, 2021, p. 03), principalmente a Vogue que acabou nomeando o estilo.

musical que deu o tom das performances neste momento. O *funk* embalava muitas das danças similares ao *vogue*. Isto demonstra uma faceta e recorte da transnacionalização da cultura *Ballroom*, aos moldes de como delimitou Henrique Cintra Santos (2018) a partir da popularização global do movimento⁸⁸, no qual diferentes regiões o adaptam em função de suas culturas locais. No entanto,

[...] tal domesticação é sempre limitada e controlada pela comunidade norte-americana que, por ser precursora dos Ballrooms, projeta uma normatização para os outros países, colocando nestes a necessidade de legitimação por parte dos EUA caso queiram ser reconhecidos dentro da cena dos Ballrooms. Essa normatização e controle são realizados de diversas maneiras e dispositivos, mas principalmente, através da linguagem (SANTOS H.C., 2018, p.70).

Nesse sentido, o *Ballroom* nas *Travadas* conta com a música brasileira como trilha, mas os passos são os do *vogue* e a divisão do espaço numa passarela, é a mesma dos tempos clássicos do *Ballroom* nos subúrbios dos Estados Unidos.

2.4.3 Outras Referências culturais da *Travada*

Entre os DJs e cantores que se apresentam nas festas da *Travada*, muitos têm vínculos com o coletivo, sendo em sua maioria, negros e negras. Os artistas envolvidos nos eventos acentuam a proposta do coletivo e das suas festas em dar protagonismo a pessoas periféricas, não cisgêneros, pretas e não brancas, em atividades que organizam e executam as atrações culturais, como é o caso da festa *Travada*. Atividades mais operacionais, como a segurança, a limpeza e os bares, ficam à cargo dos proprietários e trabalhadores do espaço disponibilizado.

A respeito das atrações musicais, dizer que se trata predominantemente do *funk* tem se mostrado muito genérico, sendo necessário delimitar um possível subgênero. Farei inferências baseadas nos sons escutados em campo e de que maneira, como leigo, as entenderia, atrelado com a descrição feita nas redes sociais sobre a sonoridade tocada.

⁸⁸ Transnacionalização em diferenciação da transculturalização que ainda é algo que não ocorre com o *Ballroom* segundo o autor. Pois, transnacionalização refere-se mais a apropriação de uma cultura externa à suas condições, enquanto transculturalização indica que tais trocas também provocam alterações na cultura que exportou tal conjunto de práticas (SANTOS, 2018, p. 63,64). Para um debate mais cuidadoso sobre essas diferenças, consultar o capítulo 2 da dissertação deste autor.

Nas postagens no *Instagram* de divulgação das festas, muitas vezes, o estilo que a página divulga que vai ser tocado, é o *eletrofunk*, ou seja, o que eu chamei de *funk* nacional contemporâneo, tem sido o que escuto nessas edições da *Travada*. De fato, trata-se de uma mistura de sonoridade eletrônica com letras e batidas do *funk*. Outros estilos muito percebidos são o *trap*⁸⁹, *rap* e *hip hop*, especialmente por aqueles que se apresentam nas festas da *Travada* como cantores. Esses três estilos têm certo grau de similaridade e muitas vezes na *Travada*, também são mixados com batidas eletrônicas.

Em edições feitas na *Paradiso* que possui dois ambientes, ainda é possível perceber outro estilo musical em um deles. Enquanto do lado interno predomina o *funk*, *rap*, *trap*, e *hip hop* com misturas eletrônicas conduzidas por *DJs* e cantores, o lado de fora conta com músicas agitadas e dançantes, cujo estilo remete ao chamado *hyperpop*⁹⁰. Com ajuda da internet, pode-se dizer que o *hyperpop* é uma vertente contemporânea e futurista do *pop*, misturando muitas vezes estilos de culturas locais e diversas, à batidas eletrônicas, sintetizadores, músicas aceleradas e o que mais sonoro for possível ser produzido por meios digitais. Sendo assim, também é chamado de *PC music* (LIZASO, 2021).

Chegar a esta interpretação, contudo, não se fez *a priori*, pesquisando por uma definição do *hyperpop* (como também dos outros estilos), mas principalmente, pelas minhas sensibilizações, meus experimentos e conhecimentos prévios e leigos, sabendo da recorrência deste estilo entre boa parte do público jovem atualmente, me incluindo neste perfil. Enfim, considerei que se tratava de *hyperpop* ou de ritmos que dele se aproximavam, ao ouvir tocar músicas de artistas internacionais como Rosalía, Arca e Charlie XCX, por exemplo.

A área interna - mais agitada, cujo som é sentido de forma mais alta, pois além de certamente estar num volume maior, é um ambiente fechado, fazendo com que se sinta ainda com mais intensidade e vibrações, não só via audição, mas sensações estimuladas e percebidas por outros sentidos e partes do corpo - é o local onde as pessoas tendem a dançar. Dança que, no entanto, somente se inicia com certo tempo de festa já acontecendo,

⁸⁹ Discussão mais detida sobre o *Trap* no capítulo 3 quando for discutido sobre a *Kush House*

⁹⁰ É difícil e limitante tentar definir este e os outros estilos de música desta e de outras festas visitadas, principalmente por não conhecer o assunto de maneira mais formal, por isso, trata-se de experimentos e interpretações pessoais a partir das provocações auditivas que o campo proporcionou.

sendo influenciada por fatores como o número de presentes. As pessoas se soltam quando mais grupos de pessoas também estão dividindo o espaço e se soltando juntas. Portanto, o dançar, parece se iniciar de um modo cooperativo e interdepende das outras pessoas também assim proceder. A partir disso, o ambiente interno amplifica-se e intensifica-se noite adentro. Vale ressaltar que o fluxo das pessoas entre ambiente aberto e fechado é frenético e dinâmico, as pessoas trafegam constantemente entre os dois, alternando frequentemente suas maneiras de vivenciar a festa.

Essa maneira de apropriação e atuação no espaço interno tende a ser comum também em outras festas da *Paradiso*, havendo diferenças na ocupação e uso da área externa: algumas festas da *Paradiso* visitadas especialmente neste período, indicam que geralmente há outro *DJ* tocando também nesta área e que, especialmente no auge das noites, as pessoas também dançam os ritmos que ali estiverem tocando. Nas edições atuais da *Travada*, porém, essa parte de fora tem sido utilizada bastante como ambiente para conversas, fumar e beber mais descompassadamente e ocorrer possíveis flertes, namoros e beijos.

Após a reforma, como vimos, esta área ainda contou com um mezanino, lugar ainda mais conveniente para práticas mais desaceleradas, afinal lá de cima, o som se propaga com menos potência. Além disso, contém nesta parte superior, dois sofás e alguns bancos estofados, criando um cenário ainda mais confortável. Claro que toda esta área externa serve para estas mesmas práticas em outros eventos, principalmente fumar, já que o cigarro é proibido no ambiente fechado. Porém, nas edições da *Travada*, há mais pessoas que durante praticamente toda noite, utiliza este espaço para estes fins, não havendo movimentações mais agitadas.

2.5 Festa da IeS – transcendendo a guetificação

2.5.1 Período pré-pandêmico

Ao sintetizar na introdução, havia mencionado que as *Festas da IeS*⁹¹ ocorrem a partir do aluguel de grandes clubes ou casas noturnas de São Carlos, principalmente o *Oásis Eventos* e o *Banana Brasil*, mas isso se iniciou a partir das últimas edições antes da pandemia e se consolidaram nesses locais mais amplos até agora, a partir da edição, *Retorno da IeS* em Abril de 2022, cujo nome evoca justamente a retomada das festas após paralisação necessária devido a pandemia de COVID-19. Entretanto, as *Festas da IeS* se iniciaram tempos antes, acontecendo a sua maioria, em repúblicas universitárias de São Carlos, conforme elucida João Galbieri (2021). Foi a partir de 2012 que as *Festas da IeS* inclinaram-se ao público LGBTQIAPN+, primeiramente organizadas e executadas somente por estudantes do curso de Imagem e Som, conforme indica a própria sigla do evento, ampliando o apoio de alunos de outros cursos com o passar do tempo (GALBIERI, 2021, p. 77).

Dentre os interlocutores que conversei, Pedro de São Carlos é o mais antigo frequentador, mesmo sem nunca ter sido aluno da UFSCar e sequer lembra exatamente quando começou ir à *IeS*, dizendo que vai desde quando eram realizadas somente em repúblicas universitárias, ressaltando que se trata de uma festa LGBTQIAPN+:

R: - Vou desde quando era uma festa de rap.

P: - Ela sempre se intitulou como uma festa LGBT?

R: - Sim, eles deixam isso claro, a permanência enquanto hetero é até um certo limite, caso você tenha alguma atitude que os ofenda você será botado pra fora, eu me sinto confortável lá (...).

A fala de Pedro sobre a presença hétero coaduna com um ponto levantado por Galbieri, que destaca o ato de alguns dos frequentadores jogarem bebida para cima durante uma edição⁹², prática que levou ao descontentamento de outros, associando-a a um hábito de heterossexuais em festas (GALBIERI, 2021, pp. 85,86). Assim, além de qualquer atitude lgbtfóbica ser recriminada nas *festas da IeS* como sempre aponta seus *posts* nas redes sociais, ocasionando a expulsão do autor e sua permanente proibição de

⁹¹ Os organizadores as identificam como “Festas IeS” nas redes sociais, porém é mais comum as pessoas em geral sempre falarem utilizando a contração, “festas da *IeS*”. Também vou aderir mais ao segundo uso aqui e às vezes somente *IeS* como também muitos deles fazem.

⁹² Em praticamente todas as edições que fui, os *DJs* da festa também pediam que assim não fizessem para não danificar aparelhos de som da festa.

frequentar as futuras edições⁹³(veja a figura 24 como exemplo), outros hábitos relacionados a um comportamento heteronormativo em festas universitárias não são bem-vistos por aqueles que de alguma forma se reconhecem como LGBTQIAPN+.

Figura 24 - Post com orientações e informes gerais para o Pankadão da IeS⁹⁴



Fonte: Captura de tela, cobrindo a identidade dos que curtiram o post⁹⁵

Ricardo de Araraquara conheceu a IeS em 2018 e demonstra o salto repentino (como aponta sua entonação no momento da entrevista) que a festa deu a partir dos anos de 2018 e 2019:

[...] ela começou como festa de república e deu um “boom”, de repente, Oásis, Halloween da IeS com Pablllo Vittar, Urias, Jaloo, festa open bar. Uma festa desse nível no interior, Araraquara tem tipo o interunesp, mas pagar caro pra ficar no meio da lama? Não dá! (...) uma das primeiras que eu fui foi em outubro de 2018, foi o primeiro halloween na chácara “chaparral” e as atrações eram Pepita, Dani Bond, Kika Boom e Kaya Conky.

Caio que faz parte da equipe, apontou que tal expansão da festa conforme trazido por Ricardo ocorreram após a alteração de pessoas que administram o evento. O grupo atual de organização, segundo Caio, é formado por pessoas que são muito amigas e dedicadas, o que resulta no bom reconhecimento da festa pelo público além da sua constante popularização em São Carlos e região. Além disso, eles priorizam o trabalho e envolvimento de pessoas LGBTQIAPN+ no seu processo:

Eu conheço o Lucas Martins que é a cabeça, [...] desde que eu mudei pra cá as festa já existiam, antes de ser do Lucas, eram festas de república, aí o Lucas faz Imagem e Som e acabou entrando nisso e aí eu comecei a ter interesse, teve

⁹³ Assim como também é condenado assédio e brigas nas festas.

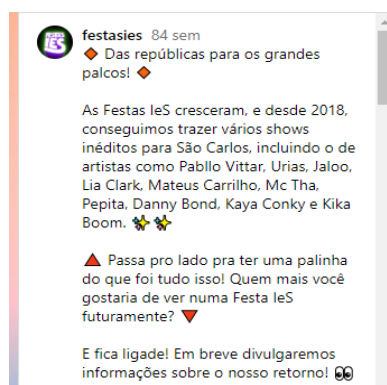
⁹⁴ Eles sempre fazem um post semelhante antes de uma festa.

⁹⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CqedQsUBm3A/?img_index=2 acesso em 17/10/2023.

uma época que comecei a trabalhar no bar, entrava sem pagar e essa era a forma de pagamento e eu comecei a me interessar mais e acabei virando amigo do Lucas e do pessoal [...] aí teve algumas festas maiores no Banana, Oásis [...] aí ele me chamou oficialmente, ele me disse: “como tá crescendo bastante tô querendo fechar um grupo de amigos pra ir tocando isso, principalmente LGBTs” e eu comecei a tocar como DJ no Retorno da IeS [...] Nós da organização somos um grupo pequeno mas somos muitos amigos e acho que isso que dá certo e somos muito detalhistas por isso que tá desse tamanho a festa [...] (Caio).

Um *post* no *Instagram* antes da festa de retorno da *IeS* pós pandemia, indica o momento de ampliação do evento a partir de 2018:

Figura 25 - *Post* com cerca de um mês antes do Retorno da *IeS*



Fonte: Captura de tela.⁹⁶

2.5.2 Pós-pandemia: consolidação da fase expansiva

Eu mesmo havia ido em duas edições, uma em 2016 numa república e outra em 2019 já no *Oásis*, mas o interesse veio mais à tona ao procurar anexar a cidade de São Carlos à de Araraquara na pesquisa. Neste sentido, o artigo de Galbieri é rico em discutir os *sentidos de gênero, sexualidade, classe, raça e juventude*⁹⁷ que circulam e são atribuídos pelos agentes que frequentavam a *IeS* até um momento pré-pandemia⁹⁸, enquanto procuro contribuir também abordando esses temas a partir das minhas vivências e outros como, descrição das festas, comportamento dos presentes e suas relações e as implicações do evento para a vida LGBTQIAPN+ na região, a partir do retorno das festas com a superação das medidas restritivas sanitárias e que acabaram

⁹⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ca2Egd4h_wN/?img_index=2 acesso em 18/10/2023

⁹⁷ Título do seu artigo

⁹⁸ Galbieri (2021) fez campo em festas da *IeS* em 2019 e entrevistou remotamente pessoas em 2020 (pp. 74, 75).

marcando como um período de consolidação da forma mais grandiosa que se encontra hoje em dia.

Conto também com conversas informais em campo de pessoas aleatórias e entrevistas mais formais com os já citados, Pedro, Renata, Ricardo, Lourenzo, Caio, Gabriela e Felipe, mas também Anderson⁹⁹, este último que organiza as excursões de Araraquara e Matão para as *festas da IeS*. E por falar nisso, ele conta que a primeira vez que fretou transporte para uma festa da *IeS* foi

em 2018 ou 19, se eu não estiver enganado [...], não me lembro quem me pediu, disse que era uma festa gay de São Carlos, fiquei com medo de não encher a van, mas lotou e eu nem consegui ir, acho que foi um halloween aí eu comecei a colocar todas as edições, de uma ou duas vans e foi aumentando.

Inclusive, todas as edições que tenho ido foi com esse fretamento. Considero trabalho de campo as seguintes edições: *Retorno da IeS* em 22/04/2022, as *Gigabytes* e *Halloween* de 2022 (16 de julho e 22 de outubro, respectivamente) e o *Pankadão* em 01/04/2023, embora eu também tenha ido à *Gigabytes*, *Purgatório* e o *Halloween* do mesmo ano. Devido a isso, cabe ressaltar o ponto do qual parte minha análise da *IeS*: a de um araraquarense que depende do fretamento e embora aluno de mestrado da UFSCar, permaneceu residindo em Araraquara e tem mais em comum com os outros conterrâneos, do que propriamente com os estudantes de graduação da UFSCar que moram em São Carlos, que supostamente, seriam a maior parcela dos frequentadores das *festas da IeS*.

As chegadas de nós, araraquarenses, ocorreram todas as vezes, bem no início das festas (quase todas começaram às 22h), o que sempre causou uma sensação de que o próprio evento está se ambientando ao espaço. O som está começando, as pessoas em geral ainda não parecem estar tão soltas e dançam contraídas, além disso, falta mais gente chegar. É somente próximo à meia noite que o local enche totalmente e o público se consolida.

Enquanto isso, os presentes geralmente vão tirando fotos pelo espaço, principalmente em um dos papéis de paredes sempre disponibilizados para isso. É possível também que alguns se alimentem nos *food trucks* que também são instalados nas festas, há também a compra de canecas daqueles que não trouxeram pois não é oferecido copos descartáveis nas festas.

⁹⁹ Branco, gay de 35 anos.

À medida que as festas entram noite adentro, observa-se maior desenvoltura das pessoas na dança e nas vivências que a festa acarreta. A maioria do público se solta e se contagia pela respectiva noite, muito sem dúvida, graças ao efeito do álcool, sendo este, dos eventos visitados, praticamente o único *open bar*, o que acarreta a um consumo de bebida alcoólica maior ou pelo menos mais facilitado.

Além dos passos de dança, outro fenômeno que se aquece e se vê com mais intensidade e aumenta sua frequência ao longo da noite, são os flertes, os beijos e as *pegações*, novamente com o álcool sendo um estimulador fundamental. Muitos dos beijos são efêmeros, nota-se nas andanças das pessoas pela festa e em momentos de danças, nos quais apenas um olhar é suficiente, então as duas pessoas param e se beijam e pouco tempo depois já cessam e cada uma retoma seu caminho. Há também os encontros mais demorados, dos quais os beijos são mais longos e acalorados e outras partes dos corpos são envolvidas, com mãos passando pelo corpo do outro por cima e as vezes por baixo das camisas, além de beijos no pescoço, próximo ao peito e momentos em que se vê que os casais formandos ficam somente abraçados ou dançando na pista de dança.

A respeito desses momentos mais duradouros de beijos e amassos, a festa parece prever o que pode acontecer com o aumento da libido entre os envolvidos que podem querer intensificar os atos afetivos para algo mais sexual, o que não acontece em público, fazendo com que possa haver uma procura pelos banheiros. A festa, no entanto, coloca avisos no espaço solicitando aos presentes assim não proceder devido à alta demanda das pessoas para usar os sanitários até mesmo porque o álcool, principalmente a cerveja, tem efeito diurético¹⁰⁰. Logo, o ambiente da festa como todo acaba não sendo adequado para relações sexuais mais explícitas.

2.5.3 Popularização e Expansão em São Carlos e região

O número de pessoas de Araraquara cresceu consideravelmente desde a primeira festa etnografada em abril de 2022: nesta foram duas vans de Araraquara e na segunda, em julho, um ônibus, pois comportaria mais pessoas de acordo com a demanda que cresceu em comparação a anterior. No *Halloween*, em outubro, foi necessário dois ônibus

¹⁰⁰ Além da cerveja, os *open bars* da *IeS* costumam oferecer *corotes* de diferentes sabores e vodca pura, além das bebidas não alcoólicas, água, energético e refrigerante.

para atender a demanda da cidade e ainda nesta edição, pessoas da cidade vizinha, Matão, também procuraram pelo Anderson para realizar o transporte e saiu de lá mais um ônibus direto para a festa. No *Pankadão*, em 2023, um ônibus saiu de Matão e parou em Araraquara para apanhar mais passageiros, saindo outros dois ônibus somente desta cidade. A alteração de vans para ônibus já indica um alto crescimento, que pode passar de 15 a 20 passageiros a capacidade de uma van, para 50 de um ônibus.

Anderson conta que exerceu pioneirismo ao organizar excursões para shows e festas como a *IeS* em Araraquara e proximidades, tanto que outra pessoa de Matão também organizou um ônibus para o *Pankadão* e outras cidades da região também tem organizado transporte para *IeS* nos últimos tempos e todos eles fazem tal deslocamento com ciência e parceria da *IeS*. Os são-carlenses também contam com meios de transporte como vans e/ou ônibus para as festas organizadas pela *IeS*, pois esses clubes, na verdade, ficam na rodovia, facilitando a ida e volta para os moradores.

O que chama a atenção é a popularidade cada vez maior da *IeS* para pessoas da região de São Carlos e dos de dentro da cidade que não são necessariamente universitários, expandindo a proposta da festa que surgiu como dedicada aos estudantes. Para além da facilidade no transporte para pessoas da região, recortes como faixa etária e raça evidenciam essa ampliação da diversidade do seu público.

2.5.4 Estrutura e Decoração

A estrutura da *IeS* tem sido enorme em todas essas edições, contando com muitas pessoas envolvidas no desenvolvimento e manutenção dos eventos, como as pessoas que servem as bebidas em pontos fixos, equipe de segurança, equipe de organização, manutenção e execução de som (incluo aqui os *DJs* e outras *performers*), conta também com equipe de redução de danos que acolhe pessoas que passam mal ou sinta algum desconforto ao decorrer da festa. Estes serviços ofertados geralmente são de empresas responsáveis por cada uma desses setores, enquanto outras como a portaria para conferir os ingressos, conta com o apoio de estudantes:

A gente contrata mais [pessoas] para as festas (...), de bebida, temos um fornecedor, tem a empresa do bar que é uma, da segurança, aí tem contrato com o pessoal da limpeza, da caneca e na portaria são estudantes [da UFSCar] (Caio).

Além dos espaços e o público serem vastos, as festas têm durado oito horas, o que demanda um grande número de pessoas trabalhando especialmente na discotecagem, apresentações musicais e performáticas que ocorrem durante todo esse tempo. Assim numa noite há bem mais *DJs* e maior rotatividade do que nas demais festas visitadas.

Sobre as atrações, os conhecidos nacionalmente são aqueles que geralmente são consumidos pela comunidade LGBTQIAPN+. Já subiram ao palco nomes como Pablo Vittar, Lia Clark, Danny Bond, Urias e muitos outros. Há ainda a performance de dançarinos, dançarinas e *drag queens*. O som tocado por *DJs* traz a predominância do *pop* e do *funk*, com suas variações e derivações que dependem da temática de cada festa. Todos esses artistas de algum modo estão dentro do espectro LGBTQIAPN+.

A decoração do ambiente também faz jus e invoca o tema de cada festa, através de telões e *banners* espalhados pelos lugares e essas últimas festas tem contado com, no mínimo, dois palcos. Para detalhar melhor as especificidades de cada uma das festas temáticas, apresento-as a seguir.

2.5.5 Gigabytes

As festas como a *Gigabytes* e o *Halloween da IeS*, ao menos as de 2022, 2023 e 2024, têm ainda um subtítulo, a *Gibabyte* de 2022 explorada foi, *Gigabyte: Greatest Hits*.

No geral, a *Gigabyte* tem como tema a música e a cultura *pop* como um todo dos anos 2000 e a festa toca religiosamente, durante toda sua duração, somente músicas dessa década nos dois ambientes ofertados. Notei nesta noite, que no palco principal, tocou mais *pop* e *R&B*¹⁰¹ dessa época e as músicas eletrônicas da coletânea *Summer Eletrohits*¹⁰²,

¹⁰¹ “Rhythm and Blues” é usada para identificar a *black music* estadunidense, popularizada a partir do uso da guitarra elétrica e que tem influência de ritmos como jazz, blues e funk norte americano (<https://www.sabra.org.br/site/rhythm-and-blues/> acesso 24/10/2023). O ritmo é sinônimo de música pop praticamente.

¹⁰² Coletâneas de músicas eletrônicas com letras em inglês mas feitas por artistas brasileiros sob a gravadora Som Livre, bebendo da influência e sucesso da *eurodance*, músicas eletrônicas da europa. (<https://playbpm.com.br/colunas/fala-ai/play-bpm/summer-eletohits-coletania-brasileira/> acesso em 24/10/2023).

enquanto um *rock* ou *pop rock* e *emo*¹⁰³ que também marcou essa época, foi priorizado no segundo ambiente.

De todo modo, quando falamos em músicas *pop* e suas derivações de artistas internacionais, refiro-me a produções feitas majoritariamente na América Anglo-Saxônica e na Europa. Foi notado nesta *IeS* que cada *DJ* que subiu ao palco, trouxe uma *playlist* que representa um segmento dessa gama variada que chamamos de *pop*. Por exemplo, houve momento em que se tocou músicas de divas *pop* brancas como Lady Gaga, Britney Spears e Madonna, outros traziam a sonoridade *R&B* e *Hip Hop* com nomes como Akon e Bruno Mars, mas principalmente as divas *pop* negras que muitas vezes também são consideradas artistas *R&B*, como Beyoncé e Rihanna.

Houve também uma sequência de músicas de artistas que atuavam em *sitcoms*¹⁰⁴ infanto juvenis que foram sucesso naquela época, principalmente os produzidos pela Disney, como a personagem *Hannah Montana* que foi interpretada por Miley Cyrus, além de Demi Lovato e os Jonas Brothers que atuaram no seriado *Camp Rock* e músicas do filme *High School Musical*.

No segundo ambiente, como mencionado, predominava o *rock pop* da época, então se ouvia nomes como o de Avril Lavigne e bandas como Simple Plan e Linkin Park. Houve menos música nacional nesta noite, mas foi possível as da Pitty¹⁰⁵, das bandas NX Zero e Detonautas, acontecendo ainda a presença ao vivo da banda Fresno.

Em telões, principalmente atrás do palco principal, passavam vinhetas e cortes de cenas de desenhos animados e séries que também foram um sucesso, como *Três Espiões Demais* e *As visões da Raven* e que provavelmente, a maioria dos presentes os assistiam quando crianças.

¹⁰³ “vem do termo “emotional hardcore”, um estilo de música dos anos 80 pertencente ao punk rock caracterizado pela musicalidade melódica.” (<https://www.significados.com.br/emo/> acesso 24/10/2023). Nos anos 2000, além de outras bandas que vão ser citadas logo mais, fizeram sucesso no Brasil, CPM 22, Strike e Restart, por exemplo.

¹⁰⁴ Séries de comédia estadunidenses.

¹⁰⁵ A sua presença ao vivo aconteceu na *Gigabytes* de 2023.

Figura 26 - Fotografia do palco principal da Gigabytes, passando no telão a vinheta do desenho “Três Espiões Demais”.



Fonte: Seção de Fotografia oficial da *Festa da IeS*¹⁰⁶

Figura 27 - primeiro post de divulgação da “Gigabytes - Greatest Hits”



Fonte: Captura de tela, cobrindo a identidade dos que curtiram e comentaram o post.¹⁰⁷

¹⁰⁶ Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1t_-3cV4FHR0nvm5BjLcdjnBTqjs2zQCe (acesso em 18/10/2023).

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdOgsW2hAQg/> acesso em 18/10/2023.

2.5.6 Halloween e os preparativos para as festas

Os *Halloweens da IeS* são suas maiores festas e esta que foi a primeira após a pandemia, veio sendo projetada pelos organizadores durante este tempo de parada (ver figura 28). Com o título, “Halloween da IeS no mundo invertido”, trouxe como referência e conceito a série *Stranger Things* e ocorreu no *Banana Brasil* com nove horas de festa e três ambientes, o principal que contou com os shows ao vivo das cantoras Duda Beat e Urias e discotecagem *pop* e *funk*, o alternativo que teve, entre outros, *brasilidades*¹⁰⁸, *indies rock* e *pop*, *emo*, *flashback* e *k-pop* e o *clubber* que além de *DJs* que tocavam música eletrônica, ocorria performances como as de *vogue*.

Figura 28 – post de divulgação do *Halloween da IeS* de 2022



Fonte: Captura de tela cobrindo a identidade dos que curtiram a postagem¹⁰⁹

O que gostaria de destacar a respeito do *Halloween* é sua grande procura, entusiasmo e preparação antecipada dos que vão à festa, evidenciando que de fato se trata da maior das festas da *IeS* e isto refletiu na demanda e anseio do público: entre interlocutores que conversei com mais formalidade e outros que encontrei às vezes em diferentes bares e mesmo nos ônibus para *IeS*, o *Halloween* demonstra ser a festa mais aguardada por eles, o que refletiu no esgotamento dos convites com uma semana de

¹⁰⁸ Denominação empregada por eles mesmos, notei que eram músicas populares brasileiras com remixagem.

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ChBAfziLWHz/> (acesso em 24/10/2023)

antecedência e no caso dos araraquarenses que vão com o fretamento, uma alta procura que fez com que Anderson providenciasse mais meios de transporte, totalizando três ônibus de Araraquara e um de Matão e ele ainda contava com fila de espera.

Há três semanas do evento, estive com colegas que já haviam iniciado suas preparações para irem fantasiados à festa, comentavam sobre as fantasias que já tinham escolhido ou que estavam planejando. Lourenzo, por exemplo, já havia definido a sua e foi encomendado com uma costureira sua elaboração, um outro colega, por sua vez, iria elaborar, usando principalmente maquiagens de *halloween* e um outro rapaz preferiu alugar numa loja de fantasias da cidade. Além deles, um contato que fiz nas *IeS* de São Carlos disse que suas elaborações de roupas tanto para o *Halloween* quanto para a *Gigabytes*¹¹⁰ começam a ser pensadas até mesmo um ano antes, procurando por peças e fazendo costuras.

Neste sentido, o *Halloween* chama atenção para processos envolvidos num pré-festa e se apresenta como a que mais demanda uma organização prévia, o que revela o envolvimento com o evento, demonstrando como é firmado o compromisso de estar presente e a importância que lhe é atribuído, em que as motivações que podem ser comuns à procura de festas por LGBTQIAPN+ se aprofundam com novos anseios, como expressar no uso das fantasias, mais de suas criatividade e representações. Nota-se que o uso de uma fantasia também chama a atenção e pode ser um canal de estabelecimento de vínculos entre pessoas até então desconhecidas, pois muitas vezes uns param para falar com outros e elogiar as fantasias. As mais criativas chamam tanta a atenção que outros presentes pedem até para tirar foto. De fato, é inegável o capricho, detalhe e criatividade dos que optam por ir fantasiados ou ao menos fazer uma maquiagem de *halloween*.

Estas preparações fizeram-me contrapor as duas concepções de Lazer, identificadas por Christiane Gomes (2014) conforme trazido na introdução:

Se por um lado, estas festas enquanto práticas de lazer ocorrem em um “tempo livre”, específico para tal e que se opõe ao tempo do “trabalho”, visão eurocêntrica sobre o lazer, que reflete a realidade difundida pela cultura e organização do tempo ocidental implementado pós Revolução Industrial (GOMES, 2014, p. 05), por outro, os

¹¹⁰ Alguns vão com peças e cortes de roupas e acessórios usados nos anos 2000, mas não é algo tão volumoso quanto as fantasias para o *Halloween*.

preparativos dos frequentadores para as festas, indicam o papel relevante que elas assumem em suas vidas, devendo alguma dedicação para sua plena participação, e assim, desestabilizam as fronteiras entre “tempo livre” e “trabalho” e demonstra as práticas de lazer como uma necessidade humana inerente e manifestação cultural que exige cuidado para vivenciá-las, para além de um momento somente visto como oposto ao das “obrigações”, conforme defende esta outra concepção sobre o lazer (GOMES, 2011, p. 04 , 13). Os preparativos para as festas, assim, chocam e concorrem com os outros afazeres dos frequentadores, demonstrando a não rigurosidade entre o binômio trabalho e tempo livre.

As festas podem ser vistas como um dos canais de expressão das necessidades lúdicas (GOMES, 2011, p. 13), que de acordo com essa segunda perspectiva, praticamente fazem parte da natureza humana, presentes não só no ocidente, e assim, não são apenas consequências das novas relações sociais impostas a partir das formas de trabalho adotadas com a Revolução Industrial.

2.5.7 Pankadão da IeS

O tema central da festa, ocupando assim, o ambiente principal dos dois organizados para esta edição no *Oásis*, foi o *funk* brasileiro, portanto, a ideia era que o ambiente passasse pela trajetória desse estilo desde o final dos anos 90 até os dias de hoje e assim sucedeu boa parte do ambiente musical do começo ao fim da noite, alternando com a apresentação de artistas locais e nacionais, especialmente entre o público LGBTQIAPN+, são elas: MC Carol, MC Naninha e Lia Clark. Destaque para a apresentação das Irmãs de Pau, que tendo em vista que uma delas, Vita Pereira, vive e atua em Araraquara como vimos, a dupla pode ser considerada como local, mas também já se apresentam em diferentes regiões do país e contam com uma densa produção audiovisual em plataformas como Youtube e Spotify, além da recente colaboração com Pablo Vittar¹¹¹.

Porém, como dito, este não foi o único ambiente. Um menor, na área externa do *Oásis*, foi destinado à música *pop*, considerada estilo clássico e que não pode faltar nas

¹¹¹ No remix da faixa “Derretida” Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FDBrDAky5Z4> (acesso 20/10/2023).

edições da *IeS* (salientado em um post do *Instagram* de divulgação do evento). Assim se sucedeu esse segundo ambiente, os *DJs* tocaram em sua maioria músicas internacionais atuais e dos últimos anos que rodeiam ou derivam desse estilo, muitos já destacados aqui: *pop rock*, *eletropop*, *indie* e *R&B*, por exemplo.

A respeito da ocupação do espaço para acompanhar as músicas e atrações, privilegiou-se o ambiente maior, destinado ao *funk*, no qual a maioria dos frequentadores dirigiu-se à frente do palco, principalmente para prestigiar os shows das artistas convidadas. Mesmo assim, o segundo ambiente não esvaziou nem quando estas artistas estavam no palco do ambiente principal, e quando neste o som também era conduzido por *DJs*, tendeu-se a equilibrar mais a distribuição das pessoas entre os dois ambientes. Mas o segundo, por ser um espaço menor e como atração secundária, circulavam menos pessoas. Essa movimentação entre os ambientes é similar nos demais eventos, também quando há o show de um artista conhecido nacionalmente nos palcos principais.

2.6 *Kush House* - construindo um lugar de pertencimento

2.6.1 Localização e espaço interno

Conheci a *Kush House* em São Carlos após ter sido indicada por Pedro que disse que, no momento da entrevista, ainda não havia ido ao lugar, mas que tinha ouvido falar que era *um lugar friendly para LGBTs*. Tempos depois eu fui pela primeira vez, em maio de 2023 e fui também uma vez em junho e outra em julho seguinte. Assim, o recinto foi inserido à pesquisa por último e no projeto não estava programado até porque sua inauguração foi em novembro de 2022.

O estabelecimento fica na Rua Amadeu Amaral, próximo a Av. Getúlio Vargas, via de muita movimentação da cidade, mas segundo a perspectiva de Pedro é uma região distante, quase na saída da cidade, não tendo movimentação comercial, tampouco é um ponto comum de bares e restaurantes:

É quase na pista [rodovia], é longe de onde todo mundo mora, não só eu, é longe de quem mora na Vila Prado, na Santa Felícia, no Samambaia, é longe pra todo mundo, é literalmente um lugar isolado, por que é isolado? Se parar pra pensar é um grande problema...Por que tem que ser distante, é pra a gente não aparecer? Pra mim há um problema nisso, quando soube me perguntei, mas pra que na Getúlio? Tão afastado [...] se eu sair daqui agora eu levo 25

minutos pra chegar na Kush, e lá na Getúlio é ponto de prostituição, é um lugar marginalizado da cidade (Pedro)

De fato, à noite, esta região tem se mostrado uma verdadeira penumbra. Após às 22h, horário que funciona a *Kush House* às sextas-feiras e sábados, chamou atenção nas idas o fato daquele ser o único lugar na rua que emitia luz. Uma luz verde que se destaca, já que todo o entorno estava escuro e as luzes que iluminam a rua são incandescentes e fracas, assim sendo, o estabelecimento era um grande ponto verde na escuridão (a figura 29 representa bem essa ideia).

Figura 29 - Fotografia da frente da *Kush House*



Fonte: depositado pelo proprietário nos dados de busca do google¹¹²

Outra surpresa é que as dependências do lugar configuram exatamente um móvel residencial. As fotos no *Instagram* fazem parecer um espaço mais comercial, como uma boate. Mas na verdade, a casa é toda dividida em cômodos, com grandes áreas externas, como a entrada, em que já se paga para acessar, e pode ser que se ganhe alguma dose de bebida ao chegar, como aconteceu na noite de 12 de maio. À esquerda da recepção na entrada, há uma mesa de sinuca onde as pessoas jogam principalmente no começo da noite. Atrás da entrada, já dentro de um dos cômodos, que provavelmente pode ter sido

¹¹² Disponível em: https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipM5OhxwTn6x0_Mm-02yb2YFPvLO2kKi6u_ETHU5=s680-w680-h510 (acesso em 11/10/2023).

uma sala quando residencial, há o caixa e os cardápios das bebidas e petiscos, único cômodo em que a luz é clara e fluorescente e as paredes brancas.

Os demais cômodos dessa parte fechada são separados por uma cortina preta no corredor, e para dentro, o ambiente é escuro, seguindo com uma iluminação verde, como aquela que fica do lado de fora da casa. Contém a partir desta cortina, um banheiro do qual não se divide em masculino e feminino. Na frente de uma área restrita aos funcionários, há o que teria sido um quarto, aberto para o público com espaço para sentar que imitam sofás, feito de madeira e algum material de borracha por cima. Pelo que ouvia das pessoas, trata-se de um ambiente para descanso e recuperação dos presentes, onde ficam ali sentadas para conversar. Por fora, há mais uma sala, com saída para a outra área externa da casa, que em frente conta com outro banheiro e um bar, montado no que parecia ter sido alguma vez uma lavanderia.

Figura 30 - Saída da parte interna da *Kush House* que é mais escura para a segunda sala que dá acesso a parte externa



Fonte: registro pessoal em 12/05/2023

A partir dali, há outra área externa, que faz um ligeiro declive e me fez pensar, provavelmente, que se trata de um outro terreno, unificado ao da frente. Trata-se de um ambiente mais livre de construções e que assim formam uma pista de dança, com boa parte coberta com uma espécie de tecido preto, característica de eventos, provavelmente para se prevenir de chuvas. Há, portanto, um espaço para *DJs* e seus materiais e na frente se distribuem as pessoas. Contém ainda, no final desse segundo terreno, ao lado direito, uma construção que me remeteu a uma espécie de garagem, com janelas estreitas e

estando presente nesse espaço, ouvia-se o som de forma mais abafada e as pessoas circulam mais por ali em noites frias.

Todo o ambiente, desde a parte de cima, esta garagem e principalmente o interior da casa, conta com grafites nas paredes, que exaltam o cenário musical do *rap*, *trap* e *pop*, contando por exemplo com pinturas da Rihanna e do Mano Brown. Há também desenhado e escrito, frases e imagens motivadoras, especialmente para mulheres, pessoas negras e LGBTQIAPN+, como o símbolo do feminismo, bandeiras e frases como “sejam bem vindxs”, “respeita as minas” e “fogo nos racistas”. A maioria das paredes estão pintadas de preto e as tintas que fazem os grafites são de neon.

Figura 31 - Paredes do corredor na área interna da *Kush House*



Fonte: colagem de autoria própria a partir de registros pessoais em 12/05/2023

A *Kush House* pode ser considerada uma narguilaria, por ser possível o consumo deste item no local e o primeiro *logo* (figura 32 - houve uma troca atualmente) conter um

narguilé. Os mais jovens são os que mais parecem consumi-los no ambiente. Interessante que o seu consumo é feito em todo o espaço, inclusive na pista de dança, o que não me parece muito confortável carregá-los e dançar ao mesmo tempo, mas é algo que ocorre recorrentemente e as essências criam um ambiente olfativo peculiar à *Kush House*.

Figura 32- Logo antigo da *Kush House*, não mais utilizado no momento



Fonte: página no *Facebook* do estabelecimento¹¹³

2.6.2 Marcos da primeira visita

Na primeira noite visitada, o tema da festa foi “Geração 2000” (figura 33) e assim, os *DJs* tocaram músicas dessa década de vários estilos. Do momento que cheguei até quando fui embora (entre meia noite e 3 da manhã) foram, respectivamente, pagode, *funk*, pop e eletrônico, sendo assim, passaram por tipos musicais que fizeram muito sucesso naquela época, como um pagode romântico, o *funk* carioca e músicas que faziam parte da coletânea *Summer Eletrohits*. O pagode foi uma grande surpresa pois não é comum nos ambientes recortados para a pesquisa.

Havia ido sozinho ao local, mas encontrei enquanto chegava de *uber*, um colega conhecido pelas redes sociais que estava indo de bicicleta e reconhecemo-nos. Chegando lá, perguntei se podia ficar de companhia com ele e seguimos assim boa parte da noite e ele conhecia algumas pessoas que paravam para conversar um pouco com ele, logo conversavam comigo também, o que ajudava a conhecer melhor o perfil dos presentes. Pessoas que eu desconhecia também me abordaram um pouco na fila do bar e do banheiro e eu aproveitava para questioná-las genericamente sobre o espaço. Registrei frases como:

¹¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/kushhousescl/> (acesso em 25/07/2023).

aqui é um ambiente muito legal, diferente, tava faltando algo assim na cidade. Os frequentadores demonstraram grande simpatia e formas de acolhimento, dizendo, fica à vontade, você vai curtir o som, a música e você pode ser como você é de verdade.

Sem dúvidas, a primeira frase demonstra a falta que estava fazendo para os presentes do lugar, bares e outros espaços de sociabilidade para pessoas que buscam referências de entretenimento não hegemônicas em relação à sexualidade e gênero, mas também como veremos, à raça e à estilos musicais. E a segunda, “poder ser como se é de verdade”, refere-se a uma livre expressão e performatividade de sexualidade e comportamento não heteronormativo e reiterado ao que se espera de homens, no meu caso.

Tais falas consagraram as suposições de Pedro sobre o espaço ser simpatizante a pessoas LGBTQIAPN+, bem como a decoração do espaço, alinhada às perspectivas progressistas em relação às pautas sociais. Logo, este local permaneceu como parte da pesquisa de campo, e juntamente dos demais, veremos os modos e fatores que constituem e conduzem as relações LGBTQIAPN+ em suas instalações no terceiro capítulo.

Figura 33 - Flyer da primeira festa visitada



Fonte: captura de tela da página no *Instagram* do estabelecimento¹¹⁴

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsESYpkgN-c/> (acesso em 03/10/2023).

2.7 Equipamentos urbanos LGBTQIAPN+: o circuito araraquarense e as descontinuidades de São Carlos

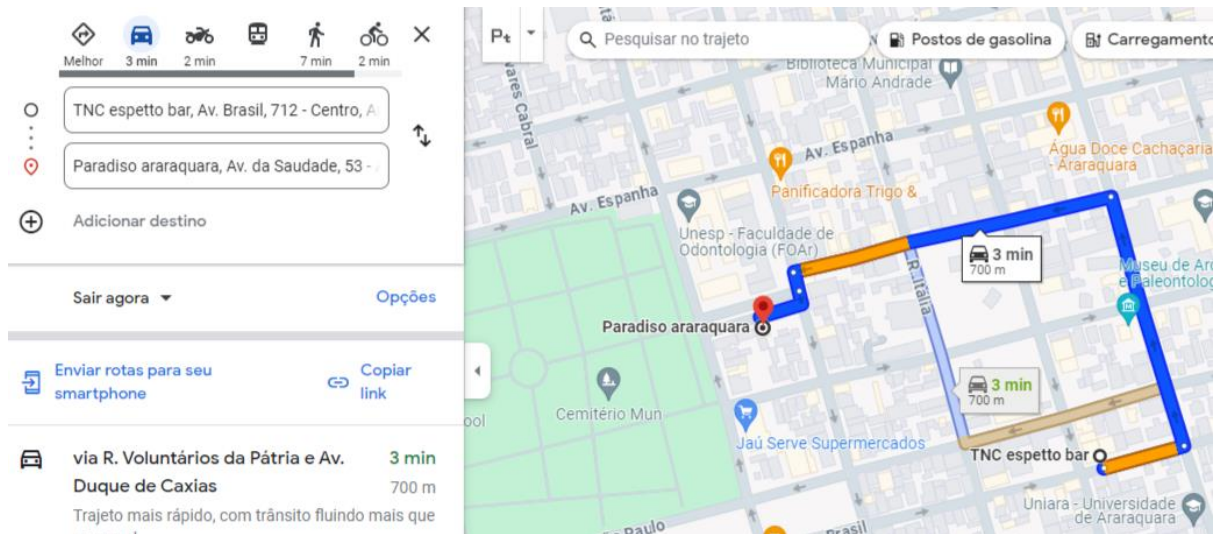
2.7.1 Um Circuito LGBTQIAPN em Araraquara?

Dado essa apresentação dos lugares visitados, demonstrando a imersão como principal estratégia investigativa adotada e tendo em vista a reflexão sobre as escolhas e mesmo o fluxo em que foi se dando os procedimentos metodológicos desta pesquisa a partir do que o próprio campo ofertava, é possível neste recorte delimitar um circuito LGBTQIAPN+ inspirado por Magnani (1996)? Cabe aqui fazer essa experimentação, especialmente em Araraquara que se demonstrou mais possível, ao encontrar um quadro LGBTQIAPN+ mais estável espacial e temporalmente na paisagem urbana desta cidade.

Se um *circuito* concentra “estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço” (MAGNANI, 1996, p. 45), relacionados a algum segmento, como neste caso, LGBTQIAPN+, em Araraquara, os principais locais/eventos que podem atuar neste sentido são a *Paradiso*, o bar *TNC* e as festas da *Ai Que Loucura* e da *Travada*. Afinal, são reconhecidos por seus usuários como espaços possíveis de congregarem-se e fazer fluir suas demandas em comum em torno de suas identidades sexuais e de gênero.

Para Magnani (1996, p. 45), esses estabelecimentos que ofertam serviços em comum não precisam necessariamente serem contíguos no espaço urbano, logo, os eventos esporádicos e em lugares diversos como a *AQL* e a *Travada*, somam-se à *Paradiso* e ao *TNC* como a formatação de um *circuito*. Estes dois últimos, por sua vez, estão próximos na paisagem urbana, cerca de 700 metros (ver rota na figura 34).

Figura 34 – Aproximação geográfica entre *Paradiso* e *TNC*



Fonte: Rota estabelecida no *Google Maps* para demonstrar a aproximação

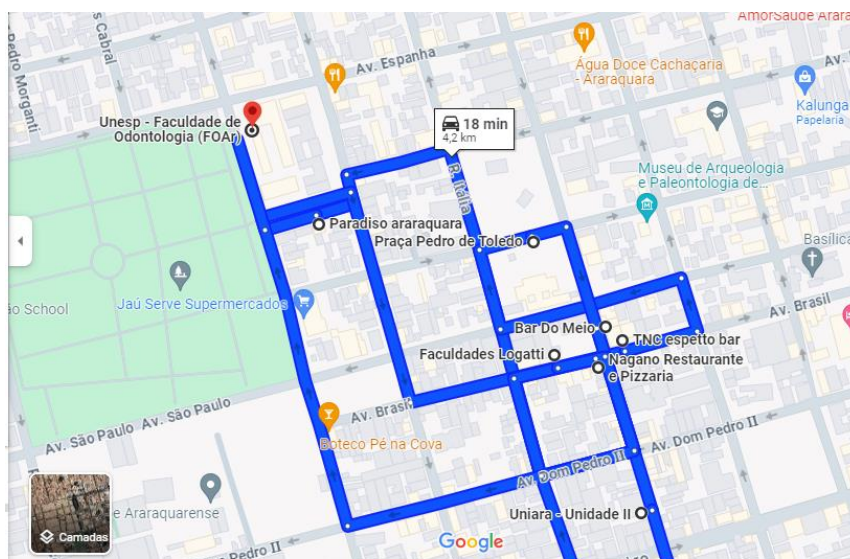
Sabemos que nesta proposta de Magnani, há outros conceitos relacionados e/ou integrados aos *circuitos* urbanos: o *pedaço*, a *mancha* e os *pórticos*:

O *pedaço* tem como característica, tratar-se de concentrações onde vínculos e sociabilidades são operados pelo compartilhamento dos mesmos símbolos, gostos, valores e modos de consumo (MAGNANI, 1996, p. 39; 2002, p. 22). Desse modo, *TNC* e *Paradiso* poderiam ocupar esse lugar, tratando-se de espaços exclusivamente ou predominantemente LGBTQIAPN+, integrando tal circuito. Devido a sua volatilidade espacial e temporal, os eventos *Travada* e *AQL*, acabam por escapar dessa leitura mais estática.

A *mancha*, por sua vez, é um recorte mais amplificado, marcado pela contiguidade de seus componentes, reunindo equipamentos urbanos que ofertam serviços com diversos fins e públicos-alvo (MAGNANI, 1996, p. 40). Abarca assim, diferentes *pedaços*, ou seja, recintos que atendem grupos sociais variados e seus símbolos, estilos e semelhanças. Ainda vemos que a *mancha* ocupa um importante lugar na paisagem e imaginário social, tratando-se de “ponto de referência físico, visível e público” (MAGNANI, 1996, p.43). A região onde está localizada a *Paradiso* e principalmente o *TNC*, contém todo um conglomerado de bares e lanchonetes como o “Nagano” e o “bar do meio” e estão próximos das faculdade Logatti, da Faculdade de Odontologia da UNESP, da Uniara e da praça Pedro de Toledo, outro ponto importante de reunião de jovens, constituindo assim, um perímetro que concentra principalmente jovens universitários que ocupam

todos esses estabelecimentos comerciais quase todos os dias, principalmente nas noites de sexta. Neste sentido, configuram uma *mancha* jovem universitária¹¹⁵. No *Google Maps*, usei a ferramenta de estabelecer várias “rotas” para realçar as aproximações entre os bares citados e as instituições de ensino (veja abaixo):

Figura 35 – Mapa que identifica possível mancha jovem universitária de Araraquara



Fonte: Elaboração a partir do *Google Maps*

Neste sentido, podemos compreender esta localização como uma *mancha* ao reunir esses elementos, destacando a participação juvenil e dentro desta categoria, estão a *Paradiso* e *TNC* como seus *pedaços* constituintes, pois também predomina a participação de jovens nessas duas casas, interseccionada, por sua vez, pelas categorias sexuais e de gêneros não hegemônicas.

Notoriamente, é possível recortar este espaço urbano que vai dos bares, passando pela praça até a *Paradiso* como um circuito não só juvenil, mas inclusivamente LGBT, mesmo que os bares e a praça não sejam exclusivos a este público, tais espaços aglutinam seus interesses se expandindo até a então boate LGBT, criando uma conectividade entre esses pontos recheados pela apropriação e socialização deste público. Devido a não exclusividade do público LGBT nesses locais, podemos pensar os bares como uma mancha urbana, pois não é apenas um grupo de pessoas que se apropria desse espaço, também caracterizado por mais de um estabelecimento e variações de lazer (...) (Santos, 2019, p. 34)

¹¹⁵ As *manchas* segundo Magnani podem designar conjuntos de diferentes serviços e comércios para além do lazer (MAGNANI, 1996, p. 36; 2002, p. 22). A *mancha* aqui proposta, portanto, destina-se a jovens, ligados pela relação entre ensino superior e lazer.

A categoria *trajeto*, ao tratar de “fluxos no espaço mais abrangentes da cidade e no interior das manchas urbanas” (MAGNANI, 1996, p.43) podem corresponder aos caminhos, passagens e deslocamentos que pessoas LGBTQIAPN+ possivelmente fazem para acessar a *Paradiso* e o *TNC*. É muito comum que num percurso à noite nesses locais para fins de lazer, haja circulações desse tipo e paradas em lugares como o *Bar do Meio* e a Praça Pedro de Toledo, por exemplo.

Não deixando de fora, os *pórticos* como “espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens (...) não pertencem ao pedaço ou mancha de cá, mas ainda não se situam nos de lá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra (...)” (MAGNANI, 1996, p. 45), podem nesta leitura, serem pensados como lugares necessários percorrer para acessar os *circuitos*, as *manchas* e os *pedaços*, mas que geralmente não tem estabelecimentos de lazer, como o caminho feito dos bairros a esta região central e as ruas em torno que não possuem bares e lanchonetes no período noturno.

2.7.2 Região Moral e o fazer cidade LGBTQIAPN+ em São Carlos

A leitura feita acima sobre Araraquara não se torna tão interessante em São Carlos pelo fato de, durante o desenvolvimento da pesquisa, haver menos pontos consolidados na segunda cidade que formatasse uma correspondência inequívoca às categorias de Magnani. Porém, sem dúvida, São Carlos certamente possui seu *circuito* e/ou *pedaço* LGBTQIAPN+ com a recente *Kush House*, local que este público tem ocupado e até mesmo a *IeS*, que embora seja um evento esporádico, já tomou conta do imaginário dos frequentadores como um lugar pertencente, possível para o acolhimento e desfrute de interesses e práticas relacionados as culturas LGBTQIAPN+. Juntamente com as experiências expressas pelos interlocutores (especialmente no primeiro capítulo) também é possível demarcar circuitos e *manchas* juvenis em São Carlos, especialmente ligados ao mundo universitário pela grande influência da presença das faculdades e dos estudantes na vida urbana são-carlense.

Sobre as posições urbanas, interessante destacar o quanto a *IeS* se consolidou como uma das principais festas do calendário universitário, notado pelo vasto público, pelas dimensões da festa com atrações conhecidas em todo o país e nos espaços em que ocorrem: principalmente duas grandes casas de festas tradicionais na cidade, o *Oásis*

Eventos e o Banana Brasil. Diferente da recente *Kush House*, que foi descrito acima sua localização: um espaço onde não predomina o entretenimento noturno normativo da cidade, e sim próximo à Avenida Getúlio Vargas como trouxe Pedro, região marcada, durante a noite, pela prostituição de mulheres cis, transexuais e travestis (RODRIGUES, 2019, p. 12), aproximando-se da noção de *Região Moral* (PERLONGHER, p. 36, 1987) por constituírem, tanto o mercado do sexo quanto o espaço de sociabilidades LGBTQIAPN+, atividades opostas à moralidade social dominante.

Dado esse quadro incipiente de lugares físicos voltados diretamente a comunidade LGBTQIAPN+ e temporalmente inconstantes (tendo em vista a esporadicidade da festa da *IeS*) de São Carlos em relação a Araraquara, que outra leitura da vida urbana LGBTQIAPN+ pode ser realizada, não somente para os são-carlenses, mas que também sirva de inspiração para compreender as mobilizações dessa população em locais com pouca representatividade no campo do lazer para si e até mesmo em Araraquara, cuja população LGBTQIAPN+ não se limita aos lugares citados nesta pesquisa.

A princípio, é necessário considerar que a raridade de espaços de sociabilidades LGBTQIAPN+ em cidades médias, pequenas e de interior, não é novidade (FEITOSA et al., 2020, p. 316), pairando no imaginário, ao lado de outros estereótipos sobre essas localidades, que essa condição é a regra para contextos não metropolitanos, o que fragiliza a representatividade política da população dessas regiões, deixando-os mais expostos a discriminação e violências, com poucas políticas públicas e referências socioculturais.

Interlocutores como Felipe, Gabriela e Renata, por exemplo, ainda frequentam outros tipos de bares e lanchonetes, ainda que haja críticas a alguns deles, pelo público demonstrar incômodo com a presença LGBTQIAPN+, por exemplo. Outras “saídas”, estão ligadas a outras opções de lazer e cultura como cinema e o SESC. A universidade, principalmente a UFSCar, como vista no primeiro capítulo, também se torna um lugar possível para fluir as necessidades culturais e de lazer da comunidade LGBTQIAPN+ ao realizar eventos que dão espaços a esta temática em lugares como o chamado *palquinho*, pelos estudantes. Ainda há intervenções no próprio espaço público como o *kartódromo*, parque destinado a dezenas de práticas e encontro de diversos pequenos grupos de amigos, contando com os de pessoas que sejam LGBTQIAPN+.

Estes elementos são fundamentais para a visibilidade na paisagem urbana dessa população, especialmente se levarmos em consideração de que o modelo de cidade em

que vivemos, foi se constituindo privilegiando os ideais e os interesses da classe dominante, entre eles, os de cunho moral e de concepções de sexualidade e gênero que promovem o patriarcalismo e a cis e heterossexualidade como os modelos aceitáveis e normativos:

Através da moral e da ideologia dominante, aliadas ao patriarcalismo e à heteronormatividade, é que a cidade se ergue como expressão da divisão capitalista, sendo marcada pela invisibilidade social de determinados grupos e pela reprodução de uma moral da classe dominante (SILVA, 2011 apud CARVALHO & MACEDO JR, p. 108, 2017).

A cidade é predominantemente heteronormativa (CARVALHO & MACEDO JR, p. 103, 2017), pondo à margem os que se diferenciam, expondo-os a violências e exclusões e exigindo posturas tidas como apropriadas para a convivência nos espaços públicos convencionais. Se emprestarmos as ideias de centralidade e marginalidade das dinâmicas urbanas utilizadas por Agier (2015), as expressões de gênero e sexualidade dissidentes estão às margens do modelo sexual e moral ditado pela cidade e expostos às precariedades¹¹⁶ que este modelo de exclusão os relega. No caso de São Carlos, esta segregação é fertilizada pela incipiência em lugares para a sociabilidade e pela ausência de políticas públicas consolidadas como vimos no primeiro capítulo, fator que também influencia na produção de entretenimentos específicos a esta população. Ao ocupar os locais heteronormativos de lazer, pessoas LGBTQIAPN+ deslocam aos centros, sejam eles espaciais, não limitando-se aos guetos (MACRAE: 2005), e/ou simbólicos, os corpos e desejos não cis heterossexuais.

Essa locomoção e ocupação representa um modo próprio de fazer cidade LGBTQIAPN+, ou seja, uma atitude pragmática para o acesso ao Direito à cidade, como defende Agier (2015, p.491), tornando-se um dos caminhos possíveis para alterar o modo cisheteronormativo que predomina na produção da urbe (CARVALHO & MACEDO JR, 2017, p. 113). Além das ocupações dos lugares heterossexuais, o próprio crescimento da *IeS*, ocorrendo em espaços que possui uma boa reputação no imaginário social são-carlense, aponta para um movimento contrário à segregação moral e guetificação presente na história da constituição de espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+.

¹¹⁶ Agier, no caso, refere-se a precariedade local, material, simbólica e das relações de populações pobres e de refugiados que ocupam lugares segregados e periféricos dos grandes centros urbanos (2015, p. 487). Aqui, o raciocínio proposto é atentar-se a precariedade simbólica e de direitos de grupos LGBTQIAPN+ em relação às pessoas sem essa marca, devido a não possibilidade plena em usufruir de forma igualitária dos equipamentos urbanos de lazer.

CAPÍTULO 3. CONSTITUINTES E CONDUTORES DAS SOCIABILIDADES NAS FESTAS LGBTQIAPN+

3.1 Gênero, Sexualidade e outros demarcadores

3.1.1 Predominância gay e a participação lésbica e trans na *Paradiso*, *AQL* e *IeS*

De saída, confirma-se com as visitas que entre o público da boate *Paradiso* e das festas da *AQL* e *IeS*, predomina numericamente a presença de homens cis que se interessam sexualmente por outros homens, a maioria certamente gay. E ainda, os públicos da *Paradiso* e *AQL* são disputados entre elas. Muitos dos usuários tendem a transitar entre estes dois recintos conforme a oferta de coisas para se fazer numa noite de sábado. Um interlocutor encontrado muitas vezes em ambas disse: *Quando tem AQL prefiro ir nela porque não é sempre que acontece, a boate sempre tá lá então dá pra ir quando não tem AQL* (branco, gay, técnico em informática, 30 anos).

Nestes três, certamente o segundo maior público atrás da grande maioria de homens gays cis, são os de mulheres, por sua vez, divididas entre lésbicas, hétero, bi e pansexuais. No caso da *IeS*, via-se muito mais casais héteros do que só de mulheres, o que faz pensar que pode haver menos mulheres interessadas por mulheres. Gabriela elucida uma experiência lésbica nas *IeS* desde 2017, quando ela se mudou para a cidade para na época cursar a graduação:

[...] a IeS era assim quando eu comecei a ir, só ia homem branco saradão, padrão e isso foi mudando [...] eu fui nessa última festa, a Pankadão, tá bem diferente o público, a primeira que eu fui foi 2018 e não dava pra xavecar só tinha caras e hoje é uma pegada mais diversificada, tem bastante pessoas trans, dão desconto pra pessoa trans. [...] mulher lésbica eu ainda acho que tem menos.

Sua fala revela o momento de maior abertura e diversificação que se encontra a festa hoje, especialmente relacionado a raça e a presença de pessoas trans, com destaque para a festa *Pankadão*. Permanece, contudo, uma tímida intervenção lésbica.

Embora numericamente outros corpos sejam menos vistos entre o público, nestes três espaços, há um impacto expressivo de outras manifestações sexuais e de gênero na organização, operação, nas referências culturais e nos atrativos artísticos que conduzem essas festas.

No caso da *AQL*, destaca-se o fato da idealizadora, principal *DJ* e a grande responsável pela festa, ser uma mulher, a única dos lugares etnografados. Por também ser lésbica, sempre invoca a participação dessa parcela da comunidade com discursos de empoderamento e tocando músicas como “Lésbica Futurista” de GA31. No caso da *Paradiso*, a marca de atrações voltadas para o público lésbico esteve presente durante muitos anos com uma banda de mulheres que se apresentava tocando principalmente MPB (trazido no capítulo 2), a mesma que tocou em algumas das últimas edições da *AQL*.

A respeito da participação de pessoas trans, a *AQL*, assim como a *Travada*, adota o *transfree*, entrada livre para pessoas trans, e a *IeS*, o *descontrans*¹¹⁷, como forma de atrair esse público, reconhecendo as dificuldades financeiras que geralmente este grupo ainda sofre, reflexo das dificuldades de acesso ao mercado de trabalho formal pelo preconceito, por exemplo. O que temos ainda nesses locais, é a influência e participação mais ativa dessa parte da comunidade, como dito, trabalhando no evento, principalmente na parte artística, é o caso da *Paradiso*, da *IeS* e principalmente, da *Travada*.

Conversei com mais formalidade com a dançarina e performer Ellyn que se apresenta e faz trabalhos na *Paradiso* e começou nesta casa num concurso de *drag queen*. Ela disse que o lugar sempre foi acolhedor para ela enquanto artista e pessoa trans, ocupando um lugar de pertencimento e principalmente de oportunidade profissional e até hoje, segue se apresentando e aponta que o público com ela é muito acolhedor, assim como também possibilita que outras artistas trans e *drag queens* da cidade, iniciem suas carreiras nessa boate.

No caso da *IeS*, a presença de *performers* não cis também pode surtir um efeito positivo na presença de pessoas trans, haja visto que no *Pankadão* ocorreu a apresentação das Irmãs de Pau e se via mais pessoas trans na plateia. Entre araraquarenses que vão de ônibus fretados, foi possível encontrar mais pessoas trans no *Pankadão*, especialmente três que foram no mesmo ônibus que eu. Entretanto, evidentemente, essas pessoas ainda são poucas.

As vivências de Renata convocam a pôr uma lupa nas experiências transexuais ao problematizar a receptividade dos demais frequentadores em relação aos corpos trans que ali vem requerendo seu espaço, especialmente dos cis homens gays:

¹¹⁷ Desconto no ingresso para essa população.

[...] a *IeS* que se diz como festa LGBT que consegue trazer essas artistas, como as *Irmãs de Pau* que estão ganhando esse espaço agora, então não sei, acho que tem um paradoxo aí, esse fetiche, essa exotização [...] ao mesmo tempo tem a segregação através das mesmas desculpas, pelo corpo que não se encaixa, pelo corpo que é doente, degenerado, enfim, ainda rola isso de dentro da comunidade, principalmente se são homens gays cisgêneros.

Com base nesta fala e nos demais dados trazidos, é possível perceber que nem todos os frequentadores destes espaços que visam acolher e ser referências para todas as formas de subversão do padrão cisheteronormativo sem distinção, conseguiram ainda dismantelar totalmente seus próprios preconceitos, o que indica nivelamentos nas formas de exposição a discriminação entre pessoas LGBTQIAPN+ e mesmo a sensação de pertença e representatividade nesses ambientes. Ainda é possível que alguns daqueles que possuem uma variância apenas em torno da orientação sexual, trate com desrespeito, seja por uma abordagem assediadora ou apenas um olhar de estranheza, aquelas e aqueles cujos corpos descontinuam a lógica consequente e causal arranjada para o par sexo e gênero (BUTLER: 2020). Além de evidenciar desigualdades nas formas de tratamento entre diferentes LGBTQIAPN+, revela conflitos internos ao movimento e a necessidade de maior conhecimento às suas múltiplas composições pelos próprios pares.

3.1.2 Composição etária e racial nestes três recintos

A respeito da faixa etária predominante do público da *Paradiso*, o responsável pela boate disse que ela poderia variar entre os 18 e 40 anos e minhas observações no campo foram de encontro com sua afirmação. Existe a fidelidade ao estabelecimento de um público de 30 anos ou mais, ao lado dos mais jovens que vão à casa para conhecê-la devido a regularidade de eventos e cristalização da *Paradiso* no imaginário LGBTQIAPN+ araraquarense, fazendo com que em algum momento, eles tenham a experiência de visita-la ao menos uma vez. Além das observações *in loco*, esta percepção também pode ser notada pelas fotos nas redes sociais da *Paradiso*.

As festas *open bar* que ocorrem esporadicamente, fazem com que a casa encha mais que o habitual e assim, há ainda maior pluralidade referente aos recortes geracionais. São os eventos da *Travada* ocorridos neste espaço, que efetivamente o torna mais jovem, com pessoas entre 18 e 25 anos possivelmente, em detrimento dos mais velhos, principalmente maiores de 30 anos, que praticamente parecem não frequentar esta festa.

Na *AQL* até houve um envelhecimento de parte do público que a frequentava desde antes da pandemia¹¹⁸ ou ainda desde 2012¹¹⁹, mas como sempre buscam trazer nas *setlists* dos *DJs* o que está fazendo sucesso no momento, um público mais novo acaba tendo fundamental participação nas pistas de dança e o mesmo ocorre na *Paradiso*. Nestes dois lugares, entre este público mais jovem, destaca-se rapazes negros e não brancos que performam, sejam nas danças ou nos gestos para além delas, uma postura considerada muito feminina para homens, como daremos maior atenção ao falar do estabelecimento de relações entre os presentes nas festas, em torno de seus estilos e formas de ser e agir. Desse modo, em relação ao público mais velho tanto da *AQL* quanto da *Paradiso*, chama atenção a maioria serem de brancos e mais comedidos no comportamento.

Nas festas da *IeS*, a presença de pessoas visivelmente mais velhas (muito provavelmente acima dos 35 anos e que não são mais estudantes universitários, pelo menos, não dos cursos de graduação), foi notada especialmente a partir do *Pankadão*, com pessoas mais velhas de Araraquara nos ônibus e grupos de amigos que circulavam pelas festas. A maioria deles são homens e em muitos deles era possível identificar uma faixa etária não comum entre a maioria dos demais presentes, que deve variar entre 18 e 30 anos. O que ajuda a supor que alguns desses homens são mais velhos, é a aparência, onde se vê alguns com camisas sociais, roupas mais neutras e cabelos grisalhos.

Esta identificação, porém, não é fácil, devido a grandiosidade da festa, podendo chegar a 7 mil pessoas, segundo Caio, um dos organizadores, o que implica também numa grande diversidade de indumentárias, acessórios, vestuários, formas físicas, corporais, traços fenotípicos, de marcas do tempo e outras características visíveis no corpo. De todo modo, são variações que integram a diversidade de idade cada vez mais presente na *IeS*. Vê-se, desde pessoas com roupas neutras (camisas ou camisetas comuns, jeans e tênis), mas principalmente, *looks* bem elaborados e temáticos, até outras com vestimentas mais leves, compostas por chinelos, bermudas e abadás ou regatas, estas últimas peças, bem típicas de universitários.

¹¹⁸ Como é o caso dos interlocutores que encontrei atualmente e reclamaram dos preços recentes das festas e de não serem mais *open bar*.

¹¹⁹ Ricardo me falou que deixou de frequentar a *AQL* em 2017, mas disse que amigos que o acompanhavam desde 2012, ainda vão e como eu conheço muitos dos nomes que ele disse, eu os vi algumas vezes nas festas.

E sobre a questão racial na *IeS*, atentei-me às suas dinâmicas conforme fui frequentando as festas e notando uma crescente presença de pessoas pretas e pardas a partir do *Halloween* de outubro de 2022. A maioria talvez ainda seja de brancos, contudo, devido ao fato de mais entrada de negros na universidade (BARBOSA, 2022) e ao próprio movimento da festa em se tornar cada vez mais popular para além dela, seja possível ver uma crescente diversificação racial em seus eventos.

A perspectiva de pessoas negras abordadas como é o caso de Ricardo que frequenta a festa assiduamente, é de que a presença de pessoas brancas é majoritária, mas tem notado uma frequência maior de pessoas pretas e pardas nas últimas edições, segundo sua visão (em comparação com outros eventos que também pedi sua opinião): *desses tem mais pessoas pretas na IeS e na Travada, na IeS, na verdade, tem crescido aos poucos nos últimos tempos.*

Se a partir do *Halloween* atentei-me a ocupação de pessoas negras nas *IeS*, no *Pankadão*, meses depois, foi ainda mais expressiva a participação desses grupos, notada por mim e outros interlocutores como o próprio Ricardo. Nesta festa, pessoas pretas e/ou trans, estiveram muito próximas aos palcos das apresentações. Atribuo isso a combinação dos seguintes elementos: as cotas raciais e socioeconômicas que amplia o acesso de pessoas pretas na UFSCar¹²⁰, somada à política de desconto adotada pela *IeS* a pessoas trans e nesta festa em específico, as principais atrações serem artistas ligadas a esses movimentos sociais e sua temática venerar o *funk* brasileiro, cuja origem muitas vezes é associada às classes populares racializadas (SALLES, 2007, p. 02), promovendo assim maior diversidade de público que além das universidades, vieram de outras redes de relações de São Carlos e das cidades vizinhas.

Ao mesmo tempo, Renata, outra pessoa negra, alerta para algo ainda mais estrutural que é a presença preta ainda ser predominante nos espaços de trabalho do que nos de lazer dessas festas. A partir deste apontamento, notei que até pode haver certa equidade nos tons de pele entre os trabalhadores mais operacionais das *festas da IeS* (seguranças e pessoas do bar, principalmente), porém, na comparação com o público das

¹²⁰ Maria Carolina Barbosa (2022), destaca ações de algumas instituições de ensino superior, mas principalmente da Lei Federal 12.711/2012 que possibilitou maior inserção de pessoas de camadas mais humildes, negras, indígenas e com deficiência, provocando “diversificação do público estudantil” na última década (p. 14,15) em campi públicos como o Federal de São Carlos.

festas e guardada a proporcionalidade entre funcionários e frequentadores, de fato, permanece mais pessoas pretas executando serviços do que se divertindo propriamente.

3.1.3 Custos e possibilidades de consumo na *Paradiso*, *Travada*, *AQL* e *IeS*

Quando busquei traçar o perfil socioeconômico da clientela da *Paradiso*, fiz uma pergunta direta ao responsável pelo local e respectivamente, obtive a seguinte resposta:

- *Consegue fazer uma percepção a respeito do poder aquisitivo ou da classe social dos frequentadores?*
- *É difícil imaginar, talvez pelo nível de consumo e aos valores do local, essa variação deva ocorrer entre classes B e C* (Santos, 2019, p. 40)

Levando em consideração essa denominação utilizada pelo interlocutor, fui pesquisar dados formais que estabelecem, em renda média, o que seria pertencer a “classe B” ou “C”. Segundo a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), que se baseia em critérios estabelecidos por Wagner Kamakura e José Mazzon (2013) com atualizações em 2022, a renda média da classe B vai de R\$ 5755,23 a R\$ 10361,48 e da classe C de R\$ 1965,87 a R\$ 3276,76¹²¹.

Outro modo de traçar os perfis socioeconômicos dos interlocutores e participantes dessas festas e casas noturnas, foi averiguar as formas e em que quantidade, eles consomem nos lugares e eventos, bem como suas reações e avaliações com o preço dos itens vendidos, que majoritariamente, são bebidas alcoólicas. Sendo assim, não levantei uma rigorosa pesquisa para identificar economicamente a questão inflacionária envolvida nos preços, e sim, foquei nas experiências dos próprios consumidores aos valores dos lugares e de seus produtos, privilegiando uma avaliação mais direta e situacional do que técnica, para a partir daí, estabelecer a relação entre as formas de compra às condições socioeconômicas das pessoas investigadas.

Neste sentido, primeiramente coloco em contraste a relação do consumo de bebidas na *Paradiso* com a *LED*, este segundo lugar onde ocorreu a primeira edição que eu fui da *Travada*. Estas festas se caracterizam por não ser os envolvidos no coletivo os responsáveis pela venda das bebidas e no espaço da *LED*, portanto, foi muito perceptível um cardápio mais caro que o da *Paradiso* que não muda a política de preço mesmo

¹²¹ Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil> (acesso 01/05/2024)

quando o local é compartilhado para os eventos da *Travada*. Os *drinks* como *caipirinha*, passavam dos 20 reais e as cervejas, geralmente populares, como *Brahma* e *Império*, custavam, as latas de 350 ml, 8 reais cada, e assim, o consumo das pessoas acabou sendo baixo.

As cervejas de lata da *Paradiso* nas últimas festas visitadas variavam de cinco a seis reais além de outras mais caras como da *Heineken* e embora houvesse *drinks*, também acima de 20 reais, havia opções mais baratas e assim, em edições da *Travada* na *Paradiso*, o consumo era maior, o que revela que para a maioria dos frequentes, ao menos da *Travada*, a bebida na *Paradiso* é mais acessível. Quando ocorrem festas *open bar* na *Paradiso*, o consumo é ainda maior por ser mais facilitado e econômico.

Por fim, se levarmos em consideração as rendas médias em torno dos que seriam as classes B e C apresentadas pelo dono da *Paradiso*, pode haver uma afinidade com os modos de consumo: aqueles com maior poder aquisitivo tendem a gastar com os *drinks* e cervejas mais caras, enquanto os menos, com as de lata que saem mais barato.

A *AQL*, principalmente nestes últimos tempos em que parou de ser *open bar*, também deixou para os estabelecimentos onde ocorreram suas festas, a venda de bebidas, o que impactou o consumo de seus frequentadores e até mesmo a quantidade de presentes, pois nas edições *open bar* era muito maior. Na edição ocorrida no *Bazuah Eventos*, um combo com seis latas de Amstel era 30 reais, um dos amigos que me acompanhava e eu, até achamos razoável o preço, mas pagamos mais 25 reais de ingresso. Nas edições do *PI6*, o padrão de marcas e preços de bebida eram mais elevados: somente havia cervejas *long necks*¹²² de marcas como *Stella*, *Heineken* e *Corona* que eram no mínimo 10 reais cada. Havia também outras opções de bebidas alcólicas prontas como *Ice Smirnoff* e *Skol Beats* por R\$ 15,00 e *drinks* que eram feitos na hora como *caipirinha* e *gin tônica* que passavam dos R\$ 20,00. Logo, foi notório o baixo consumo que até mesmo impactava o comportamento dos presentes e leva a cogitar ser esse um dos motivos que tem feito o público da *AQL* cair, pois a maioria era acostumada com as edições *open bar* e o baixo consumo neste último recinto demonstra como o principal público da *AQL*, pertence à classes mais populares.

¹²² Garrafas de vidro com 330ml de cerveja que geralmente são mais caras que as latas.

Contudo, tanto na *Paradiso* quanto na *AQL*, alguns interlocutores utilizavam de uma estratégia para rapidamente saciar a vontade de beber e gastar pouco: consiste em comprar um desses *drinks* mais caros como *gin tônica* e *caipirinha* uma vez e por terem um alto teor alcoólico, já provocar a sensação pretendida como de sentir-se mais “solto”, “alegre” e assim, não gastar consumindo várias vezes bebidas mais baratas como é o caso da cerveja. Por essa e provavelmente outras razões não captadas, traçar a quantidade e os itens consumidos com o poder aquisitivo é um importante indicativo, mas os agentes também atuam de forma que se sobressaem a esta relação tão direta.

Em relação à *IeS*, identificar os perfis socioeconômicos do seu público mostra-se mais complexo e depende de, ao menos, duas variáveis: o momento no qual o cliente vai adquirir o seu ingresso e o segundo se reside em São Carlos ou na região.

O preço dos ingressos tende a ir aumentando conforme vai ficando mais perto da edição em questão, já que os convites são disponibilizados por lotes. Caso os mais baratos forem vendidos muito rápido, mais cedo será cobrado os valores mais altos e muito provavelmente pode esgotar todos os ingressos antes mesmo do dia da festa.

Fui percebendo com a volta das *festas da IeS*, uma crescente no seu preço a cada nova edição pós pandemia. O primeiro fato que se deve considerar é justamente os meios de vendas: através do site *byma* que cobra uma pequena taxa, mas ainda há a possibilidade de comprar diretamente com o pessoal da *IeS* por mensagens e presencialmente no campus da UFSCar, sem a taxa. Há ainda a política do *descontrans* como já trazido, mas também o *lote aloja* para os estudantes que residem nos alojamentos estudantis das unidades da UFSCar, USP São Carlos e UNESP Araraquara ou que recebem auxílio aluguel delas, com valores mais baixos que os convencionais. Algumas edições ainda, contam com lotes promocionais que acabam poucos minutos depois de serem disponibilizados para a venda.

De todo modo, os meus gastos comprando nos lotes convencionais demonstram esses aumentos: no *Retorno da IeS*, no último lote, paguei 50 reais enquanto no *Halloween*, no fim do mesmo ano e ainda no terceiro lote, já estava 90 reais e o *Pankadão*, seis meses depois, o primeiro lote já começou a vender a 70 reais. Nesta direção, entre os interlocutores que ouvi com mais formalidade, divergem a sensação se os valores são considerados baratos ou caros. Gabriela que vai em edições desde 2017 sentiu que se tratou de um forte aumento:

Eu acho que na IeS tem uma marca de classe sim, a festa mais legal que eu fui, foi a que veio Pablo Vittar, Urias e Jaloo, eu paguei no terceiro lote 40 reais, hoje em dia já abre nos 60 e esgota rápido, se vê pessoas reclamando do preço, mas os organizadores dizem que aumenta pra poder ter “Bud”¹²³, então tem mudado também os padrões de consumo.

Pedro, por outro lado, considera os valores acessíveis, salientando que se trata de um *open bar* e que sempre tem contado com grandes atrações locais e nacionais que certamente seus cachês não são baratos:

A IeS pelo tamanho da festa não acho elitizado, tanto que vejo muitas pessoas trans e pretas, são 8 horas de open bar, chamam DJs e artistas fodidos como a Pablo, Pepita, tem o desconto para trans (...) as pessoas que tocam também são quase todas LGBTs e muitas pretas e trans, em algumas festas eles colocam em um dos palcos só pessoas trans e pretas pra se apresentar.

Anderson, Felipe, Ricardo e Lourenzo demonstraram considerar um valor até justo pelas mesmas justificativas de Pedro, ao passo que Caio, um dos organizadores e trabalhadores do evento, ressalta o esforço do evento em permanecer popular garantindo o acesso facilitado às bebidas e a apreciação de artistas populares. Sem dúvida, os valores subiram com o retorno das edições pós pandemia, certamente há uma questão inflacionária relacionada, além da tentativa de preservar o *open bar* e as performances conhecidas. Em comparação a outros eventos do universo de festas universitárias da região, especificamente o *Tusca* da UFSCar e o *Interunesp* que ocorre às vezes em Araraquara¹²⁴, as *IeS* têm um valor muito mais acessível e não deixa de trazer atrações no mesmo nível de popularidade que as duas primeiras, ao menos entre pessoas LGBTQIAPN+, predominantes da *IeS*, mas que tem sua parcela que participa das outras duas. No âmbito da pesquisa, a única comparação possível no momento é com festas *open bar* que ocorrem algumas vezes na *Paradiso*, que variam entre 35 e 50 reais, mas não conta com a apresentação de cantores e cantoras nacionais e a duração é inferior às oito horas da *IeS*.

Um raciocínio possível para reconhecer o perfil socioeconômico mais baixo que consegue frequentar as *IeS*, é considerar que a política de desconto *lote aloja*, reserva uma quantidade de ingressos para pessoas de baixa renda que residem nas moradias estudantis ou são assistidas pelo auxílio aluguel. Ou seja, indiretamente, os requisitos adotados pela universidade para disponibilizar estes benefícios, acaba sendo os mesmos utilizados pelos

¹²³ Abreviação para a marca de cerveja *Budweiser*.

¹²⁴ Felipe, Lourenzo e o seu grupo de amigos, gostam dessas outras festas universitárias.

organizadores da *IeS* e o *descontrans* parte do reconhecimento que as pessoas trans ainda são pouco vistas nesses espaços, muito em decorrência de não terem a oportunidade de alcançar melhores postos de trabalhos devido à discriminação, que possibilitaria maior poder de compra.

Outro traço dos perfis socioeconômicos que podem ser considerados, são as pessoas que ouvi com mais proximidade. Com exceção de Renata que pode ter acesso ao *descontrans*, os demais somente podem comprar pelos lotes convencionais e com isso devem variar no entorno de uma classe média baixa a classe média, pensando condições salariais e origens: Ricardo e Lourenzo são funcionários públicos municipais do baixo escalão, com salários que chegam no máximo a dois salários mínimos, Felipe é psicólogo formado mas está desempregado no momento, vivendo com os pais, consegue pagar pelas festas, porque são noticiadas com antecedência e sem tanta frequência, permitindo um planejamento para tal. Com uma desigualdade tênue, Anderson, Gabriela e Pedro podem ter condições mais razoáveis que Ricardo, Lourenzo e Felipe. Anderson tem origem simples e hoje tem conseguido levar a vida com as excursões, ou seja, é autônomo, Gabriela é bolsista, além disso, tem apoio financeiro dos pais e se reconhece como uma pessoa de classe média e Pedro é professor estadual, o que garante uma renda autônoma dos pais mesmo que não tão justa como sabemos, mas ainda reside com eles em um condomínio de alto padrão.

Enfim, isso demonstra a variedade de diferentes condições socioeconômicas dos que frequentam a festa e dentre os que ouvi, embora apontamentos como o de Gabriela demonstra que na sua opinião, os aumentos podem causar uma leve exclusão, nenhum deles revelou alguma dificuldade financeira pessoal em não conseguir pagar pelo evento e consideram que há um bom custo-benefício, pensando nas atrações conhecidas nacionalmente e no consumo de bebidas, por exemplo.

Em segundo lugar, morar ou não em São Carlos implica em diferentes gastos que vão além dos ingressos. Se morar fora, vai ter ainda no mínimo, mais o custo com o transporte, seja com as excursões, com carros particulares ou ônibus intermunicipais como fazia Ricardo antes do trabalho de Anderson.

Para nós, araraquarenses que temos ido com o fretamento, desembolsamos 40 reais para tal nestas quatro festas pesquisadas e isto é o mínimo pensando no

deslocamento até o ponto de embarque, que se for muito longe de casa pode haver gastos com carros de aplicativo, ou transporte público, por exemplo.

3.1.4 Identidades em movimentos e transição de territórios

Há no discurso dos lugares etnografados, em especial os declaradamente LGBTQIAPN+, de que seus ambientes permitem uma plena expressão de suas identidades sexuais, que fora de seus limites, é um padrão contra hegemônico. A pesquisa revela na prática, os graus dessas possibilidades e sem dúvida, demonstra que comparado aos demais contextos cotidianos de seus frequentadores, certamente, isto é vivido, haja visto que tradicionalmente, instituições como a família e o Estado, estão embasadas e promovem um modelo cisheteronormativo de constituição das relações, ao estabelecer como natural a heterossexualidade como forma de relacionamento (VERGUEIRO, 2016, p. 64) e a correspondência ininterrupta da tríade sexo-gênero-desejo (BUTLER, 2020, p. 25).

A transição entre estes diferentes espaços para a realização da etnografia, demonstrou ocorrer ainda com maior intensidade tais manifestações não hegemônicas, quando Felipe de São Carlos vai às festas de Araraquara, e de forma mais acentuada, quando araraquarenses vão à *IeS* em São Carlos:

Em muitas partes da entrevista formal de Felipe (algumas demonstradas no capítulo 1), ele declara uma preocupação com o julgamento alheio, evitando eventos de padrões heteronormativos pelo seu comportamento não corresponder ao dos demais rapazes e vai às festas como as da *IeS*, sem noticiar pessoas que não a frequentam. Felipe disse ainda ir à *Paradiso* em Araraquara e que por estar ainda mais distante de casa, consegue ficar mais *à vontade*. Além dele, é muito comum encontrar outros são-carlenses na *Paradiso* de forma corriqueira, tendo em vista que a casa funciona semanalmente, diferente da festa de maior referência para a comunidade em São Carlos.

A respeito daqueles que fazem o caminho inverso, percebi que vários rapazes de Araraquara que encontrava na *Paradiso*, no *TNC*, na *AQL* ou mesmo pela rua e nos bares héteros, muitas vezes, agem, portam-se e vestem-se, de forma distinta de como fazem quando vão à *IeS*. No que tange ao comportamento, as diferenças são sutis: demonstram uma feminilidade em todos os lugares, porém ainda mais afluída na *IeS*, também é nesta festa onde mais dançam. A roupa é a característica que mais se destaca: enquanto em

Araraquara há um padrão mais masculino em suas escolhas para sair, além de buscarem seguir à risca os temas de cada festa da *IeS*, o vestuário tem peças e cortes considerados femininos e há o uso de maquiagem mais densa, sendo que praticamente não fazem seu uso na cidade em que moram.

Mais do que considerar que Felipe e os araraquarenses reprimem suas essências em suas respectivas cidades e as manifestem na vizinha, proponho ler esse fenômeno como demonstração da multiplicidade de suas identidades, não estanques e estáveis, mas múltiplas, flutuantes, à deriva: resultado de cada situação e espaço em que circulam (PERLONGHER, 1987, p. 151).

Desse modo, é uma leitura mais relacionada às concepções de território e territorialidade de Deleuze e Guattari (1997) especialmente nos níveis individuais e cotidianos desses agentes. Estas pessoas possuem cada, seu *Território de morador* (HAESBAERT, 2004, p. 139) em suas cidades: suas casas e comunidades cujo códigos territoriais e relações de poder, regulam um comportamento que não permite a mesma manifestação da sexualidade de forma mais livre, como os territórios das festas permitem.

Os deslocamentos para as festas operam uma *desterritorialização relativa* (PERLONGHER, 1987, p. 185-187; HAESBAERT, 2004, p. 116): os agentes não abandonam totalmente os seus territórios de moradia convencionais, e sim, momentaneamente, produzindo outros territórios no ambiente das festas, onde outros códigos são válidos, estes em afinidades com expressões de gênero e sexualidade que contrariam os padrões de comportamento que seguem à risca a dicotomia de gênero nos espaços convencionais. Vale dizer que estes processos de desterritorialização, necessariamente, são de reterritorialização (HAESBAERT, 2004, p. 99).

Essa leitura se mostrou mais contundente com a multiplicidade, *fragmentação* ou *segmentariedade* característica dos sujeitos urbanos, como aqui é o caso, tendo em vista que eles circulam por diversos lugares: seus trabalhos, suas famílias, ruas, festas etc., não possuindo, portanto, uma identidade fixa (SARAIVA, 2012, p. 26).

3.1.5 Corpo, moda, idade e raça na *Travada*

Pela introdução e o capítulo 2, deve ter ficado claro que as festas da *Travada* são dirigidas primordialmente por travestis e mulheres trans. Então, gostaria de chamar

atenção para o público que frequenta estas festas, pois a maioria, mais do que o público habitual dos outros eventos, também demonstram de alguma forma, desestabilizar normas de gênero, principalmente por atitudes e pelas roupas que usam, ao menos, nessas festas. Sobre as escolhas de vestimenta e acessórios dos frequentadores, fui levado a pensar que pode haver três esferas de referências de moda para este público: o *funk* brasileiro, o *clubber* e a cultura *Ballroom*, influências que apresentei de forma mais geral no capítulo 2.

A alusão ao *funk* é percebida principalmente por acessórios como óculos *juliet* (com lentes espelhadas, coloridas ou escuras) e correntes, douradas ou prateadas, grossas ou finas, com ou sem pingentes, utilizados por pessoas de diferentes identidades de gênero. São roupas e adornos que fora de universos como o da *Travada*, para um público cisheterossexual que consome o *funk*, são direcionados a partir de uma divisão binária de gênero, como é visto em boa parte dos frequentadores do *TNC*, por exemplo.

Aqui se vê que as pessoas misturam esses elementos em certo grau, mesmo que em sua maioria, corpos mais feminilizados estejam mais maquiados e usando minissaias, salto e roupas apertadas e mais masculinizados, camisas largas, tênis e bonés, mas não há em muitos desses corpos, correspondências entre traços e escolha de vestimentas com o que seria o sexo biológico, utilizando-se do *sistema da moda*, não como um dispositivo que reforça os binarismos de gênero, mas para romper, justamente, com essas limitações, produzindo outras relações, interpretações e subjetividades com este recurso (CARVALHO & GARCIA, 2022). Os dois próximos referenciais ajudam a potencializar esse modo de uso das roupas e demais acessórios:

Clubber se relaciona com aqueles que gostam de música eletrônica e frequentam casas noturnas que tocam esse gênero e suas variações. Segundo Gibran Braga (2019), “surgiu nos EUA e na Europa no início da década de 1990 tendo chegado ao Brasil poucos anos depois [e] (...) deriva da categoria club culture (...)” (BRAGA, 2019, p. 249, 250). Muitas vezes há associação de frequentadores dessa cena ao consumo de drogas psicoativas (BRAGA, 2019, p. 241). Na vestimenta, eles chamam atenção por roupas e acessórios coloridos e dissonantes (CAVALCANTI, 2023, p. 84). Nas festas da *Travada*, há a manifestação especialmente da sonoridade e nas roupas dos presentes, na qual os elementos estéticos do *funk* em alguns corpos, ganham contornos que podem remeter a cultura *clubber*, como é o caso de maquiagens e cabelos coloridos e com tons vivos e

brilhantes. A despeito do consumo de drogas psicoativas, elas não foram percebidas e embora esteja presente as batidas eletrônicas, a festa *Travada* dura poucas horas em comparação às *raves* e o público não apresenta uma euforia a ponto de parecer estarem sob o efeito de algum estimulante ilícito desse porte.

Se a estética de um *funk* brasileiro é visivelmente predominante e o *clubber* uma inferência, a cultura *Ballroom* é explícita ao envolver todo o conceito e engajamento da *Travada* para além das roupas dos participantes, mas também em suas propostas de intervenções artísticas e atitudes pessoais e coletivas.

É possível perceber a influência *Ballroom* especialmente na customização de peças e acessórios das pessoas, procurando (re)produzir *looks* que se inspiram na alta costura, elaborados, no entanto, com peças populares, das quais muitas trazem mensagens políticas, seja por frases e imagens estampadas que empoderam as favelas, pessoas trans e pretos e pobres, como pelo próprio recorte e *design* de algumas peças que sugerem autonomia dos corpos e liberdade sexual. As roupas costuradas e desfiladas na *Encruzilhada Futurista*, levam essas referências à última potência, enquanto as pouco menos extravagantes, são utilizadas por alguns de seus envolvidos na festa *Travada*.

Entre outras peças comuns, estão ternos mesclados com roupas mais despojadas e urbanas por baixo, como *croppeds* e *tops*. Há também calças de moletom, roupas transparentes, entre outras e como mencionado, corpos mais feminilizados tendiam a usar roupas mais justas e masculinizadas, mais largas. Por fim, são peças e elementos que atravessam as três principais referências de moda que aqui busquei generalizar como principais influências.

É notável essa postura fashionista nas atitudes de boa parte das pessoas presentes, ou seja, não são marcas apenas visíveis nas roupas, mas também nos movimentos corporais, como o andar, o modo de segurar o cigarro e o copo, cruzar as pernas etc. Chamam atenção justamente por certo refinamento e delicadeza com que praticam estes gestos, modos de executar tais ações geralmente associados aos das mulheres no ocidente.

Marcel Mauss (2003) menciona a mudança do andar de mulheres francesas no início do século XX por influência do cinema americano. Na *Travada*, o comportamento

dos presentes pode ser impulsionado por um processo de *imitação*¹²⁵ similar, de atos considerados femininos, talvez como forma de prestigiá-los como Mauss demonstrou ser uma das formas de assimilação de *habitus*¹²⁶ corporais (p. 404, 405). O *Ballroom* também opera neste sentido ao incorporar o universo feminino, ampliar seu uso para corpos dados como masculinos e utilizar-se da dança e da moda, que muitas vezes podem reiterar a divisão por gênero dos usos dos corpos, para, propriamente, romper com esta lógica. Assim, as gesticulações, o caminhar e outros atos corporais da maioria dos presentes da *Travada*, subvertem a *divisão de técnicas do corpo por sexo* [biológico] (MAUSS, 2003, p. 409) reproduzidos pela nossa cultura.

Tais comportamentos incidem os processos de sociabilidade durante as festas. Os grupos de pessoas que notei agirem assim, mantêm relações e contatos entre si, com pouca abertura para se relacionar com outras pessoas. Além disso, estes grupos, são os que menos passam pela área interna, dançando menos e passando mais a noite conversando entre eles.

Há, no entanto, outras pessoas mais interessadas na pista de dança e com isso mais acaloradas, que privilegiavam bastante os *DJs* e cantores que se apresentam. Estas pessoas também gesticulavam e andavam de forma mais descomprometida com a elegância que se via nas outras.

Tenho sido levado a crer que, aquelas pessoas mais preocupadas com a moda, dos quais suas roupas possuem mais acabamentos, detalhes e elaboração, são as que mais fogem de uma experimentação de gênero e sexualidade cis heteronormativa e que possuem um arcabouço de conhecimento estético que o contato com o mundo universitário pode ser um dos provedores, enquanto que as menos apegadas a isso, são aquelas que tomaram conhecimento da festa da *Travada* e dos seus outros eventos, através das articulações do coletivo nos bairros populares e periféricos em que muitas delas residem.

¹²⁵ Imitação e educação (esta segunda com mais veemência), são vistas por Mauss (2003) como formas sociais da aquisição de técnicas corporais como o andar, agir e outros modos de utilizar o próprio corpo (p. 405).

¹²⁶ Segundo Mauss, o significado em latim é mais abrangente para identificar a aquisição de práticas corporais apreendidas socialmente (2003, p. 404) inspirando o uso futuro de Bourdieu para designar outras apreensões dos indivíduos pela convivência social (LANDINI, 2007).

Portanto, estes são os dois principais grupos que se conectam, apropriam e dividem o espaço da *Paradiso* nas noites de festas da *Travada*, destoando do público mais corriqueiro deste estabelecimento. Ainda guardam em comum a faixa etária (público bem jovem), o fato de compartilharem das demais atividades coordenadas pelo coletivo *Travada*, como já foram exemplificadas, tons de pele mais próximos do negro e as vivências não normativas com relação ao gênero e sexualidade.

É possível concluir que a intervenção que representa a *Travada* no contexto de lazer LGBTQIAPN+ em Araraquara, reside no protagonismo de ações culturais e de entretenimento produzidas por mulheres trans e pessoas não binárias e busca que seu público também assim se reconheça. E aqueles que não o são, enxerguem no coletivo um conjunto de atividades produzidas por essas pessoas, dando visibilidade a essa categoria dentro da própria comunidade LGBTQIAPN+, que muitas vezes se vê reduzida aos gays e no máximo às lésbicas, sem a devida visibilidade àqueles e àquelas que rompem com o binarismo sexo e gênero.

Por outro lado, essa maior representação da comunidade trans também atinge certo limite, como aponta a interlocutora Renata. Embora haja um relevante protagonismo de mulheres trans e pessoas não binárias na *Travada*, falta mais representação de homens trans:

Eu conversando por exemplo com amigos homens trans, eles não se sentem representados naquela festa e do movimento que as meninas estão fazendo, e eu percebo realmente que não tem aderência de homens trans, se vê pessoas não binárias, mulheres trans, então o movimento que tenta incluir também acaba excluindo, porque também acabam reproduzindo discursos transfóbicos, discurso falocêntrico etc., então é complicado, são tensões... (Renata).

Não só na *Travada* como em todo o campo desta pesquisa, infelizmente, foi visto com muita raridade a circulação e presença de homens trans, o que revela desafios a uma inclusão ainda mais abrangente. Mas tendo em vista que se trata de contextos menos diversificados e com menor concentração populacional, há avanços. A própria *Travada* ao dar centralidade a corpos de mulheres trans neste contexto marcado como interior e cidade média, já desloca os olhares em relação às atividades de lazer e cultura LGBTQIAPN+ que majoritariamente, tende ainda a ser dominada pelos homens gays, como essa pesquisa reforçou esse fato.

3.2 Laços, Afetividades, Desejo e Fronteiras

3.2.1 Dinâmicas das afetividades e dos desejos gays

Tendo em vista a predominante presença masculina nessas festas, dos quais a maioria possa se identificar como gay, bissexual ou pansexual, destaca-se a forma como eles ocupam os espaços e relacionam-se mais intimamente, o que exige uma averiguação que opto por realizá-la utilizando subgrupos presentes no universo homossexual masculino que levam em conta formas físicas, comportamentais e estilos, mesmo que algumas dessas denominações sejam mais utilizadas do que outras nos campos de pesquisa de Araraquara e São Carlos. Primeiramente as apresento e as defino e na sequência demonstro a maneira como foram acionadas no campo pelos participantes das festas. Estas categorias são: *padrão(ões)*, *urso(s)*, *twink(s)* e *poc(s)*:

Padrão (ões), é utilizado para denominar os homens de corpos malhados, muitos deles depilados e geralmente não afeminados. O *padrão* parece substituir o/a *barbie*¹²⁷, comum nos anos 2000 e que não me recordo de interlocutores utilizarem este termo neste campo atualmente. Ambas as nomenclaturas possuem um tom crítico, em decorrência de todo um debate sobre a imposição de modelos de beleza, que podem ser prejudiciais para as pessoas que o buscam e/ou que sofrem algum tipo de segregação por não os seguir. Graças a isso, não é comum encontrar alguém que se auto identifique como *padrão*, sendo mais uma interpelação de terceiros.

Os *ursos* em geral, são mais corpulentos, *gordos*, *gordinhos* ou *gordões* (FRANÇA, 2012, p. 153)¹²⁸ e que geralmente mantém as barbas e os pelos no corpo. Embora o termo seja auto afirmativo em oposição ao *padrão*, nos contextos aqui pesquisados, aqueles que possuem estas características físicas não costumam acionar essa nomenclatura ou comunidade, nem por falas, nem por vestuários e acessórios utilizados pelos *ursos*, como podem ser vistos em contextos de lazer para eles na cidade de São Paulo, por exemplo (FRANÇA, 2012; DINIZ, 2019). Basicamente, este reconhecimento surge em contraste ao modelo de beleza que foi muito associado aos gays a partir dos

¹²⁷ Recorrentemente acionado pelos interlocutores de Isadora Lins França no fim dos anos 2000, para interpelar frequentadores da *The Week*: rapazes malhados, sugerindo ainda que eles são consumistas, alienados e usuários de drogas (2012, p. 90).

¹²⁸ Assim como foi para a autora, neste caso as ideias em torno de “obeso” aqui não são utilizadas e também soam como inadequadas por sua conotação à enfermidade (FRANÇA, 2012, p.153), sendo mais recorrente *gordos* e suas variações, resignificando o seu sentido negativo de antigamente, para a afirmação de uma identidade que envolva uma forma carinhosa ao se referir a alguém dessa maneira.

anos 1980: os corpos magros e depilados. Os *ursos*, por sua vez, procuram invocar o que seria um corpo mais próximo de um suposto natural para homens ou para um ideal de masculinidade (CAROBA, 2021, p. 57).

A denominação *twink* é a mais rara proferida neste campo. Utilizada para designar homens gays magros sem pelos, mas também, sem os músculos dos *padrões*. Sua origem remete ao contexto homoerótico e pornográfico gay europeu e estadunidense, que seriam, além de magros, brancos e jovens, havendo inclusive apontamentos de racismo e etarismo que esta identidade poderia propagar (ZIMMER, 2021).

A categoria *poc*, por sua vez, aparece como a menos relacionada às formas físicas e a padrões de masculinidades e mais ligadas a comportamentos feminilizados e a um recorte de classe, sendo, portanto, bichas afeminadas e pobres (PEREIRA & PRADO, 2021, p. 02) ou *meninos femininos* (PELÚCIO & DUQUE, 2013). A terminologia *poc* foi ressignificada do seu tom pejorativo originária dos anos 1970 (PEREIRA & PRADO, 2021, p. 02) que era utilizada com desprezo, dentro e fora de contextos não heterossexuais, para denominar aqueles que performam uma feminilidade mais acentuada e que provavelmente também provinham de classes sociais mais humildes. Nenhum interlocutor assim se definiu, era mais comum ouvir *bicha*, *viado*, *mana* ou *mona*, com sentido ressignificado do tom ofensivo, para se autointitular ou se dirigir aos amigos. Eles se destacam ao permitirem-se mais nas danças e ser nesses grupos que se via mais negros e não brancos.

O que pode ser dito de forma geral sobre a ocupação dos espaços da *Paradiso*, *AQL* e *IeS* em relação a essas formas de identificar homens que se interessam sexualmente por outros homens, é que, em todas elas, com poucas diferenciações, corpos com formas, roupas e comportamentos variados, compartilham e disputam as pistas de dança, algo incomum em casas que buscam atender de forma direta estes diferentes segmentos, como é o caso da *Ursound* em São Paulo que afirma a identidade *ursa* e os *twinks* onde se vê festas voltadas a este público como a *UP party twink*¹²⁹ em Porto Alegre (RS) ou as que

¹²⁹ Veja descrição do evento em: <https://www.sympla.com.br/evento/up-party-twink/1448753> (acesso em 11/07/2023).

este direcionamento seja mais indireto como é o caso da *The Week*¹³⁰ quando existia¹³¹. A tendência é que não haja essa pluralidade de corpos, ou não de forma tão heterogênea, justamente por buscarem atender seus públicos através destes marcadores estéticos e aparentes.

Não tenho dúvida que possa existir bares e casas noturnas que procuram não reproduzir essas distinções em metrópoles, mas em contextos como o de Araraquara e São Carlos, esta cisão entre os gays e também com outras dissidências sexuais não é interessante, justamente por suas dimensões populacional e espacial mais concentradas, gerando assim, uma certa diversidade, ao menos dos físicos dos frequentadores, no interior dos ambientes e eventos, e assim, as escolhas de parceiros para o *ficar*¹³² com base em suas feições, são feitas nas micro relações entre esses diferentes corpos durante as festas.

Até para fins comerciais voltados ao público LGBTQIAPN+, não é rentável tais subdivisões nesta região, como explicou o dono da *Paradiso*:

P - *Existe uma subdivisão de estilos muito recorrente entre os homens gays, marcadores inclusive para a busca de parceiros sexuais (barbies, ursos, daddies etc). Como funciona essa lógica aqui, dá pra fazer festas destinadas a cada uma dessas tribos como em São Paulo, por exemplo?*

R - *Não, porque o público LGBT aqui é muito limitado, não é possível nem interessante pra nós fazer festas com esses direcionamentos de público...aqui dentro que acaba ocorrendo essas escolhas e separações, aí cada um vê que tipo lhe atrai mais e as coisas acontecem* (SANTOS, 2019, p. 40).

Embora essas categorias eu mais as tenha importado os seus usos das metrópoles e das redes sociais virtuais do que escutado amplamente nas festas pesquisadas, na *IeS*, ouvi algumas vezes. Colegas e outros frequentes falavam de terceiros para mim nas formas: *olha esse twink, que gracinha!; humm, um ursão desses hein?; humm olha o peito desse padrão!*, para identificar uma atração ou desejo, ou: *tinha que ser padrão né?*, para recriminar alguma atitude.

¹³⁰ Não frequentadores da *The Week* associavam taxativamente o espaço a lugar destinado a rapazes musculosos (FRANÇA, 2012, p. 64) e embora a autora notasse “relativa diversidade” dos seus frequentadores, efetivamente, não eram todos os públicos que a frequentavam (p.91) e o corpo malhado e branco é o mais desejado (p. 93) e aceito de ser exibido no espaço da boate (p.89).

¹³¹ A casa noturna, principalmente a unidade da cidade de São Paulo, encerrou as atividades em 2021, desde então, o organizador segue com outros projetos similares.

¹³² Categoria amplamente utilizada para designar os beijos, flertes, amassos e pegações nos contextos de festas em geral.

A partir de falas como essas, pude notar que a *IeS* é um campo rico para perceber essas variações corpóreas dos homens que se aglutinam num mesmo espaço e se justapõem, graças ao maior tempo de duração de suas festas, por ser *open bar*, deixando-os mais “soltos” e a grande quantidade de pessoas. Uma ocorrência comum, é a retirada de camisa que muito dos rapazes praticam aqui em maior número do que nas demais festas. A maioria dos que assim ousam fazer, possuem justamente, um corpo associado ao que chamam de *padrão*: ricos em massa magra, peitorais grandes, ombros largos, bíceps enrijecidos e abdomens definidos¹³³. Em segunda escala, corpos mais delgados, que muitos ainda vão chamá-los de *padrão*, mas também podem ser atribuídos aos *twinks*.

Arrisquei numa das festas, abordar um desses grupos de forma descontraída, num momento em que as pessoas estão mais receptivas a conversar e interagir, muito por conta do álcool. Perguntei de onde eram e desde quando se conheciam: eram quatro rapazes brancos, três sem camisa, todos com aparência física próxima da forma como descrito acima, dois deles disseram que se conheceram na academia, estabelecendo ali maior relação, enquanto outro foi adicionado ao grupo se conhecendo em festas e o quarto era amigo mais antigo de um daqueles que se conheceram na academia. Ora, nesse caso, tendo em vista a fala e a aparência de seus corpos, a academia e o interesse pela forma e os exercícios físicos, são algumas das práticas que unificou esse grupo de amigos.

Em relação aos flertes, beijos e as pegações em si, pode-se dizer que tanto na *IeS* quanto na *AQL* e na *Paradiso*, observa-se que a maioria flerta e beija alguém mais semelhante a si. Portanto, notei mais *padrões* com *padrões*, *magros* com *magros* e *gordinhos* com *gordinhos*, algo em que a cor da pele pode vir antes ou depois como requisito, o que leva a confirmar que as escolhas por congregar e se relacionar com semelhantes, são efetivadas na seleção interna do ambiente que reúne corpos mais diversos, diferentes de lugares segmentados nas metrópoles que já filtram as diferenças desde o próprio acesso a determinado local.

Para o estabelecimento dessas relações mais íntimas, contudo, há uma diferenciação interessante entre *Paradiso* e *AQL*, pois na primeira, percebe-se com mais ocorrência a existência de casais já formados antes das festas, ocorrendo menos pegações entre os que seriam os solteiros, algo salientado por um interlocutor, preferindo a *Ai Que Loucura* para conseguir beijar e *ficar*. Outro impacto que pode recair principalmente à

¹³³ Há uma valorização e mais fácil exibição do tronco e dos membros superiores dos corpos masculinos.

Paradiso que é um espaço fixo e com eventos semanais, é uma possível diminuição da procura pela boate para encontrar pessoas para pegações, transar ou namorar, devido aos aplicativos de relacionamento, como o responsável pelo lugar alegou já perceber essa influência:

- Hoje com esses aplicativos você consegue um parceiro sem sair de casa...aí durante esses anos todos, é lógico que caiu o público, facilitou pra eles né, mas pra nós pensando no lado empresarial (risos)...aí com certeza que hoje o que mais motiva alguém a vim aqui é a própria vontade de se divertir mesmo, mais do que ficar com alguém eu acho...(SANTOS, 2019, p. 40).

Vimos com Parker (2002) que a busca por parceiros sexuais é um dos principais motores da movimentação do público gay no cotidiano da vida urbana, a ponto de iniciar a consolidação de seus locais para a sociabilidade entre eles. Possivelmente, o crescimento do acesso à internet, através das redes sociais e desses aplicativos, interfere significativamente nas relações sociais e sexuais entre eles, de modo que outras razões devam motivar o deslocamento para bares e boates.

Sobre a *Travada*, é preciso considerar que dentre esses lugares explicitamente LGBTQIAPN+, é o que ocorre menos pegações e os beijos efêmeros, havendo alguns casais de namorados, algo que pode estar relacionado até mesmo a proposta da festa que busca protagonizar mais a presença trans do que gay. A respeito de como ocupam o espaço e tecem aproximações e afastamentos entre grupos de amizade, vimos no subtópico 3.1.5, algo que veremos como ocorre na *IeS*, *AQL* e *Paradiso* a seguir.

3.2.2 Amizades e ocupação dos espaços

Os gays afeminados ou as *pocs*, como reuni em torno dessa categoria, além de historicamente estarem mais suscetíveis a homofobia fora dos espaços homossexuais, dentro deles também podem ser preteridos nas escolhas para relações afetivas e sexuais, devido seu comportamento desviar-se ainda mais dos padrões heteronormativos (LOPES, 2017, p. 406, 407). Na *IeS* e na *Paradiso*, foi difícil delimitar em que medida, os rapazes que se relacionavam afetivamente, performavam um comportamento mais feminino ou masculino, diferente da *Ai Que Loucura*, que além dessas relações mais íntimas, as formas como ocupavam e se distribuíam no espaço da festa, algo notado especialmente nas edições ocorridas no *P16*, delineavam as diferentes formas físicas, comportamentais e estilos que preenchiam o espaço.

Logo em frente ao palco estavam esses meninos femininos, que entre si ou com outros rapazes que por ali transitavam, trocavam beijos e carícias. Junto deles, também havia meninas com orientações sexuais difusas e estes dois grupos formatavam os que mais dançavam na festa, inclusive fazendo coreografias de danças mais sincronizadas e elaboradas, como as que cantoras *pop* reproduzem em seus *videoclipes*, como Anitta e Luísa Sonza. Tanto os passos de dança quanto a animação do público, atenuavam-se conforme mais distante iam ficando em relação ao palco, e assim, mais ao fundo do ambiente, costumava estar os rapazes mais velhos, brancos, alguns com barbas grisalhas e roupas mais básicas, como jeans e camisas ou camisetas neutras em estampas e cores. A postura desses homens me fez acreditar que eles devem portar ou simular, uma condição financeira mais confortável que os da frente que são mais eufóricos, mais jovens e mais diversos em cores de pele, gênero e em expressão dos interesses sexuais. Esses homens, além de acompanhar o evento bebendo com mais delicadeza e observando as movimentações na festa, flertam e beijam outros homens - principalmente que tenham a aparência mais semelhante à deles, a maioria branco e de comportamento mais masculinizado - com mais intensidade e prolongamento que aqueles da frente, cuja pegação tende a ser mais rotativa, efêmera e menos seletiva.

Embora tenha sido notório essas fronteiras na composição do espaço das *AQL's* ocorridas no *PI6*, em relação aos laços de amizade em todo o campo, a semelhança física não é rigorosamente o determinante para constitui-los, como é para as trocas conjugais. Assim, foram vistos em todos os eventos, grupos de amigos heterogêneos em formas físicas e até mesmo em sexo, onde muitas mulheres acompanhavam os homens gays. Por outro lado, há demarcadores que fazem outras pessoas serem amigas e associarem-se, como a cor da pele e o gênero, também sendo visto grupos de amigos somente com negros e/ou negras, por exemplo, ou aqueles compostos unicamente por pessoas trans.

3.3 *TNC e Kush House*: a não exclusividade LGBTQIAPN+

Gostaria de tratar das dinâmicas, estilos e marcadores sociais que produzem sociabilidades dentro do *TNC* de Araraquara e da *Kush House* em São Carlos, à parte, por serem, de todos os lugares etnografados, os que não seriam explicitamente lugares de lazer diretamente LGBTQIAPN+. Portanto, além de analisar essas questões, identificar a

partir delas como de fato estes estabelecimentos se relacionam e enxergam o seu público não cisheterossexual, haja visto que chama a atenção sua presença nesses lugares o que fez serem incluídos nas análises.

Uma definição possível para espaços que não se rotulam propriamente LGBTQIAPN+, porém se vê com maior tolerância sua participação, é a ideia de *friendly*: “refere-se a espaços frequentados predominantemente por heterossexuais nos quais homossexuais são bem-vindos” (FRANÇA, 2007, p. 291). Entretanto, uma outra leitura para esses recintos, gira em torno da ideia de *aliado*, uma categoria que tem sido usada mais recentemente no ativismo LGBTQIAPN+ para tratar de pessoas e grupos que apoiam as lutas, movimentos e culturas da comunidade, o que demonstra um maior suporte do que unicamente aceitar sua presença e no caso de estabelecimentos comerciais como esses, que sejam meros clientes como os demais. O trabalho de campo no *TNC* desde quando ainda era *Pirata's* e na *Kush House*, apresentados a seguir, auxiliam a identificar como eles tem atuado em relação a esses grupos.

3.3.1 Idade, gênero e a associação do *TNC* à um lugar LGBTQIAPN+

Retorno à época em que no espaço hoje pertencente ao *TNC*, era o *Pirata's bar*, para identificar marcadores sociais e modos de ocupação que predominavam anteriormente e a partir deles, identificar as rupturas e preservações com a mudança de bar. Começando pelo segundo, encontra-se a participação LGBTQIAPN+, pois mesmo com as alterações, esse grupo seguiu sendo um dos principais frequentadores. O mesmo pode ser dito sobre a cor da pele, predominando desde antigamente, pessoas brancas, mas com relevante presenças de tonalidades mais escuras especialmente nos dia de hoje.

Em relação às diferenças mais sentidas, a principal está relacionada a idade de forma interseccionada e variada com a questão de gênero e sexualidade e até socioeconômica ao longo do tempo:

Antigamente, havia muitos grupos de jovens entre os 18 e 20 anos, atraídos pelo discurso difundido na época de se tratar de um bar alternativo, no sentido de que as atrações se diferenciam da maioria dos outros bares e baladas da cidade, que em geral estavam e ainda estão dominados pelo sertanejo universitário e/ou pagode. O *Piratas's*, ainda era mais receptivo às diversidades, sem dirigir-se a um público específico,

ocorrendo por um bom tempo, certo domínio de pessoas que visivelmente não seguiam um padrão cisheteronormativo. Lembro-me também de uma das bebidas do bar ser a preferida entre os mais novos: o “*frozen* (drinks com sabores de frutas feitos com *vodka* e raspas de gelo)” (SANTOS, 2019, p. 37). Eram dois copos grandes e generosos com preço que variou entre os anos de *Pirata's*, de 10 a 15 reais, considerado muito acessível pelos clientes na época.

Estes jovens compartilhavam o espaço com pessoas mais velhas, principalmente que gostavam do gênero *rock*. Entre os anos de 2018 e 2019, os roqueiros passaram a diminuir, mas o público seguiu envelhecendo, preferindo mais as cervejas à bebidas destiladas com forte teor alcoólico, como é o caso do *frozen*.

O *TNC* ao surgir, rejuvenesce totalmente o público-alvo. Saltou os olhos ver o espaço praticamente tomado por pessoas de no máximo 25 anos. É notável ainda que estes mais jovens pareçam ser, em sua maioria, heterossexuais: meninos e meninas visivelmente apaixonados pelo *funk*, estilo musical que domina a casa especialmente quando ganha a ambientação de balada como vimos funcionar o local no capítulo 2. As vestimentas dessa parte do público também lembram aquelas utilizadas por funkeiros, das quais os rapazes tendem a utilizar camisas, calças largas, cordões e alguns deles, bonés, e meninas, vestidos ou shorts curtos e minissaias.

Muitas das pessoas que podem ser consideradas LGBTQIAPN+ também são jovens, mas notei que a maioria é mais velha. Portanto, o *TNC* em geral, tende a ser um espaço que atrai cisheterossexuais bem jovens e LGBTQIAPN+ nem tanto, havendo, inclusive, mulheres trans. Embora não sejam muitas, há uma muito fiel ao lugar e que é amiga dos donos do bar, não deixando de ser algo positivo em comparação ao antigo *Pirata's* que se via, majoritariamente, gays e lésbicas.

Essa presença de jovens cisheterossexuais me fez questionar, logo após as visitas, em que medida o *TNC* preocupa-se em se associar ao público LGBTQIAPN+, mesmo que não se restrinja a eles. Esta seria uma questão que eu levaria aos donos do estabelecimento (diga-se de passagem, um casal de rapazes), mas não obtive retorno dos contatos para uma entrevista e pouco os vi nas noites em que fui, o que me fez refletir sobre esta questão com outros instrumentos, remontando-me a época do *Pirata's*, destacando o predomínio de público entre os anos de 2013 e 2015, as mudanças significativas nos anos de 2018 e 2019 e a situação atual:

O *Pirata's* nos dias de semana atraía muito o público universitário devido sua localização. Aos sábados, era comum que aqueles estudantes que não fossem da cidade não estivessem mais presentes e assim,

o público do bar passava a ser predominantemente de jovens moradores da cidade, sendo uma quantidade considerável de homens gays e mulheres lésbicas e o público heterossexual em geral, apareciam em quantidade menor. Dado isso, voltando em 2018, particularmente me surpreendi com a presença maciça de homens e mulheres heterossexuais e notoriamente, foi percebido uma grande diminuição de gays e lésbicas (SANTOS, 2019. pp. 35,36).

A alteração de público entre 2018 e 2019 deve-se a uma alteração na política de preços para o ambiente, que certamente incidiu não somente nos quesitos de gênero e sexualidade, mas também socioeconômicos: refiro-me ao aumento dos valores de acesso ao bar, que antes variava entre um e cinco reais, independente de quem fosse, para valores diferentes entre homens e mulheres, dez e cinco reais, respectivamente. Esta prática é muito comum em casas noturnas mais convencionais e críticos apontam que, nestes casos, “a mulher não é vista como sujeito de direito na relação de consumo em questão e sim com um objeto de marketing para atrair o sexo oposto aos eventos, shows, casas de festas e outros”¹³⁴.

Uma conversa informal com uma funcionária na época registrada na pesquisa, indica as justificativas para as mudanças no ambiente e na política de preços e critérios para acesso ao bar:

- Nossa, acho que fazia muito tempo que eu não vinha aqui, mudou bastante, a decoração, o som...

F¹³⁵: - Deve fazer muito tempo mesmo (risos) faz tempo que muita coisa mudou aqui.

- Nossa, e o preço? Tá muito diferente (risos) era tão mais barato...

F: - Faz tempo mesmo que você não vem, hein (risos) os preços subiram faz tempo...tava dando muito problema, entrando uma galera que só arrumava confusão, o jeito foi aumentar o preço pra dar uma selecionada no povo, se não íamos ter mais problemas pra gente.

- Ah sim, mas isso mudou o tipo de gente que vem ou diminuiu...?

F: - Ah, acho que pouca coisa mudou, até parece vir uma galera mais variada, já que teve umas mudadas de estilo, mas também foi pra atender essa gente nova que foi chegando aqui (SANTOS, 2019, p.37).

E assim, conclui na época que

as mudanças ocorreram para atender uma nova demanda de público, (massivamente heterossexual, que não gostassem unicamente de *rock*, já que

¹³⁴ Nota técnica da Diretoria do Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor em 2017, que apontava tal prática como abusiva e violadora do princípio da dignidade humana e da isonomia. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/dl/nota-tecnica-homem-mulher.pdf>

¹³⁵ F= Funcionária.

era a marca registrada do bar), além de buscar selecionar economicamente seu público, com a justificativa de conflitos e brigas no ambiente, como demonstrado pela funcionária (SANTOS, 2019, p.37).

Os aumentos causaram indignação entre frequentadores gays e lésbicas, embora muitos deles não tivessem abandonado o local, alegando ser um dos únicos lugares interessantes e seguros para pessoas LGBTQIAPN+ frequentarem:

Desde os 18 anos frequento aqui com meus amigos, mudou muito desde aquela época, as pessoas e principalmente o preço, lembro que era um, dois reais a comanda, já foi até de graça! Mesmo assim ainda acho o preço das bebidas barato e ainda é um dos poucos lugares tranquilos da cidade, dá pra (...) às vezes conhecer alguém sem ninguém olhar estranho (...). (Gustavo, gay, universitário, 26 anos) (SANTOS, 2019, p. 37).

Sobre os preços hoje em dia, o *TNC* tornou-se mais caro, muito provavelmente pela própria inflação, já que dois anos separam o antigo *Pirata's* do “bar/balada” atual. Entretanto, se chegar antes das 21h, geralmente não pagará para ter acesso ao bar. Após esse horário pode custar entre 15 e 20 reais, sem distinguir por gênero como aconteceu nos últimos anos de *Pirata's*. Interessante que se manteve o *frozen* no cardápio indicando o marco do seu consumo por aqueles que frequentavam o espaço anteriormente, mas hoje, os copos são visivelmente menores e custam 20 reais. Há também cerveja *litrão* da *Budweiser* por 15 e *long necks* de marcas variadas de 10 reais ou mais, outros drinks de bebidas destiladas também não custam menos de 20. Dos interlocutores como Daniel, não houve muitas reclamações quanto aos valores, mas eu mesmo considerei alto em relação a outros bares na redondeza, onde o antigo *Pirata's* e agora *TNC*, compõe uma *mancha* voltada aos universitários, como proposto no capítulo 2. Neste quesito, ainda, o *TNC* também figura numa posição intermediária em relação a lugares explicitamente LGBTQIAPN+ e outros totalmente heteronormativos, pois seus itens de consumo são mais caros que os da *Paradiso*, porém mais baratos que baladas heterossexuais fora dessa *mancha* da cidade.

As experiências de pessoas LGBTQIAPN+ especialmente quando ainda era o *Pirata's*, mas que também podem ser vistas hoje como *TNC*, tende a variar de acordo com as especificidades de cada pessoa que se identifica como tal, dentre elas, as suas próprias expressões de gênero e sexualidade que certamente provocam diferentes situações de receptividade e risco de exposição a alguma forma de violência. Digo isso

pois no mesmo *Pirata's* em 2015, houve um episódio de transfobia no local, no qual uma presente foi confrontada por outra e por um segurança ao usar o banheiro feminino.¹³⁶

Enquanto *TNC*, mesmo com nenhum indicativo muito explícito de que a casa se dirija ao público LGBTQIAPN+, sua imagem segue muito ligada a um ambiente direcionado para este público. É o que Lourenzo escuta de seus colegas universitários da Uniara, que tem duas unidades bem próximas ao bar:

(...) todo mundo que eu conheço que é hetero da faculdade diz que no TNC só tem gay e sapatão, daí, então, eu acho que é mais conhecido como um refúgio LGBT em Araraquara do que uma balada hetero como o Almanaque¹³⁷...eu acho que pelo fato de ser meio diferente.

Também foi devido à opinião de pessoas em geral que incluí o *TNC* nas análises e foi possível identificar a dinâmica e fluxo de suas noites conforme trazido. Finalizo assim, ressaltando o protagonismo que a ocupação de pessoas não cisheteronormativas mantém nesse espaço desde a época do *Pirata's*, devido, principalmente, às muitas alegações antigas e atuais, da pouca opção de lugares propriamente LGBTQIAPN+ na cidade. O mais notório é a possibilidade de trocas afetivas entre pessoas do mesmo sexo neste espaço físico, já notado desde o *Pirata's* mas com uma abertura mais visível hoje em dia no *TNC*. Nas primeiras horas das noites, os beijos são mais acanhados, sentados às mesas e costumam acontecer mais de casais que já chegaram formados. O clima esquenta quando o lugar ganha a ambientação de balada, onde é possível ver trocas assim na então pista de dança, entre pessoas que estão se conhecendo naquele momento.

O que também fica de interessante hoje em dia é que a dinâmica bar/balada do *TNC* faz com que seus frequentadores fiquem mais tempo no recinto, diferente de outrora, quando pessoas LGBTQIAPN+ passavam o início da noite no então bar *Pirata's* e a finalizava na boate *Paradiso* (SANTOS, 2019, p.38). Hoje em dia é mais comum uma interrupção neste percurso e seus públicos demonstrarem diferenças, principalmente de caráter etário, com um público maior de 25 anos preferir a *Paradiso* e os mais novos permanecerem no *TNC*, mas sem perder de vista muitos relatos das pessoas sempre pesquisarem com antecedência as opções para um determinado evento, sem uma estrita fidelidade a uma ou outra entre essas duas casas.

¹³⁶ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/transsexual-sofre-agressao-apos-usar-banheiro-feminino-em-bar-em-araraquara-veja-relatos-em-video/> (acesso em 30/07/2023).

¹³⁷ Uma casa noturna da cidade.

3.3.2 Mulheres e jovens em destaque na *Kush House*

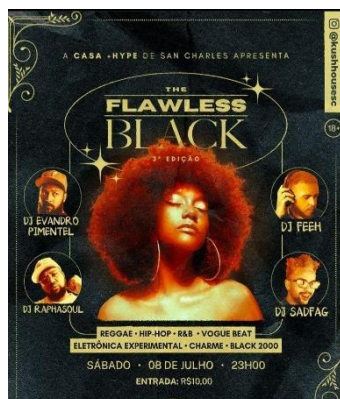
Minha primeira percepção dos frequentadores da *Kush House*, acentuada com as visitas no “arraiá da diversidade” e “The Flawless Black” (figuras 36 e 37, respectivamente) - a primeira mais próxima do movimento LGBTQIAPN+ mesclada com temas juninos e a outra que enalteceu a cultura negra - e acompanhando fotos dos demais eventos no *Instagram*, era de que se tratava de pessoas bem jovens, em volta dos 18 e 20 anos.

Figura 36 - *Flyer* da segunda festa visitada



Fonte: captura de tela da página no *Instagram* do estabelecimento¹³⁸

Figura 37 - *Flyer* da terceira festa visitada



Fonte: captura de tela na página do *Instagram* do estabelecimento¹³⁹

¹³⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtzpT3cgV13/> (acesso em 03/10/2023).

¹³⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CuXszK8AVMb/> (acesso em 03/10/2023).

Esse público mais jovem aparenta contar com pessoas que talvez se identifiquem como meninos e meninas heterossexuais e possivelmente garotas lésbicas, bi e pansexuais. Os presentes que fossem homens que se relacionam com outros homens, parecia ser um público mais velho, fato inferido pela apresentação corporal e de vestimenta (conforme traços e estilos também descritos no subtópico 3.1.2).

O público masculino ainda que pareça o maior, dividido entre os mais diversos interesses sexuais possivelmente, concorre com uma presença feminina muito expressiva e diversificada, que vão desde essas jovens não heterossexuais à outras mais velhas, com variações em apresentações corporais: algumas com muita maquiagem, acessórios e com roupas mais justas, enquanto outras com roupas mais largas, sem maquiagem ou muito leve e poucos adereços. O fato é que muitas delas formam casais lésbicos, algo mais visível aqui do que nos outros eventos pesquisados.

Retornando ao tema da faixa-etária, por mais que Pedro, por quem descobri a *Kush House*, tenha dito que a maioria das pessoas que ali frequentam são gays mais velhos, acredito que há, ao menos, duas razões nos atrativos da casa que indicam maior afinidade com pessoas mais jovens:

O cardápio de bebidas com muitos *drinks* doces e que misturam diversos ingredientes como leite condensado, vinho suave, menta e jurupinga, são opções que fazem com que os *drinks* fiquem mais fortes no teor alcóolico e a partir de experiências pessoais, falas de interlocutores nos diferentes contextos pesquisados e tentando analisar os presentes na *Kush House* propriamente, esses tipos de bebidas tendem a atrair pessoas mais jovens enquanto os mais velhos gostam de *drinks* que não sejam (muito) doces ou que misture tantos componentes diferentes num só, e assim, muitos deles também limitam-se ao consumo da cerveja. Outro indício dessa diferença, faço em comparação ao cardápio da *Paradiso*, por exemplo, que não conta com *drinks* feitos com leite condensado ou que misture muitas bebidas alcoólicas numa só e o público aparenta ser mais masculino e mais velho;

No que tange ao ambiente musical da *Kush House*, destaco o *trap* como um possível atraente de pessoas mais jovens, por ser um estilo relativamente novo, ao menos sua popularização no Brasil, onde Jorge Moraes (2023) aponta sua repercussão a partir

de 2017, especialmente entre este público (p. 03), primeiramente em favelas e periferias, alcançando em seguida classes sociais mais privilegiadas (p. 08). Na *Kush House* ela é apresentada juntamente com o *hip hop*, *rap* e *funk*, indicando certa homologia entre esses estilos que visam expressar as vivências e os modos de enxergar o mundo de pessoas e comunidades negras, denunciar formas de violências e desigualdades que enfrentam, mas também descrever uma vida mais confortável, a partir da ocupação de espaços mais elitizados, com acesso e consumo de bens de luxo. O *trap* brasileiro, mais melódico que o estadunidense (p.10), tem expressado mais a vertente da vida luxuosa ao lado do “funk ostentação”. O *trap* ainda se diferencia do *rap* e *hip hop* a partir de

uma batida mais forte, com sons mais rápidos, com o uso de sintetizadores multidimensionais, diversos sons eletrônicos, que trazem a sensação do som ecoar por todos os lados (...). O Hip Hop enquanto um movimento artístico-cultural, que subsidiou o surgimento do Rap, com música e poesia, enquanto o Trap não possui em sua essência as rimas, a poesia, mas o negro em outros cenários, na apropriação de espaços, através da cultura da ostentação” (MORAES, 2023, p. 11).

É neste sentido que se pode argumentar que a casa atrai um público mais jovem a partir dos gostos musicais associados a esta faixa etária, principalmente negros e negras cuja presença na *Kush House* mostra-se fundamental para a partilha de valores e subjetividades em comum dessa população, pois assim como a casa sustenta um discurso antilgbtobia, eles também se colocam como antirracistas.

3.3.3 Ser *friendly* e ser aliado

Além da comunidade LGBTQIAPN+, vemos que a *Kush House* busca reunir estilos que fogem do hegemônico e que defendem um discurso político progressista que dá espaço a expressões culturais periféricas. Essa afirmação foi melhor concebida quando, numa das festas, indo até o caixa, fui atendido pelo gerente e rapidamente, já que havia pessoas atrás de mim na fila, perguntei sobre a proposta do lugar. Comentei que estava o conhecendo e falei rapidamente da pesquisa. Ele justamente afirmou que não se trata exclusivamente de um lugar LGBTQIAPN+, mas, primordialmente, *antilgbtobia* e qualquer forma de preconceito. Em suas palavras, disse que a proposta era promover um

estilo alternativo que agradasse diferentes *tribos*¹⁴⁰, assim como, em *stories* fixados na página do *Instagram*, essa perspectiva é endossada:

Somos uma casa que agrega muito lazer e cultura de rua. (...) um ambiente temático inspirado na arte urbana com muito underground, hip hop, trap, funk. (...) aqui TODXS SÃO BEM VINDXS!!” (caixa alta do próprio *post*)¹⁴¹.

Além disso, é significativo o uso da linguagem neutra como forma de atingir o público reconhecendo variadas formas de manifestações e identidades de gênero. Muitas foram e seguem sendo as temáticas de festas relacionadas a comunidade LGBTQIAPN+, desde a inauguração da casa em novembro de 2022, especialmente em parceria com a APOLGBT de São Carlos. Por exemplo, logo em janeiro seguinte, relacionada com o dia da Visibilidade Trans (figura 38) entre outras, principalmente no segundo semestre de 2023, como, “Poc Hits” (01/09) (figura 39) e Queerfest (02/09) (figura 40)¹⁴². Além de festas temáticas, a casa conta em diversas noites com *DJs* LGBTQIAPN+, *drag queens* e *go go trans*.

Figura 38 - *Flyer* do evento dedicado ao dia da visibilidade trans



Fonte: captura de tela no *Instagram* do estabelecimento¹⁴³

¹⁴⁰ Em itálico, palavras dele.

¹⁴¹ Disponível em <https://www.instagram.com/stories/highlights/18243777151124742/> (acesso em 03/10/2023)

¹⁴² As duas das três que eu fui, não foram temáticas diretamente LGBTQIAPN+, a do dia da Visibilidade Trans eu ainda não tinha conhecimento do ambiente e no segundo semestre eu estava muito envolvido com as escritas do trabalho.

¹⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cn3C1ldrV1f/> (acesso em 06/10/2023).

Figura 39 - Flyer da festa “POC Hits”



Fonte: captura de tela no *Instagram*¹⁴⁴

Figura 40 - Flyer da “Queerfest”



Fonte: captura de tela no *Instagram* do estabelecimento¹⁴⁵

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwIU13mAIMq/> (acesso em 06/10/2023)

¹⁴⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cwn6UUAA2aN/> (acesso em 06/10/2023).

Neste rumo que, a partir da similaridade entre *Kush House* e *TNC* em torno de não serem espaços exclusivamente LGBTQIAPN+ que sublinho suas diferenças para com este público:

O *TNC* está mais detido a propor-se como uma alternativa cultural em Araraquara, restritamente relacionada ao conteúdo musical, fazendo com que atraia LGBTQIAPN+ que fogem de estilos e ambientes hegemônicos relacionados a um padrão de referências e entretenimento para heterossexuais. Além disso, a presença desse público deve-se também ao antigo *Pirata's*, que já os atraia a partir da reputação no imaginário da cidade de se tratar de um bar alternativo. Esta clientela encontra-se preservada no *TNC*¹⁴⁶ e a depender da concorrência dos bares héteros, não tende a perdê-la, o que faz do lugar também não procurar diversificar as atrações ou demonstrar engajamento mais notório às demandas dessa população. Este engajamento e outras mensagens enfáticas de apoio a comunidade LGBTQIAPN+ também não são vistas em redes sociais do *TNC*, em oposição à *Kush House* com se segue.

A *Kush House*, por sua vez, tem abraçado a comunidade de forma cada vez mais explícita, mesmo estando numa região com menos concorrência do que o *TNC*¹⁴⁷ a respeito do público LGBTQIAPN+. A casa faz cada vez mais festas temáticas a esse público como se viu, e diferente do *TNC*, diversifica as atrações para além de *DJs*, contando com artistas LGBTQIAPN+ como *drags* e *go go trans*, embora também haja *DJs* lésbicas e homens trans no *TNC*. Outro ponto que parece apenas um detalhe, mas tem sua relevância para avaliar essa relação com a comunidade, é o fato do *TNC* preservar banheiros divididos por sexo, o que não ocorre mais na *Kush House* e nem nas outras festas explicitamente LGBTQIAPN+ pesquisadas.

Desse modo, o *TNC* pode ter mais afinidade com a ideia de *friendly*, estabelecida aqui aos moldes de França (2007) como citado no início desse tópico, limitando-se a uma boa receptividade de pessoas LGBTQIAPN+ em suas dependências. Ao passo que a *Kush House* tem assumido uma posição de *aliada*, ao atender as necessidades de lazer de forma mais diversificada a este público e ampliando seu apoio ao rechaçar com veemência formas de violência a essas pessoas e disponibilizar seu espaço para que atividades de

¹⁴⁶ Mesmo que tenha se alterado a faixa etária e os rockeiros do antigo *Pirata's* praticamente o tenha abandonado.

¹⁴⁷ Já que o *TNC* está há poucas quadras da *Paradiso*.

engajamento encabeçadas pela APOLGBT, sejam mescladas com atrações culturais voltadas a esse público, havendo o próprio reconhecimento da associação, que premiou o estabelecimento com o troféu “amigos da diversidade” em agosto de 2023.

3.4 Música e álcool: importantes condutores da sociabilidade

3.4.1 O papel da música e o predomínio do *pop*

Falar a respeito da influência musical e sonora foi estimulado em toda a pesquisa a partir da festa *Gigabytes* da *IeS*, tendo em vista as emoções presenciadas em decorrência das músicas dos anos 2000 que tocaram durante toda a noite. Embora tenha despertado a nostalgia entre os presentes, as emoções manifestadas eram de entusiasmo e alegria, mais do que um saudosismo, até porque os ritmos dançantes dessas músicas e o volume estridente, opõem-se ao despertar de emoções mais depressoras. A euforia com gritos acontecia entre a transição de uma à outra, que demonstrava satisfação do público ao ver que uma nova música conhecida e provavelmente apreciada por praticamente todos, iniciava-se.

Isso se repete em outros eventos pesquisados quando se tocam músicas mais atuais, embora com menos nostalgia, mas com entusiasmo por conhecer as que se iniciam. Todavia, em festas como da *Paradiso* e *AQL*, a animação do público parece ser mais imprevisível do que nas da *IeS*. Naquelas, variam de acordo com a disposição do público em cada noite e percebi a forte relação do álcool e do número de presentes, já que a *IeS* em que o consumo de bebidas é mais facilitado e contam com milhares de pessoas, o público tem demonstrado muito envolvimento com a sonoridade que toca.

Pensando de uma forma geral a influência sonora, o que se vê nesses contextos a partir do/da *DJ* que estiver tocando ou da apresentação de *performers* e artistas musicais, é uma reação do público da qual seus

(...) corpos e mentes entram em profunda sintonia, passam a habitar tempo e espaço comuns, conectam os ouvidos, os movimentos do corpo, criando uma “nebulosa afetual”, como diz Maffesoli (1998), na qual se forma um grande transe emocional, afetivo, cognitivo, perceptual e sensitivo, disparado pelo som que penetra os ouvidos e é respondido pelos balanços de corpos, em imensas coreografias coletivas e por vozes coletivas, como se fosse um gigantesco coral comandado pelos regentes que estão no palco (JUSTO & FREITAS, 2016, p. 59).

Uma forma de linguagem e meio de interação social (PINTO, 2001, pp. 223, 224), a música atua no campo como um dos dispositivos mais potenciais de congregação de subjetividades e de meios de sociabilidades (JUSTO & FREITAS, 2016). A um estilo musical, pode ser atribuído uma referência cultural, estabelecendo assim, vínculos identitários de grupos que o consome, prática vista entre distintas *neotribos*: pessoas que se agregam em contextos urbanos em torno de um “universo simbólico composto por códigos, valores e práticas de negociação, interação, disputa e consenso” (CASTRO F.F., 2016, p. 83), sendo que na maior parte do tempo, estas pessoas não convivem. Os artefatos tecnológicos contemporâneos, a indústria cultural e seus equipamentos de comunicação, atravessam as relações das *neotribos* (CASTRO F.F., 2016, p. 82, 83).

Atrevo a considerar que grupos LGBTQIAPN+, assumem ao menos provisoriamente, uma condição *neotribal*, nesses momentos em que se reúnem em contextos de lazer, tendo em vista a máxima de que “neotribalismo é uma vontade de estar junto (*être-ensemble*)” (CASTRO F.F, 2016, p. 87), por simples afinidade, sem obrigatoriedade e formalismos. São momentos temporários, dos quais as festas tentam promover certa neutralização das diferenças sociais¹⁴⁸ que existem entre os presentes na dispersão do cotidiano, a partir da reunião através do marcador de gênero e sexualidade que de um ou mais modos, assemelham-se por não fazer parte do modelo hegemônico. Em síntese, em festas LGBTQIAPN+, se “encontra uma temporalidade específica, com códigos próprios e eficazes que permitem a sociabilização” (p. 93). Acentuo o caráter provisório de uma posição *neotribal* desses grupos para não descaracterizar o tom político do movimento LGBTQIAPN+ e nem a noção de *neotribal* desenvolvida por Fabio Fonseca de Castro, em que o elemento central de uma *neotribo* não se dá efetivamente por meio político:

Ainda que em muitas *neotribos* se encontre um discurso crítico bem construído e articulado e ainda que muitas delas se opunham, frontalmente, a processos de dominação social, acreditamos que o elemento aglutinador central dos sujeitos que dela fazem parte é, ainda, a experiência estética – no sentido empático, por meio da *aesthesis*. Ou seja, há nas *neotribos* necessariamente insistência, mas não necessariamente resistência (CASTRO F.F. 2016, p. 97).

Há outros objetos e símbolos que permeiam os processos de agregação e subjetivação LGBTQIAPN+, como o álcool, mas se as sociabilidades aqui envolvidas

¹⁴⁸ O que não é garantido plenamente, pois como vimos, os agentes envolvidos nas festas operam escolhas com as pessoas que querem se relacionar, principalmente de forma mais íntima, a partir de suas características físicas.

não se findam no seu consumo, o sonoro e musical soam mais saltares para conduzir as festas e o humor do público. Afinal, dá para imaginar uma reunião de milhares de pessoas por oito horas sem música de fundo?

Pretendo agora discutir porque exatamente é a música *pop*, especialmente feita e interpretada por mulheres, com domínio internacional¹⁴⁹, que exerce esse papel de “afinação das subjetividades” (JUSTO & FREITAS, 2016) entre grupos LGBTQIAPN+, especialmente gays, que pela maioria numérica acaba engendrando os seus gostos musicais como o predominante para toda a comunidade.

Um primeiro apontamento, segundo Mavi Bayton (apud LEAL, 2017), está na associação de estilos musicais ao binarismo de gênero, no qual *pop* é relacionado com o universo feminino devido sua tradição em produzir músicas romantizadas e sentimentais, em oposição ao *rock*, que representaria o polo masculino a partir de uma expressão mais agressiva e combativa. Neste sentido, os padrões de comportamentos gays rompe com tal ideal masculino e se aproxima daqueles que seriam mais habituais às mulheres, partindo daí esse reconhecimento com as cantoras.

Wellton Leal (2017) avança nesta problemática historicizando a veneração e o verdadeiro endeuamento¹⁵⁰ de mulheres da moda, do cinema e principalmente da música por parte de homens homossexuais a partir do século XX. Muito disso está relacionado a imagem glamourosa e exuberante que essas artistas transpareciam, gerando admiração dos fãs, que mais do que mera identificação com seu comportamento, acreditavam compartilhar da fama de suas ídolas (p. 12, 13).

Detenho-me, contudo, em sublinhar o papel da *Dance Music* e do surgimento da cantora Madonna. O primeiro tem seu auge nos anos 1980, em que músicas como “I Will Survive” de Gloria Gaynor estouravam, expressando atitude e mobilização feminina, algo que acontecia concomitante a maturação do movimento gay e músicas como essa e danceterias, foram consumidas por homossexuais empregando nesses recursos, uma potencialidade cultural ao movimento que ainda era jovem e sem muitas referências (LEAL, 2017, p. 13, 14). Madonna, ao surgir, expande sua atuação para além do cantar,

¹⁴⁹ Mesmo já concorrendo com as nacionais, seja na *IeS* com os shows ao vivo de brasileiros e do *funk* e *pop* nacional que também não deixam de ter seu espaço, mas ainda menos que uma maior valorização nacional notada na *Paradiso* e *AQL*. Nesta pesquisa, percebi uma maior reprodução de músicas nacionais nestes dois últimos do que quando as pesquisei na graduação.

¹⁵⁰ Haja visto a própria forma como os fãs as chamam: “Divas”.

provocando revoluções estéticas, expressando com mais vigor a liberdade feminina, abordando com provocação temas como sexualidade, política e religião, ditando novas tendências de moda, com simultâneo sucesso comercial e conquistando massas, chamando atenção principalmente de grupos subalternizados como negros, latinos e os então movimentos gays. Essa fórmula que articula estratégias de marketing e estética, segue sendo reaplicada desde os anos 1990, produzindo novas divas pop (LEAL, 2017, p. 14, 15).

3.4.2 Efeito individual e coletivo do álcool

No trabalho de pesquisa desta fase, diferente da monografia, na *AQL* não houve edições *open bar*, o que gerou diferente comportamento e relação com o evento como já foi apontado, não ocorrendo também festas assim na *Travada*, *TNC* e *Kush House*. Na *Paradiso*, esse formato ocorre esporadicamente, sendo que presenciei uma delas, a *Toma no pop* (figura 16) e logo percebi uma diferença no comportamento dos presentes graças à facilitação no consumo de álcool. Conforme passavam as horas, as pessoas demonstraram maior agitação e envolvimento, a maioria estava consumindo as bebidas alcoólicas, potencializando essa postura, o que faz com que todos possam vir a considerar uma boa noite de festa. Via-se assim, maiores trocas entre grupos que a princípio não se conheciam, relacionando-se de maneira jocosa e desavergonhada, ocorrendo com maior frequência em certo ponto da noite, mais trocas de beijos e afetos em geral.

Com certa semelhança, porém com mais intensidade, este fenômeno é visível nas festas grandes da *IeS* que são todas *open bar*, principalmente do meio para o fim das edições. São nesses momentos que as pessoas que até então não se conheciam, estão mais próximas e socializando com as então desconhecidas, não só com flertes e beijos, mas dançando juntas, conversando, rindo, se divertindo no geral e pode ser que muitas troquem contatos como número do *whatsapp* ou conta do *Instagram* para estabelecer futuras relações ou no mínimo seguirem-se nas redes sociais. É impossível não relacionar o consumo do álcool com o aumento e leveza das interações e criação de intimidades entre desconhecidos. Os presentes estão sempre abastecendo suas canecas, cada vez mais, ao longo da noite.

A alteração do comportamento daqueles que consomem álcool (por contraste, a maioria) são de efeito: 1) individual, a partir das alterações que a substância provoca na percepção, nos sentidos e nos comportamentos ou mesmo na personalidade; 2) grupal, entre os que estão fazendo seu uso, pois suas ligações vão se estreitando e as relações são cada vez mais coordenadas por certa intimidade temporária, em detrimento das convenções sociais. Ou seja, em locais festivos para facilitar as interações, o álcool opera como um “lubrificante social” (NEVES, 2004).

Curiosamente, mesmo sendo *open bar*, as festas da *IeS* não costumam ocasionar grandes danos aos frequentadores, ao menos quando eles ali estão. Quem passa do ponto, expressa mais uma indisposição física prontamente assistida pela equipe de redução de danos, do que alguma ação inconveniente que desarmoniza as relações em desenvolvimento, como Eduardo Zanella (2011) demonstrou. Para o autor, os processos de sociabilidade em torno das bebidas, automatizam-se delas e ganham fins em si mesmos, como qualquer outra forma de sociabilidade postulada por Simmel (2006, p. 59) e cria regras e valores em torno do uso do álcool, recriminando o seu consumo em excesso, a ponto da embriaguez de alguém perturbar a convivência do grupo, dissolvendo a sociabilidade constituída (ZANELLA, 2011, p. 169).

Entretanto, vimos ao longo deste capítulo que o álcool não é o único catalisador dos processos de sociabilidades e intersubjetividades que ocorrem nos locais de pesquisa, havendo outras motivações para o deslocamento e permanências nestes ambientes, como a própria sensação de segurança a qualquer recriminação de cunho lgbtfóbico e a possibilidade de estar presente em espaços que se compartilham códigos culturais comuns ao movimento, como a sonoridade, a músicas e as performances artísticas.

COMPARAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma constante na forma em que foi se desenvolvendo esta pesquisa, relaciona-se à trabalhos de comparação em dois sentidos: O primeiro, das relações, dos processos de sociabilidade no lazer noturno e das condições políticas e sociais da comunidade LGBTQIAPN+ entre Araraquara e São Carlos, apresentando as especificidades de cada um dos municípios, constatando suas diversidades, das quais olhares distanciados e a insistente leitura homogeneizadora do interior, diriam que são iguais, até mesmo por conta da aproximação geográfica. Segue nos próximos cinco parágrafos os resultados desta primeira forma de análise comparativa:

Os capítulos 1 e 2 demarcam com mais clareza as diferenças entre as vizinhas, que vão desde Araraquara encontrar-se hoje com políticas públicas mais consistentes, até o fato de haver mais espaços fixos, no tempo e no espaço, de lazer noturno para este grupo, como os mais de 20 anos de *Paradiso*, 10 de *AQL* e até mesmo a receptividade de um público não cis heterossexual entre a transição de *Pirata's* para *TNC*, que também se somam mais de 10 anos. Diferente de São Carlos, com menor investimento público para a comunidade e no ramo do lazer, em que a festa da *IeS* se mostra como a mais relevante, mas não sendo um espaço fixo e regular e a *Kush House*, recém-chegada, surgir como uma esperança de ser um ambiente aliado à comunidade.

Por mais que São Carlos pareça neste momento menos consolidada em ofertas para o público LGBTQIAPN+, a grandiosidade da *IeS* a torna o maior evento entre as duas cidades para este segmento, colocando-se ainda como uma das principais festas universitárias ao lado de outras de cunho heteronormativo, uma das forças que demonstra a não passividade do público LGBTQIAPN+ e sua capacidade de seguir fazendo, utilizando-se de Agier (2015), uma cidade para si. Neste caso, o entretenimento tem essa função, sendo ferramenta que não pode ser subestimada para este fim, pois detém sua potência política (ALMEIDA, 2020).

Em relação à Araraquara, é preciso ressaltar que quando se trata de direitos LGBTQIAPN+, não se deve descartar mais avanços e que para este grupo, em qualquer contexto, os direitos quando alcançados não são eternizados: é preciso manter-se ativo e vigilante para sua preservação, diante das transformações políticas e sociais, principalmente as interferências conservadoras, que inclusive, atuaram recentemente a

nível nacional a fim de *desinstitucionalizar* as políticas públicas que já haviam sido alcançadas para esta população no Brasil (FEITOSA, 2021).

A mobilização política e social também deve se manter atuante até mesmo para esses lugares de lazer tornarem-se ainda mais democráticos, pois a pesquisa confirma a predominância masculina cis gay em quase todos os lugares, com exceção da *Travada*, que apesar de romper com esse domínio e exercer certo vanguardismo ao dar protagonismo às mulheres trans numa cidade média e interiorana, não deixa de apresentar limitações, juntando-se aos outros em relação a pouca presença de homens trans, revelando particularidades, tensões e demandas específicas internas à comunidade LGBTQIAPN+ nesta localidade.

As duas cidades têm em comum o fato do lazer LGBTQIAPN+ ser majoritariamente produzido pela iniciativa privada, o que certamente afeta camadas mais pobres devido aos gastos envolvidos. Geralmente, o setor público tende a oferecer atividades sazonais como a Parada do Orgulho. No caso de Araraquara há uma esperança futura com a recente aprovação da construção de um centro cultural LGBTQIAPN+ através do programa local do Orçamento Participativo voltado à comunidade.

A segunda forma de comparação executada, por sua vez, recupera perspectivas que aliam São Carlos e Araraquara por serem vizinhas, possuírem semelhanças geográficas e demográficas e por serem amplamente reconhecidas como cidades médias do interior, no intuito de colocá-las em contraste à contextos metropolitanos, palco em que há maior número de pesquisas similares, para identificar diferenças e aproximações entre essas duas dimensões urbanas. Neste sentido, há diferenças e semelhanças, respectivamente:

Por realizar eventos que visam a comunidade LGBTQIAPN+ como um todo, sem afunilamentos mais específicos deste público, como é comum em cidades maiores, em recintos como a *The Week* (FRANÇA, 2012) e na *Ursound* (FRANÇA, 2012; CAROBA, 2021) na capital paulista, que além de priorizar homens que fazem sexo com homens, opera implícita (a primeira citada) e explicitamente (a segunda), diferenciações baseadas em suas características físicas, com o objetivo de atender as expectativas de desejo e identificação dos próprios frequentadores. Sequer convém aos comerciantes que atuam no lazer noturno LGBTQIAPN+ local, como na boate *Paradiso* e nas festas *AQL* e *IeS*, dedicar eventos para essas categorias específicas. Como efeito, é visto nas festas, corpos

com mais variações físicas e que as escolhas principalmente relacionadas a parcerias afetivas e sexuais, são manejadas no interior desses ambientes, sem uma seleção prévia feita pelo estabelecimento, como discorrido no capítulo três;

Araraquara, São Carlos e metrópoles como São Paulo, possuem similaridades em relação à atrativos culturais presente nas festas. Embora haja diversificações de um estabelecimento ao outro dentre os pesquisados, no geral, predomina no cenário cultural LGBTQIAPN+, as músicas *pop* e eletrônicas, nacionais e internacionais, principalmente de intérpretes femininas e atrações como *drag queens* e *go go boys*, fruto de todo um conjunto de mercadorização e globalização de bens culturais e de consumo destinados à comunidade, iniciados especialmente a partir dos anos 1990 (PARKER, 2002; FRANÇA, 2007; NASCIMENTO & SOUSA NETO, 2012; LEAL, 2017; QUINALIA, 2018). Porém, ao longo do tempo e nas diferentes localidades, operam-se ajustes e adaptações desta influência, como no caso de Araraquara e São Carlos, um consumo considerável do *funk* nacional na figura de mulheres, artistas locais e performances de *Ballroom* com letras e ritmos brasileiros na *Travada*, consequência de processos de transnacionalização da cultura, segundo Henrique Cintra Santos (2018).

O terceiro capítulo desta dissertação, ainda funde os campos pesquisados nas duas cidades, para descrever as dinâmicas das relações nas festas, principalmente sob os marcadores sociais da diferença e a maneira como as identidades são manejadas pelos agentes nestes ambientes. Logo, por mais que a categoria LGBTQIAPN+ possa atuar como o elemento coesivo para germinar uma sociabilidade em torno de interesses e referências culturais comuns a este grupo, em concordância ao conceito clássico em Simmel, o seu desenrolar ocorre através de elementos que os diferenciam, demonstrando que a sociabilidade também é composta de assimetrias e alteridades (TOLEDO & SOUZA JR, 2020; TOLEDO, 2021).

Tais exercícios de comparação nos leva a finalmente considerar que as características que aproximam e distanciam Araraquara e São Carlos entre si e aquelas postas em relação às metrópoles e os modos de operação das sociabilidades nos eventos, são as principais marcas da vida LGBTQIAPN+ reconhecidas neste recorte, representando uma das muitas possibilidades de interiores e cidades médias (GONTIJO & ERIK, 2015; DOMINGUES & GONTIJO, 2021; MARQUES, 2020), atreladas as suas formas de desempenhar condutas LGBTQIAPN+.

Neste sentido, ao buscar compreender as práticas de sociabilidade e lazer neste contexto, identifica-se algumas especificidades subjetivas desses agentes sob o cruzamento de demarcações regionais e sexuais, demonstrando a eficácia do trabalho etnográfico em reconhecer processos diversos de constituição, alteração e manejo das identidades, devendo ser lidos não como estáticos e resultado de macro processos sócio-históricos e interpelações, mas também como produto das relações cotidianas em contextos distintos em constante performatividade (DULLEY & MUNIAGURRIA, 2020). Os modos como o lazer LGBTQIAPN+ de Araraquara e São Carlos aglutinam tais pessoas, produzem suas relações específicas que incidem na forma como vivem, circulam e atuam em outros espaços de suas cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. 2011. *Antropologia da Cidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome,
- AGIER, Michel. 2015. “Do Direito à Cidade ao Fazer-Cidade. O Antropólogo, a Margem e o Centro”. In.: *Mana*, 21(3), pp. 483-498,
- ALMEIDA, Diego Roquette Godoy. 2020. “Política e resistência no lazer noturno homossexual”. In.: *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4), pp. 1251-1267..
- BARBOSA, Maria Carolina Rosa Orlando. 2022. *Avanços e desafios nas políticas de Promoção de acesso e permanência de estudantes negros (cotistas) na UFSCar 2022*. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSCar.
- BEMERGUY, Telma S. 2019. “Antropologia em qual Cidade? Ou porque a ‘Amazônia’ não é lugar de ‘antropologia urbana’”. In.: Dossiê: Cidades do interior, interior das cidades. *Ponto Urbe* (online) 24.
- BENTO, Berenice. 2017. *A Reinvenção do Corpo: Sexualidade e Gênero na Experiência Transsexual*. Salvador: Garamond.
- BERRY, Maia J.; ARGÜELLES, Claudia C.; CORDIS, Shanya; IHMOUD, Sarah & ESTRADA, Elizabeth V. 2017. “Toward a fugitive anthropology: Gender, race, and violence in the field” In.: *Cultural Anthropology*, 32(4), pp. 537-565.
- BRAGA, Gibran Teixeira. 2019. “A pista é um laboratório”: afetos e experimentação em cenas de Música eletrônica underground. In.: *Revista Visagem*. v. 05, n. 01, pp. 223-252.
- BUTLER, Judith. 2020. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CAROBA, Pablo Vinicius Pizzelli. 2021. *Ursos ao vivo: masculinidades como prática de si no Contexto online*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal De São Carlos, São Carlos,
- CARVALHO. Claudio O. & MACEDO JR, Gilson S. 2017. “ ‘Isto é um lugar de respeito!’: a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano.” In.: *Revista de Direito da Cidade*. v. 9, n. 1, pp. 103-116.

- CARVALHO, Pâmela T & GARCIA, Luciana C. 2022. “A (des)ordem do corpo: costuras entre moda e gênero”. In.: *dObras*. n. 36, pp. 54-76.
- CASTRO, Ana Lúcia de. 2016. “Sentidos do Consumo e Fronteiras Simbólicas: uma etnografia entre Grupos de baixa renda em um município da Grande São Paulo, Brasil”. In.: *Etnográfica: Revista Do Centro em Rede de Investigação em Antropologia.*, v.20, pp. 100-117.
- CASTRO, Fábio Fonseca de. 2016. “O neotribalismo e outras socializações pós-modernas”. In: *Revista Interface*. v. 02, n. 25, pp. 82-99.
- CAVALCANTI, Joel. 2023. *Retorno da Cultura Clubber*. A União. Disponível em https://auniaio.pb.gov.br/noticias/caderno_cultura/retorno-da-cultura-clubber. Acesso em 25/05/2023.
- CICCO, Shelton Y. J. & PELÚCIO, Larissa. 2018. ““No interior não tem nada pra fazer”: derivas das sexualidades no interior paulista”. *Periódicus*. N.9 v. 1: 345-376.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. 1997. *Mil Platôs*. v 05. São Paulo: Editora 34.
- DINIZ, Antony Henrique Tomaz. 2019. *Os Ursos e Seus Corpos: Uma Antropologia Erótica das Diferenças*. Curitiba: Appris.
- DOMINGUES, Bruno R. C. & GONTIJO, Fabiano S. 2021. “Como assim, cidade do Interior? Antropologia, Urbanidade e Interioridade no Brasil. In.: *Ilha*. v. 23, n. 3, pp. 61-83.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. 2006. *O Mundo dos Bens: Para uma Antropologia do Consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- DULLEY, Iracema & MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de. 2020. “Performance, Processos de Diferenciação e Constituição de Sujeito”. In *R@U – Revista de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, n. 12, jan-jun., pp. 8-18.
- ESTEVAM, Aleson Lima Gomes; GERALDES, Elen. 2021. “Vogue, logo existo: a comunicação Política-corporificada da Ballroom”. In.: *Revista Anagrama*. São Paulo, ano 15, v. 1, jan-jun, pp. 01-13.
- FAVRET-SAADA, Jeane. 2005. “Ser afetado” (P. Siqueira, trad. [obra original publicada em 1977]). In.: *Cadernos de Campo*, 13(1), pp. 155-161.

FEITOSA, Cleyton; SILVA, Elder L. S. & ZACARIAS, Vinícius S. S. 2020. “Reflexões Críticas da mesa ‘Ser ‘Gay’ de interior’: vivências, existências e resistências político-afetivas”. In.: *Diários de Campo*. vol. 06 n. 02, pp. 311-332.

FEITOSA, Cleyton. 2021. “Do ‘Kit Gay’ ao ‘Ministério da Família’: a desinstitucionalização das políticas públicas LGBTI+ no Brasil”. In.: *Cadernos de Gênero e Tecnologia*. v. 14, n, 43, pp. 74-89.

FRANÇA, Isadora L. 2007. “Identidades coletivas, consumo e política: a aproximação entre mercado GLS e movimento GLBT em São Paulo”. In.: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 13, n. 28, pp. 289-311.

FRANÇA, Isadora L. 2012. *Consumindo Lugares, Consumindo nos Lugares: Homossexualidade, Consumo e Subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

FRANCO, Neil & SALVADOR, Nayara R. C. 2020. “ ‘Todo mundo tá sempre tomando conta da vida dos outros’: vivências e trajetórias LGBTQIA+ em contextos interioranos”. In.: *Revista Debates Insubmissos*. Caruaru, ano 3, v.3, n.9, pp. 253-282.

FREITAS, Aline A. S. & GHIRALDELLO, Luciane. 2014. “Lazer LGBT em Poços de Caldas/MG: Um breve estudo”. In.: *Revista do Curso de Administração/PUC Minas*. Edição 2014. Artigo 02.

FRÚGOLI JR, Heitor. 2007. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro: Zahar

GALBIERI, João O. 2021. “Quem descobre quem? Sentidos de gênero, classe, raça e Juventude em festas universitárias LGBTQ+”. In.: *Áskecis*. v. 10, n. 02, pp. 71-91.

GALBIERI, João O. & DAVID, Leticia C. S; (orgs). 2021. *MAPPÁ - Mapeamento do Avanço nas Políticas Públicas de Atenção às populações LGBTI+ de São Carlos*. São Carlos. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1fRTQbBLixPJzsw8DXzmGFQZ4rAQWNecB/view>
(acesso em: 23/06/2022)

GOMES, Christiane. 2014. “Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura”. In. *Revista Brasileira De Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 1, n.1, pp 3-20.

- GONTIJO, Fabiano & ERIK, Igor. 2015. “Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e...Exortações”. In.: *Aceno*. V. 2, n. 4, pp. 24-40.
- GREEN, James N. 2000. *Além do carnaval – A Homossexualidade no Brasil no Século XX*. São Paulo: Unesp
- HAESBAERT, Rogério. 2004. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. São Paulo: Bertrand Brasil.
- HARAWAY, Donna. 1995. “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da parcial” (M. Corrêa, Trad. [obra original publicada em 1988]). In.: *Cadernos Pagu*, 5(1), pp. 07-41.
- IBGE. 2015. *Áreas urbanizadas do Brasil / Coordenação de Geografia*. 2017. Rio de Janeiro: IBGE
- JUSTO, José Sterza; FREITAS, Cledione Jacinto. 2016. “Afinação da subjetividade: música e Tribalismo urbano”. In.: *Barbarói*. Santa Cruz do Sul, n. 48, pp. 52-68.
- KAMAKURA, Wagner & MAZZON, José A. 2013. *Estratificação socioeconômica e consumo no Brasil*. São Paulo: Blucher.
- KRAUSE, Jana. 2021. “The ethics of ethnographic methods in conflict zones”. In.: *Journal of Peace Research*, 58(3), pp. 329-341.
- LANDINI, Tatiani S. 2007. “Jogos Habituais – sobre a noção de Habitus em Pierre Bourdieu e Norbert Elias”. In.: *Anais do X Simpósio Internacional: Processo Civilizador*. FEF – UNICAMP.
- LEAL, Wellthon Rafael Aguiar. 2017. *A construção das identidades dos homossexuais masculinos a partir do consumo das divas pop*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). UFPE. Recife.
- LEITÃO, Débora K. & GOMES, Laura G. 2017. “Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões”. In.: *Revista Antropolítica*. Niterói, n. 42, pp. 41-65.
- LIZASO, Marcella. 2021. “Respeita o bate panela”. *Newronio*. Disponível em: <https://newronio.espm.br/respeita-o-bate-panela/>

- LOPES, Oscar G. 2017. “Gays afeminados ou a poluição homoerótica”. In. *Periódicus*. Salvador, n. 7, v. 1, pp. 405-422.
- MACRAE, Edward. “Em defesa do gueto”. 2005. In: GREEN, James Naylor; TRINDADE, José Ronaldo (Org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Ed. da Unesp, pp. 291-308.
- MAGNANI, José G. C. “Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na MetrÓpole”. 1996. In.: MAGNANI, José G. C. & TORRES, Lilian L (orgs). *Na MetrÓpole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp,
- MAGNANI, José G. C. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In.: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 49, p. 12-29.
- MARTINS, Vinicius Gusmão. 2020. “Terê, a cidade das pedras: para um estudo da pixação no contexto não metropolitano”. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFF. Niterói.
- MAUSS, Marcel. 2003. “As técnicas do corpo”. In.: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: COSACNAIFY, pp; 399-422.
- MORAES, Jorge A. N. 2023. “Da palavra à performance: memória e ficção no Trap”. In.: *Revista Periferia*, v. 15, pp 1- 30.
- NASCIMENTO, Andrew F. & SOUSA NETO, Miguel R. 2012. “O Surgimento dos Grupos Homossexuais no Brasil Contemporâneo”. In.: *Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural*, pp .01-13. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20\(56\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2012/Link%20(56).pdf)
- NEVES, Delma P. 2004. “Alcoolismo: Acusação ou diagnóstico?” *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 20(1), pp. 7-36.
- NOLETO, Rafael; MAGNI, Claudia T & RIETH, Flavia. 2019. “Cidades do interior, interior das cidades: apresentação”. In.: Dossiê: Cidades do interior, interior das cidades. *Ponto Urbe*, 24(1), pp. 01-04.
- OLIVEIRA, José M. D. & MOTT, Luiz (orgs.). 2022. *Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil: relatório 2021*. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia,

- OLIVEIRA, Thiago L. 2022. *Formas de ocupar o impossível: corpo, afeto e transformação social no processo de urbanização da tríplice fronteira amazônica*. Tese de Doutorado, PPGAS/Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- PARKER, Richard. 2002. *Abaixo do Equador – culturas do Desejo, Homossexualidade Masculina e Comunidade Gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record.
- PASSAMANI, Guilherme R. 2010. “‘Na Batida da Concha’: um olhar Antropológico sobre Homossexualidade Masculina no Interior do Rio Grande do Sul”. In.: *Revista Sociais E Humanas*, 19(2), pp. 121-134.
- PELÚCIO, Larissa & DUQUE, Thiago. 2013. “ ‘...Depois querida, ganharemos o mundo’: Reflexões Sobre Gênero, Sexualidade e Políticas Públicas para Travestis Adolescentes, Meninos Femininos e outras variações”. In.: *Revista de Ciências Sociais*. v. 44, n.1, pp; 10-43.
- PEREIRA, Cleber S. & PRADO, Guilherme A. S. 2021. “(Re)Existências POC: modos de subjetivação e ativismo”. In.: *INTERthesis*. Florianópolis. V. 18, pp. 01-22.
- PERLONGHER, Néstor. 1987. *O Negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense.
- PÉTONNET, Colette. 2008. “Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense”. In.: *Revista Antropológica*. n. 25, pp. 99-111.
- PINTO, Tiago O. 2001. “Som e música Questões de uma Antropologia Sonora.” In.: *Revista de Antropologia*. 44(1), pp. 222-286.
- QUINALIA, Renan; *et. al.* 2018. “Dossiê, ‘O Movimento LGBT Brasileiro: 40 anos de luta’” . In.: *CULT – Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo, n. 235, pp. 20-43
- REDFIELD, Robert. 1947. “The folk society”. In.: *American Journal of Sociology*, v. 52, n. 4, pp. 293-308.
- REIS, Bruno. 2021. “O gênero e a sexualidade como gestos: codificações de gênero no voguing e na cena ballroom carioca”. In.: *Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 12*. Florianópolis.

- RODRIGUES, André R. 2019. “A cidade das pessoas e as pessoas da cidade: notas sobre construções, transformações e apropriações do espaço público urbano em São Carlos/SP”. In.: CASTRO, Ana Lúcia & PAOLIELLO, Renata M. (orgs). *Mediações culturais e ressignificações simbólicas na cultura contemporânea*. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, pp. 11-33
- RUBIN, Gayle. 2018. “Estudando Subculturas Sexuais: Escavando as Etnografias das Comunidades Gays em contextos urbanos da América do Norte”. In.: *Teoria e Cultura – Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF*. Juiz de Fora, n. 1, pp. 247-287.
- SALLES, Ecio P. 2007. “Funk, samba e a produção do comum: diálogos, sons, interações”. In.: *Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação*. pp. 01-16.
- SANTOS, Henrique C. 2018. *A transnacionalização da cultura dos Ballrooms*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). UNICAMP. Campinas.
- SANTOS, Mateus R. 2019. “*É SÓ O QUE TEM NESSA CIDADE!*”: *Locais de Sociabilidade, Consumo e Lazer Noturno LGBT no Município de Araraquara*. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). UNESP.
- SANTOS, Mateus R. 2022. “Redes de Sociabilidade, Lazer e Consumo como processadores de Subjetivações LGBTQIA+ nos Municípios de Araraquara e São Carlos”. In.: *Anais da 33ª Reunião Brasileira de Antropologia*. Curitiba.
- SANTOS, Mateus R. & RODRIGUES, André R. 2023. “Entre a familiaridade e a afetação: considerações ético-metodológicas sobre uma etnografia em festividades LGBTQIA+ de Araraquara e São Carlos”. In.: *R@U – Revista de Antropologia da UFSCar*. São Carlos, 15 (1), pp. 56-79.
- SARAIVA, Marina R. O. 2012. “Territórios dos sentidos: da emergência dos processos de subjetivação na metrópole contemporânea.” In.: *Revista Espaço Acadêmico*. n. 132, ano XI, pp. 21-29.
- SIMMEL, Georg. 2006. *Questões Fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- STRATHERN, Marilyn. 1999. “No limite de uma certa linguagem (entrevista)”. In.: *Mana*, v. 5, n. 2, p.157-175.

TOLEDO, Luiz H. & SOUZA JR, Roberto. 2020. “Sociabilidade Pandêmica? O que uma Antropologia Urbana pode dizer a respeito da crise deflagrada pela COVID-19”. In.: *Cadernos de Campo – USP*. São Paulo. v. 29, pp. 53-64.

TOLEDO, Luiz H. 2021. “Sociabilidade: Etnografia de um Conceito”. In. CAMARGO, Wagner X.; PISANI, Mariane S. & ROJO, Luiz F. *Vinte Anos de Diálogos: Os Esportes na Antropologia Brasileira*. Brasília e Curitiba: Brazil Publishing, pp. 24-42.

TOURINHO, Francis S. V. 2017. *Glossário da Diversidade*. Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina.

VELHO, Gilberto; MACHADO, Luiz A. 1976. “Organização Social do meio urbano” . In.: *Anuário Antropológico*, 1(1), pp. 71-82.

VELHO, Gilberto. 2004. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VERGUEIRO, Viviane. 2016. “Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial”. In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G.; MOUTINHO, L., (orgs.) *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. [online]. Salvador.

ZANELLA, Eduardo. 2011. “Não dá para sair do morro: pertencimento e sociabilidade no consumo de bebidas alcoólicas em um bar popular de Porto Alegre”. In.: *Plural*. v. 18.1, pp. 155-173.

ZIMMER, Aida. 2021. “A estética ‘twink’ e os novos paradigmas da masculinidade”. In.: *Jornal Universitário do Porto*. Disponível em: <https://www.juonline.pt/cultura/artigo/41171/estetica-twink-os-novos-paradigmas-da-masculinidade-no-mundo-das-artes.aspx>